



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE

**A JUVENTUDE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS: A INFLUÊNCIA DO
GRUPO DE PARES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS JOVENS**

SILVANA BARBOSA PINTO

Manaus, dezembro de 2015

SILVANA BARBOSA PINTO

**A JUVENTUDE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS: A INFLUÊNCIA DO
GRUPO DE PARES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS JOVENS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cerquinho de Brito

Manaus, dezembro de 2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P659j Pinto, Silvana Barbosa
A juventude e as interações sociais: a influência do grupo de pares e a constituição da identidade dos jovens / Silvana Barbosa Pinto. 2015
173 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cerquinho de Brito
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Juventude. 2. Grupo de Pares. 3. Interações sociais. 4. Identidade. I. Brito, Prof. Dr. Luiz Carlos Cerquinho de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título



SILVANA BARBOSA PINTO

A JUVENTUDE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS: A INFLUÊNCIA DO GRUPO DE PARES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS JOVENS

Projeto de qualificação apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a realização da pesquisa e dissertação de mestrado.

Avaliado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Cerquinho de Brito – Presidente
Universidade Federal do Amazonas/FACED – UFAM

Prof.^a Dr.^a Zeina Rebouças Corrêa Thomé – Membro
Universidade Federal do Amazonas/FACED – UFAM

Prof.^a Dr.^a Marilina C. O. Bessa Serra Pinto – Membro
Universidade Federal do Amazonas/ICHL – UFAM

Prof.^a Dr.^a Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel – Suplente
Universidade Federal do Amazonas/ FACED – UFAM

Manaus, dezembro de 2015

A Deus que com sua grandeza divina conduz a minha existência terrestre.

À minha família amada que de forma especial e atenciosa me fortaleceu nos momentos de dificuldades, iluminando de maneira essencial a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida e orientador do meu caminho, sempre presente em todas as horas. Ao mestre Jesus, meu guia e modelo, bússola da minha existência, pois sem Ele eu não teria forças para essa longa jornada.

Aos meus pais Moisaniel Barbosa e Ariadne Barbosa (in memoriam), pelo amor incondicional que considerou a minha marcha evolutiva, apresentando como presentes os livros e o incentivo a leitura, ensinando que o mergulho na literatura desde a infância favorece a descoberta de novos mundos.

À minha família, pela compreensão, carinho e possibilidade de me dar segurança durante esse percurso. Ao Edison Ferreira, meu amado companheiro de jornada, por sua capacidade de acreditar em mim, seu cuidado e dedicação manteve viva a esperança para seguir sempre adiante. Ao Diego Leonardo e Felipe Gabriel, filhos amados, suas presenças deram-me a certeza de que nunca estive sozinha nessa caminhada.

Ao Professor Dr. Luiz Carlos Cerquinho de Brito, meu querido orientador e companheiro de caminhada ao longo de todo o processo de mestrado. Agradeço eternamente, lembrando que o meu crescimento no transcender do estudo não teria sido o mesmo sem as suas orientações e dedicação. Sou grata pelos seus ensinamentos constantes, pela paciência e confiança ao incentivar o meu aprimoramento no processo de pesquisa.

À professora Dr^a Zeina Rebouças Correa Thomé pelo incentivo para buscar novas indagações e questionamentos na pesquisa, compartilhando diversos saberes e enriquecendo o contexto de aprendizagem mediante o mundo da inteligência coletiva.

À Prof^a. Dr^a. Marilina C. O. Bessa Serra Pinto que muito gentilmente aceitou partilhar desse momento especial na minha trajetória no campo da pesquisa, colaborando no aperfeiçoamento desse trabalho.

À Prof^a. Dr^a Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel que desde o princípio da minha formação acadêmica na graduação em pedagogia incentivou a dedicação à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Benedito José de Carvalho Filho que participou do processo de qualificação, colaborando com a produção desse trabalho.

Aos meus queridos amigos Claudenilson Batista, Lourdes Lyra, Raimunda Sáboia, Mônica Barbosa, Francisca Barroso, Itemar Medeiros, Salete Lima e Ana Célia Ossame pelas alegrias e estudos compartilhados. Juntos construímos um sentimento de amizade fraterna.

Aos amigos diletos Prof^ª Maria Sonia Oliveira, Andreia Dourado, Vallace Herran, Suelen Pereira, Valdejane Kawada e Therêncio Corrêa pelo companheirismo e diálogos que fortaleceram o campo da experiência.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, por proporcionar as condições financeiras para a realização da pesquisa, concedendo os recursos necessários para a sua realização.

À todos os professores e colegas do Mestrado em Educação da turma de 2013 os meus agradecimentos.

RESUMO

PINTO, Silvana Barbosa. A juventude e as interações sociais: a influência do grupo de pares e a constituição da identidade dos jovens, 2015. p.174. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Educação. Programa de Pós – Graduação Strictu Sensu em Educação. Manaus, 2015.

A presente dissertação “A juventude e as interações sociais: a influência do grupo de pares e a constituição da identidade dos jovens” apresenta como tema central a ancoragem do jovem no grupo de pares e a constituição da sua identidade, reunindo os elementos teóricos-conceituais e as evidências empíricas agregadas no processo de investigação. Articulamos no itinerário da pesquisa, o diálogo permanente com o objeto de investigação, definindo como objetivo central investigar a influência do grupo de pares sobre o comportamento dos jovens, visando identificar os processos de interações que os sujeitos estabelecem ao buscar reconhecimento e pertencimento ao grupo social. Quanto a sua abordagem, a pesquisa é de caráter qualitativo, os procedimentos e as técnicas de pesquisa que adotamos para construção do conhecimento sobre a juventude e o grupo de pares seguiu o itinerário da pesquisa bibliográfica, atividades no grupo focal e entrevistas semi-estruturadas, bem como utilizamos as observações e anotações no caderno de campo que colaboraram com a nossa reflexão. Organizamos o material coletado observando o método de análise de conteúdo, considerando quatro categorias temáticas que se revelaram nos resultados da investigação. Os achados da pesquisa são provisórios, apontando para a compreensão que os sujeitos jovens elaboram suas experiências inseridos nos diversos grupos sociais, sendo o grupo juvenil de grande relevância para a aquisição de experiências. Outrossim, os jovens são sujeitos plurais, vivenciando a multiplicidade de relações, culturas e diversidades, participando de redes de interações é um contexto social multifacetado.

Palavras- chave: Juventude, Grupo de Pares, Interações sociais, Identidade.

ABSTRACT

PINTO, Silvana Barbosa. Youth and social interactions: the influence of the peer group and the establishment of the identity of the young, 2015. p.174. Dissertation (Master of Education) - Federal University of Amazonas. Faculty of Education. Post - Graduate Program in Education Strictu Sensu. Manaus, in 2015.

This thesis "Youth and social interactions: the influence of the peer group and the establishment of the identity of the young" has as its central theme the anchoring of the young in the peer group and the establishment of their identity, bringing together the theoretical and conceptual elements and the empirical evidence aggregate in the research process. We articulate the itinerary of research, ongoing dialogue with the research object, setting as main objective to investigate the influence of peer groups on the behavior of young people, to identify the interactions of processes that subjects establish to seek recognition and belonging to the social group. As for his approach to research and qualitative, procedures and research techniques we adopt to build the knowledge on youth and the peer group followed the itinerary of literature, activities in the focus group and semi-structured interviews, and we use the observations and notes in a field book that collaborated with our thinking. We organize the material collected observing the content analysis method, considering four thematic categories that revealed the results of the investigation. The research findings are tentative, pointing to the understanding that the young man entered prepare their experiences in different social groups, and the youth group of great importance to acquire experiences. Moreover, young people are plural subject, experiencing the multiplicity of relationships, cultures and diversities, participating in interaction networks is a multifaceted social context.

Key words: Youth, Peer Group, Interactions, Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bairro Terra Nova	129
Figura 2 – Bairro Monte Sinai	130
Figura 3 – Bairro Manoa	131
Figura 4 – Bairro Manoa	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

I. O TABULEIRO DE XADREZ

As regras do jogo

1 O PROCESSO DE PESQUISA E A QUESTÃO METODOLÓGICA.....	16
1.1 Delineamento da pesquisa.....	16
1.2 Etapas da pesquisa.....	22
1.2.1 Revisão bibliográfica.....	22
1.2.2 Técnicas do Grupo focal.....	22
1.2.3 Técnicas de Entrevista Semi-Estruturada	25
1.3 Procedimentos para análise dos dados.....	27
1.4 O processo de construção do corpus da pesquisa.....	29
1.4.1 Participantes da pesquisa.....	30
1.4.2. O contexto de estudo e o sujeito.....	33
1.4.3 As interações no grupo focal.....	35
1.4.4 Os itinerários da entrevista semi-estruturada.....	37
1.4.5 Análise de conteúdo e as categorias temáticas.....	38

II. POSIÇÃO INICIAL

O movimento das peças do jogo

2 A JUVENTUDE E A CONSTITUIÇÃO DA SUA IDENTIDADE: EM BUSCA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS.....	41
2.1 A compreensão de um conceito.....	41
2.2 O grupo de pares como espaço de múltiplas relações.....	48
2.3 O significado do presente e a elaboração da identidade do jovem.....	53
2.4 As culturas juvenis e o contexto sócio-cultural.....	57

III. O MEIO-JOGO

As estratégias e táticas

3 RELATOS DO COTIDIANO: AS INTERLOCUÇÕES E OS ACONTECIMENTOS DA VIDA DOS JOVENS REVELADOS POR ELES MESMOS.....	65
3.1 Categoria 1 - A experiência interior e a experiência social do eu.....	65
3.1.1 O jovem e a percepção de si: o nome próprio como recorte da biografia.....	66
3.1.2 O eu em movimento e a negociação da experiência grupal.....	72
3.1.3 A avaliação subjetiva do eu e a autoestima do jovem.....	80
3.1.4 O culto ao corpo e a celebração da aparência pessoal.....	83
3.1.5 O antes, durante e depois: o consumo de álcool e entorpecentes.....	89
3.1.6 Conflitos e antagonismos no grupo de pares.....	93
3.1.7 Valores e crenças: os fundamentos da vida dos jovens.....	97
3.2 Categoria 2 - As redes de socialização dos jovens.....	102
3.2.1 O presente vivido e as relações dos jovens com as tribos urbanas.....	102
3.2.2 A potencialização da experiência relacional: inclusão e exclusão no grupo de amigos.....	105
3.2.3 O processo de identificação e diferenciação no grupo juvenil.....	109
3.2.4 Conversas de corredor: intrigas e fofocas no grupo de pares.....	111

3.2.5 A família como espaço central de interações.....	114
3.2.6 O compromisso do ficar casual: a sexualidade dos jovens.....	118
3.2.7 O trabalho como dimensão Relacional.....	122
3.3 Categoria 3 – Lazer, interatividade, mídia e consumo.....	124
3.3.1 A movimentação dos jovens no espaço urbano: diversão e entretenimento na cidade.....	124
3.3.2 Dentro ou fora do grupo? A juventude e o consumo.....	135
3.4 Categoria 4 – O território da escola como espaço de experiências coletivas.....	147
3.4.1 O ambiente escolar como lugar do cotidiano do relacionamento juvenil.....	147
O FINAL DO JOGO	160
REFERÊNCIAS.....	163
ANEXOS	170
Anexo A – Termo de Anuência.....	171
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	172
Anexo C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	173

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dedica a investigar as dinâmicas e os vários movimentos que se estabelecem na vida do jovem a partir das interações grupais, observando a ancoragem no grupo de pares e a constituição da sua identidade, como sujeito pertencente a um grupo social. Ao mesmo tempo consideramos as múltiplas relações diretamente envolvidas na constituição da identidade do jovem, o que nos levou a refletir o quanto pais, grupo de pares, professores, instituições escolares, espaços sociais, culturais e de lazer contribuem e interferem na construção da identidade da categoria juvenil.

Diante desse cenário, as indagações que apresento a respeito da temática da juventude, grupos de pares e identidade surgiram no decorrer das minhas experiências profissionais. Ao longo dos anos de trabalho em educação como pedagoga, ouvindo o relato de diversos jovens, no decorrer das experiências nas instituições escolares, centros sociais, organizações não governamentais (ONGs), comunidades populares e instituições de educação profissional, elaborando e participando de projetos educacionais e sociais, nasceu o interesse em investigar e refletir sobre os múltiplos olhares e percepção dos jovens em suas relações de amizade, a busca de autonomia, a participação na sociedade e no mundo da cultura e do trabalho.

Nessa perspectiva, tais experiências passaram a definir como foco de interesse a complexidade das relações entre os jovens, ampliando o interesse em estudar e investigar a realidade social da juventude, observando as particularidades sobre a condição juvenil, objetivando compreender seu modo de viver e conviver nos grupos sociais, seu estilo de vida, bem como o entrelaçamento nas redes de sociabilidade na atualidade.

Dando ensejo ao meu projeto de vida, preparei-me para participar da seleção do Mestrado em Educação, organizando os caminhos de estudo e definindo as trilhas possíveis, com a perspectiva de desenvolver a pesquisa com os sujeitos jovens que marcaram a minha trajetória enquanto educadora.

Desse modo, o interesse em desenvolver a pesquisa sobre a categoria juventude se materializou em 2013 quando da minha aprovação e acesso ao Mestrado em Educação da Faculdade de Educação - UFAM, possibilitando que os questionamentos e problematizações sobre a juventude, que surgiram no percurso da minha experiência profissional, se organizassem

mediante a caminhada sistematizada e orientada do processo de investigação, passando a se constituir enquanto objeto de pesquisa.

No decorrer dos estudos no mestrado em educação o primeiro passo foi realizarmos a pesquisa bibliográfica sobre a temática da juventude, pretendendo uma primeira aproximação com o objeto, levando em consideração a heterogeneidade das relações juvenis que perpassam a experiência da vida social dos jovens nos diversos grupos sociais, dentre eles a família, o grupo de pares e os espaços de convivência como a escola. Esse processo passou a ser fundamental para analisarmos o contexto em que se fundamentam a ancoragem no grupo de pares e a constituição da identidade do jovem.

Nesse sentido, a partir dos estudos realizados no campo teórico no percurso do mestrado em educação, aprofundi a intenção em pesquisar a categoria juventude, clarificando o objeto à luz da teoria. Assim sendo, procurei dedicar maior atenção e concentração no objeto de pesquisa situando a questão, verificando que os jovens de 15 a 29 anos representam 27,8% da população brasileira, com aproximadamente 51 milhões nessa faixa etária. Durante o processo de estudo, compreendemos que os jovens apresentam demandas com características próprias e diversificadas, sendo que entre esses sujeitos há diferenças e desigualdades sociais que marcam as suas trajetórias.

Para entendermos essa dinâmica, buscamos investigar as contribuições das ciências sociais sobre a temática da juventude o aporte teórico básico no qual procuramos fundamentar os estudos sobre a categoria juventude e grupo de pares se estruturaram nas análises propostas por Melucci, Brito, Abramo, Dayrell, Pais e Touraine, pois a partir desses estudiosos percebemos que em primeiro lugar para o conhecimento do objeto em análise é relevante à compreensão do conceito de juventude, por ser um termo resultante das relações sociais, apresentando lacunas, diversas interpretações e aspectos multifacetados. No campo dos estudos da identidade nos respaldamos em Ciampa, Erickson e Hall, observando as flutuações e variáveis que podem dificultar a sua compreensão, devido às interações com a temporalidade do ciclo de vida dos sujeitos, demandando a apreciação criteriosa para a apreensão do conceito.

Diante do exposto, surgiram as questões centrais balizadoras para a realização da investigação empreendida no mestrado no período de 2013 a 2015, sobre a categoria juventude, que se definiram mediante as seguintes questões norteadoras: “O que é ser jovem?” “Como pensam, sentem e refletem a sua condição juvenil?” “Como estabelecem sentido de

pertencimento ao grupo?” “Como convivem com seus familiares e amigos?” “Quais os objetivos e projetos de vida dos jovens?” “Como se comunicam e interagem com seus pares?” “Quais as experiências culturais e de lazer dos jovens?” “Quais são seus sentimentos, crenças e valores na atualidade?”. Dentre outras interrogações e problematizações que surgiram no decorrer da trajetória de pesquisa.

Nesse sentido, verificamos em primeiro lugar que um dos desafios da juventude é a superação da condição de dependência e proteção exigida pela infância e adolescência. Assim, é na juventude que o indivíduo processa de maneira mais intensa a afirmação de sua identidade, buscando realizar a sua trajetória, objetivando o seu protagonismo e plena inserção na vida social e produtiva.

Devemos perceber que diferentes fatores interferem e influenciam na compreensão da juventude marcada pela sua diversidade, determinando a reflexão sobre a “questão juvenil”, a convivência e as interações nos vários ambientes sociais que o jovem transita. As modificações no cenário social, econômico, tecnológico apresentam para os jovens variadas possibilidades de relações e perspectivas demarcadas pela “condição juvenil”.

Concernente a esta reflexão, compreendemos que são diversas as realidades vividas pela categoria juventude, apresentando-se demarcada pelos recortes diferenciados de classe, gênero, etnia, renda familiar, condições de moradia, convivência com os pais e mesmo enfrentando a ausência da proteção dos familiares. No decorrer dos estudos, percebemos que uma das características apresentadas pelos jovens é o interesse em articular suas trajetórias de emancipação com a integração ao processo de desenvolvimento educacional, acesso ao mundo do trabalho e a fruição do lazer e entretenimento.

Diante do exposto, objetivando a realização da investigação, em agosto de 2014 selecionamos cinco escolas da rede estadual de ensino da zona norte. No decorrer do mês de setembro de 2014, realizei contatos com a gestora da Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira, apresentado o projeto de pesquisa. No mês de outubro de 2014 ocorreu o acolhimento e abertura para a realização da pesquisa. Lembramos que a gestão da escola e demais membros da equipe escolar se mostraram receptivos com a temática, colaborando em todo o processo de realização do estudo.

A partir desse momento a escola se configurou como campo de pesquisa, sendo que realizei diversas visitas e conversas com os alunos, observando a circulação dos jovens no bairro

e entrada na escola, o que permitiu o recorte da realidade empírica observando o cotidiano social e a interações com os sujeitos jovens pesquisados. No mês de abril de 2015 conversamos formalmente com os alunos nas turmas do Ensino Médio apresentando a temática que seria pesquisada e o projeto de pesquisa. Os alunos declararam o interesse pelo estudo e fizeram a sua livre escolha em participar da investigação. Sendo assim, realizamos a pesquisa com a participação de 15 jovens do ensino médio, na faixa etária de 17 a 22 anos, estudantes do turno noturno, que permaneceram no grupo no decorrer de todo o processo.

Seguindo essa trilha, o nosso principal objetivo confirma a nossa intenção em investigar a influência do grupo de pares sobre o comportamento dos jovens, visando identificar os processos de interações que os sujeitos estabelecem ao buscar reconhecimento e pertencimento ao grupo social.

Nesse sentido, o nosso objetivo central passou a ser desdobrado em quatro objetivos específicos:

O primeiro objetivo tem a intenção de estudar os processos constitutivos da identidade pessoal e social que são significativos para compreender os principais fatores que influenciam na construção da identidade do jovem.

O segundo objetivo tem como finalidade analisar as estratégias de associação utilizadas pelos jovens nos grupos de pares, visando perceber como desenvolvem as estruturas de identificação e diferenciação mediante as suas vivências e experiências concretas.

O terceiro objetivo pretende identificar as experiências dos jovens no grupo de pares que contribuem para o processo de construção da identidade, buscando perceber se os sujeitos possuem consciência das interações para a convivência no grupo.

O quarto objetivo apresenta como finalidade investigar a delimitação do território no espaço da escola, visando compreender como os sujeitos se apropriam e se vinculam ao ambiente e grupos sociais no espaço escolar.

Diante desse quadro, o que apresentamos nesse estudo é resultado da pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira, onde colhemos os elementos fundamentais que compõem a investigação. Assim, a estruturada da pesquisa se define a partir de três capítulos, sendo que no primeiro capítulo denominado **O tabuleiro de xadrez: as regras do jogo** apresentamos a organização do percurso metodológico mediante a abordagem qualitativa, colaborando na análise da dimensão da cotidianidade da vida dos sujeitos jovens, explicitando

as etapas percorridas, decompondo o objeto de investigação, estabelecendo diálogos e desenhando o contorno dos diversos movimentos da investigação.

No segundo capítulo designado como **A Posição inicial: o movimento das peças do jogo** discorreremos sobre o conceito de juventude, grupo de pares e identidade, refletindo a partir do conhecimento apresentado pelos autores, construindo conexões em rede para o entendimento do objeto pesquisado. Ao mesmo tempo, os teóricos estudados ampliam o campo de estudo, observando a abrangência referente ao objeto de conhecimento, permitindo a compreensão da complexidade da realidade social do sujeito jovem, apresentando como o jovem convive no grupo juvenil, como elabora a sua identidade através das redes de interações, bem como significam e ressignificam as relações sociais nos diversos espaços em que transita.

No terceiro capítulo denominado **O meio-jogo: as estratégias e táticas** apresentamos os resultados da pesquisa e a interlocução com os sujeitos jovens pesquisados. Assim sendo, organizamos os achados da pesquisa em quatro categorias temáticas em que identificamos os elementos significativos da vida social e cultural dos jovens, as experiências de vida e trajetórias dos sujeitos, percebendo que os jovens atravessam processos relacionais e identitários múltiplos.

Diante do exposto, em nossas considerações finais reconhecemos a juventude nas suas múltiplas relações no grupo de amigos mediante as interações cotidianas, observando a complexidade do contexto social. Assim, consideramos as relações que os jovens estabelecem no grupo juvenil, a influência do grupo na construção da identidade, a constituição do sentimento de pertencimento ao grupo e as diversas maneiras do jovem estabelecer ancoragem no grupo de pares.

I. O TABULEIRO DE XADREZ

As regras do jogo



“As atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser entendidas a partir de uma perspectiva macro-sociológica e, simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária.”

Alberto Melucci

1. O PROCESSO DE PESQUISA E A QUESTÃO METODOLÓGICA

As modificações sociais alteram os costumes, modos e maneiras de serem dos sujeitos, grupos e comunidades, por isso os paradigmas também se alteram a medida da constituição de modelos diversos. A incorporação desses modelos por uma coletividade expressa os valores e crenças daqueles que participam da construção de novos conceitos.

Diante do exposto, a investigação apresenta sua relevância a partir do objeto de pesquisa, estabelecendo entrelaçamentos significativos no procedimento de investigação, constituindo um percurso balizador sobre a temática, mapeando o campo levando-se em consideração as características do objeto que esta sendo investigado.

1.1 Delineamento da pesquisa

O pressuposto assumido nesta pesquisa qualitativa é de que o jovem é emergente tanto de um contexto histórico quanto de condições concretas de existências que oferecem possibilidades de múltiplas interações no grupo de amigos, refletindo na constituição de sua identidade, por isso o objeto de interesse dessa investigação se reveste de grande significado. Por outro lado, refletimos também que o jovem mantém uma relação de determinação recíproca nos grupos sociais com os quais se relaciona, a partir do seu contexto social, modificando essa realidade e sendo por ela modificado. Portanto, considera-se que a realidade é simultaneamente, externa ao jovem e produto de seus processos interativos, numa relação de mútua transformação da identidade.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente a realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionada. São frutos de determinadas inscrições na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2009, p. 16)

Na perspectiva de Minayo (2009), precisamos nos centrar em uma metodologia que possa dar conta de responder as nossas indagações e estranhamentos, na busca de sentido para a caminhada empreendida no processo de pesquisa.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (MINAYO, 2009, p. 14)

Seguindo Minayo (2009), no estabelecimento da nossa caminhada refletimos a respeito da importância da pesquisa na abordagem qualitativa, bem como do papel do pesquisador no horizonte e dimensão da contribuição e relevância social do objeto pesquisado, em nosso caso a juventude, a convivência grupal e a constituição de sua identidade. De nossa análise, pesquisar a juventude se configurou em um grande desafio dada a necessidade de estabelecer um mapeamento a partir das informações recolhidas no campo teórico e na convivência com os participantes do estudo, traçando um percurso balizador para a melhor compreensão dos sujeitos pesquisados.

[...], é preciso afirmar que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é a mais rica que qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de conter a totalidade da vida social. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade da existência dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, elas abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e significados. (MINAYO, 2009, p. 14. Destaque do autor)

Diante desse cenário, ao tratarmos de pesquisa qualitativa com a temática da juventude, faz-se necessário desenvolver a capacidade de experimentar impressões e sensibilidade para vislumbrar, perceber e observar a relação no grupo de pares e a constituição da identidade juvenil. Assim sendo, observamos a importância da opção pela pesquisa qualitativa na perspectiva de Lüdke e André (1986):

O “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos “participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo localizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.12)

A aproximação com o objeto em análise no processo de investigação qualitativa demandou uma maior proximidade com os sujeitos que fazem a realidade pesquisada num movimento cíclico e interdependente. É assim que Chizzoti (1995, p.93), apresenta a saída para um rigor na avaliação e construção de conhecimento diante da escolha da investigação qualitativa quando afirma que “a vantagem do contato com questões relevantes pode aprofundar a significação dos fenômenos que se estuda”

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTI, 1995, p. 79)

Ao tratarmos da categoria juventude, não podemos esquecer a dimensão das condições sociais e relacionais vividas pelos jovens de acordo com o seu cotidiano. Nesse sentido, optamos pela investigação dos diversos significados e interfaces das relações sociais no grupo de pares, possibilitando refletir a partir de um conjunto dinâmico que interfere na construção da identidade juvenil, visando o conhecimento e compreensão dos sujeitos pesquisados, extraindo a essência das experiências.

Nesse sentido, Melucci (2001) nos interroga sobre o interesse em pesquisa a categoria juventude, por isso observamos a problemática a partir do autor, examinando a nossa intenção em estudar e compreender a “questão juvenil” e a “condição juvenil”. A relevância dessas duas questões problematizadoras se configuram e se revelam como elementos balizadores que norteiam a nossa investigação.

Porque existe uma ‘questão juvenil’? De onde vem o interesse para estudar os jovens? A resposta, em termos de sociologia do conhecimento, é relativamente simples: **porque os jovens são atores de conflitos. Esta é a razão principal pela qual nos interrogamos sobre a condição juvenil.** O percurso é exemplar pelo modo de enfrentar o problema teórico dos movimentos sociais: da presença de uma ação coletiva passa-se a interrogar-se sobre a condição social de uma certa categoria (nesse caso, os jovens) para deduzir daí as causas da ação. A ação coletiva nunca é considerada em si mesma, mas ela vem desaparecendo como objeto dotado de sentido e reconduzida aos determinantes ‘estruturais’ ou ‘culturais’ relativos às condições sociais do ator envolvido. O caso dos jovens, como das mulheres, é particularmente significativo nesse processo. (MELUCCI, 2001, p.100. Grifo nosso)

Desse modo, a partir da fundamentação na abordagem qualitativa, respaldaremos a investigação nos estudos apresentados por Melucci (2004). A nossa intenção ao escolher esse percurso é focalizar a atenção ao mundo do sujeito jovem, atribuindo sentidos e significados as suas experiências. A opção do estudo das interações sociais dos jovens baseados em Melucci, objetiva lançar luz sobre o fenômeno, enquanto proposta para desvelar os processos de convivência e identificação apresentados pelos jovens na sua cotidianidade, ao mesmo tempo para ampliar a percepção sobre o papel desempenhado pela família e pelos grupos de amigos na convivência grupal.

Um estudo fenomenológico da experiência cotidiana é sempre parcial, como o olho de quem olha. No entanto, é o ponto de partida obrigatório para entender por que não conseguimos mais reconhecer o presente. Por que nossos gestos do dia-a-dia estão tão diferentes dos gestos do passado, dos gestos de ontem? Por que nos sentimos pessoas distintas nos diferentes âmbitos de nossa própria vida – profissional, familiar -, estejamos sós ou de férias? E, principalmente, por que há tanta discrepância entre o nosso agir e as palavras que utilizamos para descrever e para reconhecer nossas ações? (MELUCCI, 2004, p.13. Grifo nosso)

De nossa análise, ao seguirmos o percurso metodológico indicado por Melucci (2004), empreendemos um caminho de aproximação com o objeto em análise, procurando compreender o jovem do ponto de vista da convivência social, a partir da sua interface comunicacional e reciprocidade no grupo de relações. Buscamos imprimir uma dinâmica no processo de investigação para possibilitar a abertura no canal de diálogo entre pesquisador e participantes da pesquisa. Assim, a nossa intenção nos direcionava para o caminho da investigação com suas particularidades e contradições, evitando ao mesmo tempo nos limitarmos às apreciações preestabelecidas, reconhecendo e valorizando as pistas que surgiram no contexto da pesquisa.

Diante do exposto, nos apoiando em Melucci (2004), refletimos que ao buscar a compreensão do viver dos sujeitos jovens e as suas interações sociais, o percurso empreendido se apresenta como um grande desafio para a pesquisa, pois nesse processo precisamos seguir para além da aparência. A princípio passamos a investigar as formas de representação e percepção da subjetividade do sujeito, as maneiras como o jovem se vê, a compreensão que tem dos modos como os outros o veem e como elabora as relações interpessoais nos espaços de interações sociais.

A partir de Santos (2006), segundo as fontes utilizadas para a coleta dos dados, selecionamos como percurso metodológico a pesquisa de campo. A opção pela pesquisa de campo se apresenta como um procedimento relevante, permitindo ao pesquisador estabelecer interações e interlocuções com os sujeitos, voltando a nossa atenção para a observação das relações que os sujeitos jovens constroem com os seus pares em um contexto sociocultural.

No entendimento de Minayo (1992), “concebemos campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. O campo de investigação se constitui em espaço de diálogo na aproximação com os sujeitos pesquisados, proporcionando momentos de criatividade entre pesquisador e participantes da pesquisa.

Com base em Gonsalves (2003, p.67), “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.” Percebemos que na pesquisa de campo estabelecemos maior familiaridade com os sujeitos jovens, mediante a construção de um vínculo de convivência como parte integrante do processo de elaboração do conhecimento.

Considerando-se a importância da pesquisa de campo, a nossa intenção quanto aos encaminhamentos do estudo é debruçar-nos sobre o objeto de pesquisa, concentrando-nos no processo de investigação para desvelar o fenômeno no contexto dos sujeitos jovens. De acordo com o nosso propósito, também adotamos como procedimento para a coleta das informações os registros no caderno de campo.

A pesquisa de campo sendo um processo complexo passa a requerer que adotemos o procedimento de registrar impressões, gestos, reações, argumentos e atitudes a partir das observações das experiências cotidianas dos participantes, conforme nos informa Triviños (1987, p. 154):

Num sentido restrito, podemos entender as anotações de campo, por um lado, como todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as, primeiro, e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas. Neste sentido, as anotações de campo podem referir-se, principalmente, às entrevistas individuais e coletivas e à observação livre. Por outro lado, as anotações de campo podem ter uma dimensão muito específica. E assim as entendemos quando estamos preocupados em delinear nosso comportamento como pesquisadores atuando

como observadores livres de uma situação de investigação claramente delimitada. (TRIVIÑOS, 1987, p. 154)

Consideramos ser necessário lembrar a relevância das anotações no caderno de campo, observando as informações e indagações que surgiram e retroalimentaram o processo de pesquisa, fortalecendo e esclarecendo as situações que se manifestaram no grupo focal e nos procedimentos de entrevistas.

1.2 Etapas da pesquisa

1.2.1 Revisão bibliográfica

O primeiro passo do processo de pesquisa que estabelecemos se configurou seguindo a revisão da bibliografia exigindo aprofundamento nas leituras, reflexões e problematização do objeto. Nesse processo realizamos o estudo do tema proposto mediante diversos autores da sociologia, psicologia e educação, objetivando estabelecer conceituação, definição e explicação teórica para a apreensão do objeto.

Assim sendo, procuramos inicialmente identificar a evolução do conceito de juventude e grupo de pares, bem como buscamos perceber através dos autores estudados como o jovem constitui a sua identidade pessoal e social, elaborando o processo da sua socialização no grupo juvenil. Mediante uma relação de interdependência entre campo teórico e empírico, focalizamos o interesse no estabelecimento de relações, considerando os aspectos relevantes que surgiram no decorrer do estudo.

Segundo Gil (1989, p. 65) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquele que poderia pesquisar diretamente.” Sendo assim, através desse encadeamento teórico dinâmico, contextualizamos e problematizamos o conjunto de relações complexas que envolvem o objeto em estudo a partir de uma “focalização progressiva”.

Na abordagem a respeito da juventude e grupo de pares planejamos os estudos mediante os constructos teóricos apresentados por Melucci, Brito, Abramo, Dayrell, Pais e Touraine. Na temática da identidade levantamos os conceitos com base em Ciampa, Erickson e

Hall, observando a complexidade das múltiplas realidades construídas pelos sujeitos jovens participantes da pesquisa.

Apresentando os argumentos na perspectiva de Gil (1989, p. 25), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Desse modo, cada um dos autores consultados objetivou fortalecer, elucidar e clarificar o panorama teórico sobre a temática da juventude, apresentando um encaminhamento norteador, sendo significativo para relevância do objeto de pesquisa. A partir do corpo teórico passamos a observar as características do objeto de investigação, permitindo a formulação de questionamentos e definindo com mais atenção os objetivos da pesquisa.

Além disso, conforme os esclarecimentos apresentados por Mazzotti e Gewandszajder (1999), a relação da pesquisa bibliográfica com os dados empíricos possibilitou a ampliação do campo de investigação e o alcance de resultados. Assim, a partir dos autores pesquisados definimos questões da dinâmica do grupo focal e atividades de entrevista, percebendo e buscando no quadro teórico a desvelamento das categorias que emergiram dos achados da pesquisa.

O nível de teorização possível em um dado estudo vai depender do conhecimento acumulado sobre o problema focalizado, da capacidade do pesquisador para avaliar a adequação das teorizações possíveis aos fenômenos por ele observados ou, no caso de este ter optado por uma “teoria fundamentada”, de sua capacidade de construção teórica. Esse esforço de elaboração teórica é essencial, pois o quadro referencial clarifica a lógica de construção do objeto da pesquisa, orienta a definição de categorias e constructos relevantes e dá suporte às relações antecipadas nas hipóteses, além de construir o principal instrumento para a interpretação dos resultados da pesquisa. (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 183)

Outrossim, ao seguirmos os princípios norteadores mediante o corpo teórico, houve a possibilidade de dinamizar a coleta das informações, análise e interpretação dos dados. A consulta sistematizada aos autores se manteve no decorrer de todo o processo de realização da investigação, organizando e detalhando o percurso de pesquisa.

1.2.2 Técnicas do Grupo Focal

Para proceder a esta investigação aplicamos as técnicas do grupo focal que possibilitaram o contato mais próximo com os sujeitos da pesquisa e a interação com os participantes. Assim, o grupo focal representa uma técnica importante, constituindo o processo de aproximação com os

sujeitos jovens, apresentando variadas possibilidades de desenvolvimento nas diversas situações da pesquisa. Mediante a realização do grupo focal, percebemos a partir do objetivo da pesquisa, as nuances e sutilezas dos sujeitos pesquisados, observando e identificando sentimentos, percepções e ideias apresentadas pelos participantes da investigação, considerando o conjunto das suas experiências, de acordo com Gatti (2005, p. 140):

O grupo tem uma sinergia própria, que faz emergir ideias diferentes das opiniões particulares. Há uma reelaboração de questões que é própria do trabalho particular do grupo mediante as trocas, os reassuramentos mútuos, os consensos, os dissensos, e que trazem luz sobre aspectos não detectáveis ou não reveláveis em outras condições (GATTI, 2005, p.14)

De acordo com GATTI (2005) essas nuances serão captadas nas interações realizadas pelo pesquisador, através da comunicação que acontece em um fluxo contínuo com os sujeitos jovens participantes da pesquisa, permitindo abertura para o diálogo no decorrer da realização das atividades do grupo focal.

A pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, [...] como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários [...]. (GATTI, 2005, p.9).

Desse modo, através da utilização do grupo focal como técnica de trabalho grupal estabelecemos espaços de interações que dinamizaram os procedimentos de coleta de dados, oportunizando o alcance de resultados mediante a comunicação do ponto de vista de todos os participantes, fortalecendo a liberdade de expressão e opinião sobre as temáticas em debate.

Poder-se-ia caracterizar o grupo focal como sendo parecido com a descrição feita por Habermas (1992) da esfera pública ideal. É um debate aberto e acessível a todos: os assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração e o debate se fundamenta em uma discussão racional. Nesta característica final, a ideia de "racional" não é que a discussão deva ser lógica ou desapaixonada. [...]. O debate é uma troca de pontos de vista, ideias e experiências [...]. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 79)

Nessa mesma direção, Ludke e André (1986, p.12), mostra-nos que no contexto da abordagem do grupo focal, deveremos observar que o desenvolvimento da técnica se processa solicitando a atenção e mediação do pesquisador, sendo fundamental a organização antecipada

dos encaminhamentos da técnica, lembrando que os dados que surgem a partir da realidade dos sujeitos pesquisados deverão receber o tratamento adequado no processo da coleta de dados.

Todos os dados da realidade são considerados importantes. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para melhor compreensão do problema que está sendo estudado. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.12)

Tal questão nos leva a observar o que é proferido por Bauer e Gaskell (2002), quando expõem que na realização do grupo focal o pesquisador deverá definir as diretrizes e apresentar os critérios de participação dos sujeitos, levando-nos a perceber os desafios na utilização da técnica, por isso é fundamental compreender o papel do mediador.

O moderador encoraja ativamente todos os participantes a falar e a responder aos comentários e observações dos outros membros do grupo. [...]. O objetivo é avançar a partir de uma discussão liderada pelo moderador, para uma discussão onde os participantes reagem uns aos outros. [...]. E, a cada vez que um membro do grupo responde a uma indagação para posterior informação, o moderador deve voltar-se aos outros membros do grupo e perguntar a opinião deles sobre o assunto. É claro que não é sempre necessário que o moderador indague, pois outros membros do grupo podem espontaneamente entrar na discussão com comentários e pontos de vista. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 79-80).

Seguindo essa análise, é importante observar que a técnica de grupo focal favoreceu os encaminhamentos da investigação, bem como o desenvolvimento e aprofundamento das questões norteadoras da pesquisa, facilitando a participação e comunicação dos jovens entre si e com o pesquisador. A aplicação da técnica apresentou grande relevância, revestindo-se de importância quanto ao planejamento, organização, seleção e execução das atividades desenvolvidas, impedindo a dispersão dos objetivos da pesquisa.

Desse modo, na perspectiva de Dias (2000), refletimos sobre os fundamentos do grupo focal no processo de pesquisa, confirmando a importância da participação dos sujeitos através da apresentação de vivências e experiências apresentadas pelos participantes, atraindo para o campo de debates as questões mais complexas e com maior detalhamento do ponto de vista dos sujeitos.

O objetivo central do Grupo Focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas

exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências. Comparado ao questionário, ferramenta usual de coleta de dados, o grupo focal, por dar oportunidade aos participantes de exporem aberta e detalhadamente seus pontos de vista, é capaz de trazer à tona respostas mais completas, permitindo ao pesquisador conhecer melhor e mais profundamente o grupo pesquisado (DIAS, 2000, p.3)

De acordo com Dias (2000), no desenvolvimento do grupo focal, percebemos as manifestações de emoções, comportamentos e atitudes diversas por parte dos sujeitos, bem como o compartilhamento de ideais, aceitação e críticas no decorrer dos debates. O grupo focal se situa para além das temáticas desenvolvidas, pois o dinamismo das questões apresentadas desencadeiam nos sujeitos reflexões que permitem observações pormenorizadas, esmiuçando as suas percepções.

1.2.3 Técnicas de Entrevista Semi-estruturada

Mediante as interseções com os autores citados, também utilizaremos as técnicas de entrevista semi-estruturadas, que se revelam como etapas importantes devido a sua relevância. Assim sendo, as bases teóricas para a construção das entrevistas ressaltaram que os dados produzidos no seu decurso estão longe de ser fruto da aplicação de um instrumento técnico neutro, revelando-se, em vez disso, produto de uma interação social, refletindo a intencionalidade da pesquisa e do pesquisador.

Nessa perspectiva, consideramos o que nos apresenta Chizzotti (1994, p.93), quanto ao processo de entrevista, pois na procura do sentido das relações e construções de significados a técnica deverá abarcar os elementos do cotidiano dos participantes e de suas práticas sociais, configurando-se enquanto aspecto relevante para o processo de investigação.

[...] ir buscar o significado que as pessoas dão ao seu mundo e às suas práticas, ou seja, a toda a soma total de objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social criados pelo pensamento de senso comum dos homens, vivendo numerosas interações sociais. Cabe aos pesquisadores identificar e descrever as práticas e os significados sociais [...], de compreender como elas se dão no contexto dos sujeitos que as praticam. (CHIZZOTTI, 1994, p.93)

Dito isto, cabe ressaltar que ao projetarmos a situação de entrevista, a mesma se configurou a partir da problematização apresentada por Melucci (2004), na perspectiva da “questão e condição juvenil”. Também deveremos considerar as experiências adquiridas na realização do grupo focal, pois a formulação das questões de entrevista seguiu o percurso de continuidade da abertura do canal de diálogos com os participantes. Assim sendo, organizamos os diálogos com os jovens através da abordagem temática mediante os objetivos da investigação, levando-se em consideração os aspectos do contexto social dos sujeitos.

No que diz respeito às entrevistas, observamos a perspectiva apresentada por Bauer e Gaskell (2002):

[...] a entrevista qualitativa pode desempenhar um papel vital na combinação com outros métodos. Por exemplo, intuições provindas da entrevista qualitativa podem melhorar a qualidade do delineamento de um levantamento e de sua interpretação. A fim de construir questões adequadas, é necessário avaliar tanto os interesses quanto a linguagem do grupo em foco. [...]. Aqui, a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informações contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos. (BAUER; GASKELL, 2002, p.65- 66)

Desse modo, a entrevista não exerceu nenhum controle de forma, extensão ou conteúdos das respostas, uma vez que pretendíamos em toda a sua complexidade, garantir a validade do diagnóstico realizado e o interesse libertador do ato da fala dos sujeitos jovens, apresentando-se como um recurso válido que possibilitou a participação e comunicação dos sujeitos com o pesquisador.

Entre os argumentos apresentados por Lüdke e André (1986), observamos os seguintes procedimentos para a aplicação das técnicas de entrevista, considerando as experiências e conhecimentos de aplicação de técnicas de entrevistas por parte do pesquisador:

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.35)

A respeito da entrevista deveremos considerar a orientação apresentada por Lüdke e André (1986), no desenvolvimento da investigação, pois ao aplicarmos a técnica de entrevista no trabalho de campo precisamos ficar atentos para o que surge através da fala dos sujeitos. A entrevista deverá se configurar como processo importante de percepção das vivências e

experiências dos participantes, permitindo o aprofundamento, confrontação e análise das questões apontadas.

De início, é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa [...] na entrevista a relação que esse cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.33-34)

A partir de Lüdke e André (1986), salientemos a importância da realização das entrevistas para a construção dos argumentos da pesquisa, pois os acontecimentos que surgem na caminhada da investigação coloca em jogo uma série de variáveis que se revelam necessárias quanto aos conteúdos e narrativas dos participantes. Dessa forma, ao vivenciarmos as atividades de investigação, passamos a ter uma visão menos ingênua dos procedimentos da técnica, assegurando um melhor domínio da produção dos dados no sentido de obtermos informações mais complexas, confiáveis e adequadas.

1.3 Procedimentos para análise dos resultados

A análise dos dados coletados na realização das sessões do grupo focal e nas entrevistas se constitui uma etapa importante da investigação, sendo que por isso incorporamos os seguintes princípios no decorrer do processo de interpretação dos achados da pesquisa:

À medida que a interpretação vai se processando, retorne ao material bruto, tanto para as transcrições quanto para as gravações. Algumas vezes, um mero comentário assumira repentinamente um significado importante e ira sugerir um novo modo de olhar para as entrevistas; outras vezes, os dados podem reforça a analise que esta sendo feita. É vital garantir que toda interpretação esteja enraizada nas próprias entrevistas, de tal modo que, quando a análise e feita, o *corpus* pode ser trazido para justificar as conclusões. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 86).

Segundo Bauer e Gaskell (2002), a relevância do método se justifica mediante a expressividade da comunicação dos sujeitos jovens participantes da pesquisa, ultrapassando o isolamento do discurso, conectando-se em uma narrativa interativa produzida em um contexto

social, conforme o plano de pesquisa, através da proposta metodológica que apresentamos para a realização desta investigação e a consecução dos seus objetivos.

Desse modo, quanto aos procedimentos para a análise dos resultados escolhemos trabalhar com o método descrito por Laurence Bardin (2010), “Análise de Conteúdo”. Sendo assim, a análise de conteúdo apresenta como proposta seguir as mensagens enunciadas pelos sujeitos participantes da pesquisa, observando a pertinência da comunicação em um sentido mais amplo, que se orienta através de uma rede de comunicação complexa que envolve todos os sujeitos.

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p.42)

Na perspectiva de Bardin (1979, p.43), “a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis.” Sendo assim, organizamos o material através da categorização, inferência, descrição e interpretação dos achados da pesquisa.

De acordo com Bardin (1979, p. 95), a análise de conteúdo segue princípios que se concretizam no desdobramento das seguintes fases que se fazem relevante para o melhor alcance dos resultados: “pré-análise do material coletado, exploração do material, tratamento dos resultados através da inferência e interpretação”. Deveremos incorporar e seguir esses passos objetivando uma interpretação mais intensa e apurada dos conteúdos apresentados pelos sujeitos.

Seguindo os procedimentos metodológicos requeridos pela técnica de “Análise de Conteúdo”, buscamos a interpretação dos dados com maior profundidade, procedendo à análise e interpretação do material coletado, selecionando como unidade central a “Análise Temática”, devido à relevância e natureza da investigação que requer a compreensão dos sujeitos sociais.

O tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos a teoria que serve de guia à leitura[...]. O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências. (BARDIN, 1979, p.105-106)

Diante do exposto, após os primeiros procedimentos para a organização do material, observando o percurso orientado por Bardin (1979), passamos a realizar a “leitura flutuante”, que

permitiu vislumbrar todo o material coletado, aparecendo às primeiras impressões a respeito do conteúdo resultante da participação dos sujeitos pesquisados.

A primeira actividade consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura flutuante, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas com materiais análogos (BARDIN, 1979, p. 96).

Além desses aspectos descritos, após os procedimentos de leitura do material passamos para a fase de apreensão e significação do conteúdo dos diálogos apresentados, primeiramente observando o modo particular da fala emitida por cada sujeito. Após o cumprimento dessa etapa, aproximamos as falas por similaridade do conjunto dos participantes intercruzando os seus significados.

Esse procedimento se constitui em um processo fundamental para o estabelecimento das categorias mediante as temáticas que emergiram no contexto da pesquisa. A partir de então alcançamos a compreensão dos significados das mensagens surgidas nas falas dos sujeitos, permitindo estruturar e agregar as categorias temáticas, organizando os elementos essenciais que constituem o *corpus* da pesquisa.

1.4 O processo de construção do corpus da pesquisa

O percurso metodológico que realizamos possibilitou o processo de aproximação sistematizado com o objeto em análise, definição de condições necessárias para estabelecermos os procedimentos inerentes a problematização, reflexão e avaliação sobre os temas apresentados. A receptividade e acolhimento dos participantes pela temática estudada aconteceram pela aproximação e inserção contínua no contexto social dos sujeitos, fortalecendo a parceria de trabalho entre pesquisador e participantes da investigação.

Lembrando a nossa intenção em investigar as relações do jovem no grupo de pares, o procedimento que instauramos para acessar os conhecimentos sobre as experiências cotidianas dos sujeitos ocorreu mediante a aplicação da técnica de grupo focal, entrevista e registros no caderno de campo. Seguindo esse conjunto metodológico, observamos as implicações e complexidades da convivência no grupo juvenil e seus processos identitários. Por isso,

imprimimos uma dinâmica na investigação que permitiu observar as particularidades e contradições no interior do grupo de amigos e na elaboração da identidade juvenil.

Em conformidade com o exposto, o que se pretendeu desvelar com a realização dessa pesquisa particularmente ocorreu em virtude de seguirmos o encadeamento de uma lógica que sustentasse o desenvolvimento das etapas interligadas entre todas as fases da pesquisa. Procuramos adotar um conjunto estruturado de procedimentos de investigação a partir de situações desencadeadoras para fortalecer o processo operatório da pesquisa.

Outrossim, para atender aos princípios fundamentais de desenvolvimento da investigação, recorreremos ao mapeamento dos sujeitos e definimos o contexto de estudo, seguindo as técnicas de coleta de dados com a realização do grupo focal e entrevista. Também delineamos as estratégias necessárias para a transcrição, análise e interpretação dos dados, enquanto eixos norteadores para a apreensão do sentido e significado do objeto.

1.4.1 Participantes da pesquisa

Desenvolvemos esta investigação na Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira, que se constituiu como campo de pesquisa. A escola pertence à Secretaria Estadual de Educação, Distrito de Educação da Zona norte, localizada na rua 07, s/nº, bairro Monte Sinai, na cidade de Manaus.

Na realização da pesquisa contamos com a participação de 15 jovens, na faixa etária de 17 a 22 anos, estudantes do Ensino Médio, turno noturno. Desse modo, para melhor entendimento e conhecimento sobre os sujeitos apresentamos a descrição do perfil dos participantes da pesquisa envolvidos nas atividades do grupo focal e entrevistas, que se desenvolveram no período de abril a outubro de 2015.

- Jovem 1: tem 17 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Declarou que não tem religião definida, bem como não tem filhos, reside no bairro Terra Nova e mora com a mãe. Citou que atualmente desenvolve atividades como estagiário em uma agência bancária.
- Jovem 2: tem 17 anos, sexo feminino, solteira, estudante da 2ª série do Ensino Médio. Citou que é praticante da religião evangélica, não tem filhos, bem como informou que

trabalha em uma loja de suprimentos de informática no Manauara Shopping. Moradora do bairro do Manoa, vive com a mãe e outros parentes na mesma residência.

- Jovem 3: tem 17 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. O jovem relatou que é evangélico, não tem filhos, atualmente está desempregado. Informou que mora com a avó no bairro Mundo Novo.
- Jovem 4: tem 17 anos, sexo feminino, casada, cursando a 3ª série do Ensino Médio. A jovem informou que está grávida de seis meses, é praticante da religião evangélica, sendo que atualmente não trabalha. O local de residência é o bairro do Manoa, vive com o companheiro na casa dos seus pais.
- Jovem 5: tem 18 anos, sexo feminino, solteira, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que é evangélica, bem como realiza atividades como menor aprendiz em uma empresa. O bairro em que reside é o Monte Sinai, bem como vive na residência com o pai e duas irmãs.
- Jovem 6: tem 18 anos, sexo feminino, casada, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que tem uma filha, não tem religião definida. Citou que atualmente não trabalha, pois precisa cuidar da filha. A jovem reside no bairro Colônia Santo Antônio e vive na casa dos parentes do seu marido.
- Jovem 7: tem 18 anos, sexo feminino, solteira, cursando a 3ª série do Ensino Médio. Declarou que é praticante da religião designada como Mórmons que é a mesma religião dos seus familiares. Atualmente é estagiária em uma agência bancária. Também informou que não tem filhos, bem como mora no bairro do Manoa com seus pais.
- Jovem 8: tem 18 anos, sexo feminino, solteira, cursando a 3ª série do Ensino Médio. Citou que é praticante da religião evangélica. Trabalha de segunda a sexta-feira como babá e no final de semana é garçonete em um restaurante. Informou que não tem filhos, mora com a mãe, irmãos e o padrasto em uma casa alugada no bairro Monte Sinai.
- Jovem 9: tem 18 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que é praticante da religião evangélica. Trabalha de terça-feira a domingo como garçom. Citou que não tem filhos, mora com os pais no bairro do Novo Israel II.
- Jovem 10: tem 18 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que é praticante da religião evangélica, bem como não tem filhos. Desenvolve

atividades como estagiário em um órgão público estadual. Reside com os pais no bairro Vale do Sinai.

- Jovem 11: tem 19 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que é praticante da religião evangélica, também não tem filhos. Trabalha como ajudante de pedreiro sem carteira assinada. Mora em um quarto alugado no bairro Monte Sinai.
- Jovem 12: tem 19 anos, sexo feminino, solteira, cursando a 3ª série do Ensino Médio. Citou que não tem religião definida, também não tem filhos. Trabalha como vendedora em uma loja de cosméticos no Amazonas Shopping. Mora com a família de sua irmã no bairro Novo Israel II.
- Jovem 13: tem 19 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 2ª série do Ensino Médio. Informou que não tem filhos, bem como é praticante da religião católica. Trabalha como vendedor em uma loja de materiais de construção. Mora com a família no bairro Monte Sinai.
- Jovem 14: tem 20 anos, sexo feminino, casada, cursando a 3ª série do Ensino Médio. Citou que tem uma filha de 01 ano de idade, bem como é praticante da religião evangélica. Informou que anteriormente trabalhava como manicure e ajudante de cabeleireiro, mas depois do nascimento de sua filha precisou parar de trabalhar. Mora na casa de sua família com seu esposo e filha, no bairro Terra Nova.
- Jovem 15: tem 21 anos, sexo masculino, solteiro, cursando a 3ª série do Ensino Médio. Citou que é praticante da religião católica e não tem filhos. Informou que estava desempregado, apesar de procurar trabalho. Mora com o pai e a avô no bairro Cidade Nova.

Registramos que a participação dos jovens na pesquisa ocorreu seguindo o protocolo em pesquisa, mediante a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM). Seguindo a observância dos devidos procedimentos éticos e legais, primeiro realizamos a apresentação da proposta da pesquisa para os 15 sujeitos informando os objetivos. A anuência dos 11 participantes maiores ocorreu com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quanto aos 4 participantes menores de idade, encaminhamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para as famílias tomarem conhecimentos relacionados pesquisa,

sendo que esse documento foi assinado pelos jovens com a autorização dos responsáveis. Após essa autorização, os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informando a respeito da livre participação dos sujeitos, preservação do anonimato e publicação dos resultados. Houve a devolução dos documentos assinados por parte dos 15 participantes e seus respectivos responsáveis.

1.4.2 O contexto de estudo e o sujeito

A partir de informações obtidas na escola e registradas no caderno de campo, verificamos nos documentos escolares que a grande parcela dos jovens estudantes da Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira reside no bairro Monte Sinai, localizado na zona norte, sendo moradores do entorno da escola. Também outros são residentes do bairro Manoa, Colônia Santo Antônio, Vale do Sinai, Novo Israel, Terra Nova e Cidade Nova. Segundo registros, inicialmente o bairro Monte Sinai começou como um loteamento chamado Nova Esperança, resultado de ações de invasões.

No decorrer do ano 2000, iniciou-se o processo de desenvolvimento econômico e de urbanização do bairro. Nesse sentido, ao percorrer suas ruas observei que o perímetro central dispõe de vários empreendimentos como bancos, agência lotérica, lojas de roupas e calçados, consultórios médicos, supermercados, feiras, restaurantes, bares, lanchonetes, lan houses, serralherias, autopeças, oficinas mecânicas. Conta ainda com Correios, postos de saúde, escolas da rede pública e particular de ensino, cursos de idiomas, academias de musculação. Também observei que o bairro possui somente uma praça, bem como não oferece infraestrutura de esporte, lazer e cultura para a população jovem.

Quanto à segurança pública, segundo os próprios moradores, a sensação de insegurança é permanente, pois ocorrem com frequência eventos marcados pela violência associados ao tráfico de drogas, bem como assaltos, roubos, furtos e homicídios. Os jovens estudantes da escola são vítimas desse processo de violência urbana, muitos procuram mecanismos de defesa pessoal, visando a sua própria proteção, evitando circular em determinados locais e horários.

Os jovens que estudam na escola Dr. José Milton Bandeira, são oriundos de famílias com vários problemas sociais como baixo poder econômico, desagregação familiar, limitado nível de escolaridade dos pais ou responsáveis, com membros da família desempregados, vivendo em

moradias inseguras e com espaço restrito, bem como apresentando problemas de saneamento básico.

Quanto ao acesso dos jovens estudantes às redes sociais, estão conectados ao mundo da tecnologia digital, mediante a utilização de algum tipo de produto eletrônico como celulares, tablets, MP3, notebook, o que possibilita o contato com seus pares. A utilização desses equipamentos integra os sujeitos em um canal de socialização, compartilhamento de informações e diálogos entre os jovens.

O bairro Monte Sinai, bem como o entorno da Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira, se apresenta como o território de múltiplas relações para os jovens, proporcionando variados processos de socialização como os encontros que se estabelecem a partir das vias de acesso dos seus bairros até a escola.

Nesse itinerário cotidiano de casa até a escola, os jovens constroem diversas relações com seus pares, às vezes marcadas por confrontos entre grupos rivais e desentendimentos pessoais. Assim sendo, observei que os estudantes se deslocam em grupos e se concentram em frente à escola até a liberação do acesso ao ambiente escolar, instituindo um espaço de relações mútuas.

Desse modo, a calçada em frente à escola é um amplo espaço de interações entre os jovens, com a presença de grupos de amigos e casais de namorados. Percebemos que ao se dirigirem para a sala de aula, estabelecem relações sociais, conversam com seus grupos, buscando uma convivência interessante aos diversos sujeitos que se inter-relacionam. Também ocorrem as interações com os professores, equipe pedagógica, gestor e administrativos. Sendo assim, a escola é permanentemente um espaço vivido pelos sujeitos jovens.

Segundo informações obtidas na escola, constam 200 alunos matriculados no turno noturno, na faixa etária de 17 a 24 anos. Bem como, a sua infraestrutura apresenta 12 salas de aula, laboratório de informática, sala de mídias, biblioteca, laboratório de ciências, quadra esportiva, cozinha, banheiros, refeitório, secretaria, sala de professores, sala do gestor e do pedagogo, sala da fanfarra e do Projeto Mais Educação.

Como o bairro não dispõe de equipamentos de esporte e lazer, os jovens encontram na escola um ambiente para a prática de esportes, jogos e participação nas atividades sociais, recreativas e alguns jovens integram o grupo de fanfarra e de apresentação cultural. A escola organiza sessões para a projeção de filmes, promoção de gincanas escolares, feiras e mostras de trabalhos pedagógicos.

Outrossim, observei que os jovens utilizam a internet da escola para se conectarem as redes sociais como o Facebook, Instagram e Whatsapp, publicando, curtindo e compartilhando suas experiências. Assim, ao mesmo tempo em que os jovens agregam-se no espaço físico da escola, procuram através das mídias sociais vivenciarem diversas associações e potencializar o fluxo de comunicação.

1.4.3 As interações no grupo focal

Seguindo os encaminhamentos da investigação, há aspectos importantes que consideramos para o desenvolvimento da metodologia de análise do grupo focal que foram aplicados, orientando os procedimentos de pesquisa, bem como lançando luz sobre o objeto pesquisado, pondo a descoberto o que estávamos procurando.

Embora a relação completa de questões específicas que foram abordadas se constituísse em uma perspectiva muito ampla, houve a possibilidade de delimitar as informações que se revelaram relevantes, observando os dados essenciais que pretendíamos investigar.

Nesse contexto, para a realização do objetivo central da investigação, propomos a realização do grupo focal com a participação de 15 jovens, na faixa etária de 17 a 22 anos, definindo previamente o tempo de desenvolvimento de cada encontro com uma hora e trinta minutos de duração, pois a nossa intenção era construir um percurso dinâmico, necessário para a coleta de dados e o alcance dos objetivos da investigação.

Discorrendo sobre os itinerários seguidos na realização do grupo focal, planejamos as ações mediante a elaboração de um “tópico guia”, organizado a partir das sequência das temáticas relacionada aos objetivos e finalidades da pesquisa, bem como procedemos à apresentação dos temas aos sujeitos participantes das sessões.

Potencializamos a realização do grupo focal mediante a aplicação do tópico guia para nortear os encaminhamentos da pesquisa. Primeiro situamos os temas importantes que deveriam aparecer nos debates e no desenvolvimento das discussões. À medida que avançávamos passamos a observar o desempenho da dinâmica interna do grupo, surgindo à necessidade de modificação do tópico guia para subsequentes dinâmicas e atividades.

Registramos que o grupo forneceu diversas informações sobre as maneiras de lidar com os conflitos que emergiram na relação grupal durante a convivência. Além disso, mencionamos

que o ambiente de troca e partilha que surgiram nas vivências das situações de conversação possibilitou o fortalecimento e a articulação das experiências relatadas e construídas na relação grupal.

Assim sendo, planejamos o tópico guia seguindo às temáticas e dinâmicas que foram construídas para o alcance dos resultados da pesquisa. Devemos ressaltar que a partir da relação cotidiana com os participantes, algumas atividades foram reelaboradas e complementadas no decorrer da participação dos sujeitos jovens. Apresentamos as sequências temáticas elaboradas no tópico guia:

- Como me vejo? Como as pessoas me veem?
- A convivência e as relações familiares;
- Minha vida, meu projeto de vida;
- Entretenimento e lazer
- Redes sociais e interatividade;
- Cinema e literatura;
- A mídia e o culto ao corpo;
- Consumo e consumismo;
- Falando sobre o ficar, o namoro, sexo e sexualidade;
- Andando no bairro e na cidade;
- Religião e religiosidade;
- As amizades no espaço da escola.

Outrossim, os temas em foco apresentados no “tópico guia” foram desenvolvidos através de situações desencadeadoras mediante rodas de diálogo, projeções de vídeos, leitura de imagens, poesias, frases e palavras, letras de músicas, fotografias, dinâmicas de grupos e dramatizações. Essas atividades objetivavam estimular a participação dos sujeitos, integrando todos entorno das temáticas. Ao mesmo tempo, esse procedimento fortaleceu e dinamizou a coleta sistematizada dos dados.

Para a realização das atividades do grupo focal, definimos os objetivos e finalidades das ações, bem como estes foram apresentados aos participantes no início das sessões. Desse modo,

as sessões aconteceram mediante discussões amplas. As discussões avançavam ora sendo conduzidas pelo pesquisador, porém em determinados momentos um dos participantes liderava as discussões. Na conclusão de cada sessão realizamos as avaliações dos temas debatidos pelos participantes, sendo que gravamos e registramos os comentários dos sujeitos.

Percebemos que os jovens emitiam suas opiniões com interesse no desenrolar dos debates, faziam perguntas aos colegas, emitiam pontos de vista. No desenvolvimento da técnica a espontaneidade dos jovens se mostrou de maneira bastante marcante, com a manifestação de suas opiniões e ideias, trazendo suas experiências cotidianas para o círculo de debate. Os argumentos apresentados pelos participantes encontraram um grau de interesse nos demais sujeitos, fortalecendo o campo de debates, potencializando a comunicação e sustentando a participação dos jovens.

1.4.4 Os itinerários da entrevista semi-estruturada

As entrevistas ocorreram a partir de um roteiro elaborado com base nos objetivos da investigação. Assim, primeiramente realizamos uma aplicação de teste com um dos participantes, seguindo o roteiro de entrevista para confirmar a compreensão de todas as questões apresentadas. Após a testagem do instrumento, realizamos as correções necessárias nos itens.

Nessa perspectiva, após a definição dos aspectos fundamentais que comporiam o *corpus* da pesquisa, norteados pelos objetivos da investigação, elaboramos o roteiro definitivo de entrevista para a coleta de dados. Na sequência realizamos uma orientação sobre os blocos temáticos da entrevista para todos os participantes.

Destacamos o roteiro apresentado em blocos temáticos que se desdobraram em questões de entrevista:

- Identificação do sujeito jovem;
- Participação em grupos sociais;
- Família;
- Esporte e lazer;
- Convivência grupal;
- Valores pessoais e sociais;
- Consumo e mídia;

- Trabalho;
- Projetos de vida;
- Sexualidade;
- Religiosidade;
- Violência;
- Ambiente escolar.

Nesse sentido, após a conclusão dessa etapa, passamos para as transcrições do material coletado no grupo focal e entrevistas. Esse momento se revelou como um processo demorado, exigindo tempo, esforço, atenção e dedicação no procedimento de decodificação das mensagens, pois precisamos ouvir detalhadamente todo o material das gravações, bem como verificar as anotações e registros do caderno de campo. É importante observar que no decorrer das transcrições precisamos proceder a idas e vindas às escutas das falas dos sujeitos, procurando ser fiel aos enunciados apresentados por cada participante.

Durante a transcrição, o contexto da realização do grupo focal e entrevistas foram rememorados, permitindo recordar os enunciados com a oportunidade de reviver o conjunto de argumentos focalizados, ajudando no registro do material coletado. Ao mesmo tempo, houve a oportunidade de dirimir as dúvidas que surgiram nas situações de investigação, observando a comunicação com os participantes e os sentidos e significados de suas falas.

É importante ressaltar que o tópico guia e o roteiro de entrevistas não se constituíram em um fim em si mesmo, pois se revelaram como um processo em permanente reflexão em conjunto com os registros do caderno de campo. Para chegarmos aos resultados da pesquisa, realizamos operações mais complexas, observando os procedimentos e critérios do método de análise de conteúdo, percebendo as categorias temáticas que se revelaram essencial no transcurso do processo de investigação.

1.4.5 A análise de conteúdo e as categorias temáticas

Conforme o estudo se desenvolveu, observamos e registramos os dados coletados nas atividades do grupo focal, entrevistas e caderno de campo. Na apreensão dos dados qualitativos, a utilização do método de análise de conteúdo possibilitou o entendimento dos resultados da

pesquisa, configurando os encaminhamentos selecionados que adotamos no processo de investigação.

Nesse sentido, procedemos à confrontação do conjunto de questões localizadas após a transcrição do material de pesquisa. Devemos ressaltar que o interesse do grupo ao estabelecer a participação em todas as etapas da pesquisa, possibilitou a construção de saberes significativos, observando o contexto dos sujeitos jovens, seus conhecimentos e suas experiências.

Organizamos o material transcrito seguindo os passos metodológicos apresentados pelo método de análise de conteúdo, sendo que primeiramente realizamos a “leitura flutuante” de todo o material coletado.

No segundo momento passamos para a organização das “unidades significativas”, depois para a definição e estruturação das “categorias temáticas”. A metodologia adotada favoreceu a compreensão e esclarecimentos dos procedimentos necessários para a análise e interpretação dos resultados.

Nesse contexto, as respostas dos participantes foram mapeadas e organizadas apontando quatro categorias temáticas:

- Categoria 1: A experiência interior e a experiência social do eu;
- Categoria 2: As redes de socialização dos jovens;
- Categoria 3: Lazer, interatividade, mídia e consumo;
- Categoria 4: O território da escola como espaço de experiências coletivas.

Devemos lembrar que os diálogos estabelecidos entre os autores na revisão da bibliografia sobre a temática da juventude possibilitou um olhar multifacetado sobre o tema em questão, considerando a pluralidade do objeto investigado. Outrossim, a seleção do método de investigação, a escolha da abordagem e a opção dos procedimentos de análise, interpretação e tratamento dos resultados delinearão os encaminhamentos da pesquisa, norteando a reflexão sobre os sujeitos, as condições em que estabelecem a convivência no grupo de pares e o reflexo das interações na constituição da identidade do jovem. Seguindo esses procedimentos de análise, construímos e organizamos o *corpus* da pesquisa.

II POSIÇÃO INICIAL

O movimento das peças do jogo



“Em sistemas contemporâneos, a produção material é transformada em produção de signos e de relações sociais. Uma codificação socialmente produzida intervém na definição do eu, afetando as estruturas biológica e motivacional da ação humana. Ao mesmo tempo, existe uma crescente possibilidade, para os atores sociais, de controlarem as condições de formação e as orientações de suas ações. A experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais.”

Alberto Melucci

2. A JUVENTUDE E A CONSTITUIÇÃO DA SUA IDENTIDADE: EM BUSCA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

A abordagem apresentada neste capítulo é uma tentativa de empreender uma reflexão sobre a definição da categoria juventude, mediante os conceitos e constructos teóricos, pois nas últimas décadas é grande o esforço de educadores, sociólogos, psicólogos e filósofos em conceituar a categoria juventude e decifrar o fenômeno da identidade do jovem. Percebemos que ainda é um conceito em construção, marcado por divergências e pontos de vistas diferentes, o que de certa maneira reflete uma polissemia, implicando o estabelecimento de parâmetros definidores desta categoria.

2.1 A compreensão de um conceito

Ao refletir sobre a categoria juventude na contemporaneidade precisamos considerar um mosaico de sentidos e significados que procuram retratar e definir o sujeito jovem, bem como a maneira de ser e estar no mundo na atualidade, seus hábitos, atitudes, costumes e valores, o que acabou por gerar a percepção de que na contemporaneidade, ao falarmos em juventude deveremos estudar o conceito a partir da diversidade inerente a categoria.

A noção mais geral e usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando se abandona a infância para entrar no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude se configura como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social. (ABRAMO, 1994, p. 1)

De acordo com Abramo (1994), é importante superar a ótica da mera crença e suposição a respeito da temática da juventude, posto que seja fundamental considerar as alterações no ciclo histórico, o que demanda a amplitude no campo de análise da categoria em estudo. No decorrer do século passado, influenciado por mudanças econômico-sociais, no mundo do trabalho, na área jurídica e da cultura, surge como resultado a ressignificação da imagem e expressão da juventude.

Na perspectiva de Abramo (2005), como elemento constitutivo desta análise deveremos evidenciar os aspectos da realidade social que marcam profundamente a vida do jovem como o sentido atribuído a vivência no seu cotidiano. Assim, observamos que a juventude possui como características fundamentais a transitoriedade e as experiências adquiridas nos espaços de convivência, atribuindo importância e pistas definidoras da formação da identidade e da cultura na qual os jovens vivem imbricados por determinado tempo.

É forçoso, embora repetitivo, lembrar que os conteúdos, a duração e a significação social destes atributos das fases da vida são culturais e históricos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada. Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das reações que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornaram os elementos centrais de tal condição juvenil. (ABRAMO, 2005, p. 41. Grifo nosso)

No decorrer do nosso aprofundamento teórico, referendamos a temática da juventude na análise sociológica apresentada por Melucci (1996), compreendendo que é preciso buscar maior clareza na definição da categoria, objetivando que para se revelar de maneira mais segura é importante situar o sujeito em determinada sociedade, configurando o seu significado dentro de um dado período histórico.

Diante disso, poderemos confirmar os argumentos apresentados a partir de Melucci (1996), refletindo sobre o conceito mediante a complexidade da vida social, pois o campo da experiência e das relações se revela com diversas possibilidades que marcam a vida do jovem, implicando até mesmo na definição do conceito, levando-se em conta as condições concretas e matérias dos sujeitos situados em “múltiplas zonas de experiências”.

Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação. Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se ‘ter’ e mais algo para se ‘fazer’. (MELUCCI, 1996, p. 5. Grifo nosso)

No contexto apresentado por Melucci (1996), refletimos que na abordagem teórica não devemos considerar somente as delimitações quanto ao início e finalização da juventude em termos de idade biológica ou psicológica, como demarcada anteriormente pelos psicólogos do desenvolvimento, com ênfases nos aspectos fisiológicos e geneticamente definidos. Ao mesmo tempo, procurar seguir apenas a relação de faixa etária, seguindo a trilha interpretativa estabelecida pela infância, puberdade e vida adulta, dentro de uma linearidade, com padrões deterministas e definidos pelas mudanças biogenéticas implicaria na limitada compreensão da complexidade da condição juvenil.

Conforme poderemos constatar na afirmação de Brito (2002), não há dúvidas que deveremos considerar que a categoria juventude se constitui enquanto categoria sociológica, histórica e epistemológica. Segundo o autor, os jovens retratam mediante sua presença no mundo atitudes que oscilam entre a negação da cultura transmitida pelos adultos, buscando quebrar as regras da tradição, ao mesmo tempo apresentam determinação e desejo em participar do mundo dos adultos para usufruir dos direitos conquistados por estes.

É a tomada de consciência da imprevisibilidade de suas ações, tanto pelos sujeitos como pela sociedade, que torna essa fase etária uma categoria sociológica, histórica e epistemológica. É uma imprevisibilidade, diga-se, que atinge o íntimo dos indivíduos, seja como resposta negativa aos processos de transmissão cultural, seja como resposta positiva ao seu processo de integração no especializado mundo dos adultos, do trabalho, dos direitos políticos, da liberdade sexual, da independência afetiva e material. (BRITO, 2002, p. 103. Grifo nosso)

Segundo Brito (2002), para o nosso entendimento sobre a categoria juventude é fundamental considerar a relevância dos estudos sobre a temática, pois esta categoria incorpora os anseios, interesses, modos de ver o mundo e a leitura da realidade de cada jovem pertencente a classes sociais diversas, que vivem em espaços geográficos diferenciados, permeados de heterogeneidade, expressando seus valores, visão de mundo, estilos de vida, diversidades na maneira de ser e conviver, bem como a própria questão do exercício de seus direitos, participação e enfrentamento social.

Nesse sentido, na busca de compreensão sobre sujeito jovem, constatamos que precisamos definir conceitos, estabelecer pontos de ancoragem e ao mesmo tempo seguir as pistas que surgem na trajetória do objeto da investigação, pois a problematização que estamos levantando é inerente à categoria juventude, sendo essencial para a compreensão do campo de investigação.

Do ponto de vista teórico, a ausência de clareza quanto à definição do conceito de juventude, poderá implicar na consideração de apenas um único modo de analisar o campo de estudo e os sujeitos jovens, fragilizando os seus resultados. Assim sendo, a problemática relativa à questão da juventude coloca-se como um dos principais fenômenos produzidos na atualidade, revelando-se como um problema a ser investigado seguindo a perspectiva “sociológica, histórica e epistemológica”.

Nesse contexto, poderemos refletir mediante a exposição de Pais (1990), quando apresenta as questões da juventude a partir dos estudos de duas correntes sociológicas que procuram discutir a temática, fazendo referência às tendências que estudam a juventude seguindo a ordem cronológica e as que observam os aspectos da sua diversidade marcada pelo contexto social.

Não há, de facto, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias. Poderíamos mesmo agrupar essas teorias em duas principais correntes: as correntes geracionais e as correntes classistas. (PAIS, 1990, p.151).

No percurso aqui trilhado, observamos a partir de Pais (1990), a importância em situar os estudos sobre a juventude, pois precisaremos ter clareza sobre em que realidade examinaremos o conceito investigado, se nos elementos apresentados pela corrente geracional que seguem os padrões etários ou nos pressupostos da corrente classista que incorporam as particularidades de vida dos jovens definidas pelas condições de classe social, levando-se em conta nesse processo à presença marcante das culturas juvenis.

De acordo com Pais (2003), consideramos que a categoria juventude se estrutura revelando-se como socialmente construída, evidenciando a pertinência em sua releitura e interpretações. Por ser resultado da construção social, sofre os efeitos das variadas fases econômicas, culturais e políticas, provocadas pelas modificações no decorrer do processo histórico. Sendo assim, observamos que a categoria juventude não pode ser definida de maneira homogênea, uniforme e linear.

Torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos—porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. Mais que fazer uma dedução dos ‘modos de vida’ dos jovens a partir de um

‘centro’ imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise ascendente (passe a expressão) dos modos de vida dos jovens, partindo dos seus infinitesimais mecanismos, das estratégias e táticas quotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados. (Pais, 2003, p. 70)

Diante do exposto, a construção do conceito de juventude teve como um dos primeiros esforços o estudo realizado pela Escola de Chicago em 1920, tendo como objeto de investigação a cidade, seus problemas, os sujeitos, seus conflitos e contrastes, focalizando a problemática dos jovens envolvidos com a criminalidade. Assim, a juventude passa a ser objeto de pesquisa enquanto “problema social.”

Com base na sociologia funcionalista, que passou a demonstrar interesse no comportamento apresentado pela juventude delinquente, moradora dos guetos e marginalizada, apresentou em seus estudos a explicação sociológica do modo de ser dos jovens na sociedade contemporânea, indicando critérios próprios dessa sociedade. Segundo a Escola de Chicago, evidenciar e avaliar o comportamento juvenil baseado somente no padrão de educação e cultura familiar não possibilitava mais a percepção do sujeito jovem inserido na vida social, vivenciando experiências culturais multifacetadas.

A respeito da Escola de Chicago, devemos considerar a análise apresentada por Abramo (1994, p.8): “a visibilidade da juventude e sua tematização como problema constroem-se, nesse período, através do surgimento de um comportamento ‘anormal’ por parte dos grupos de jovens delinquentes, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes”. Investigar a juventude com base nos estereótipos passou a ser um dos critérios de interesse de pesquisadores das ciências sociais.

Nesse sentido, a partir de Abramo (1994), podemos perceber que em determinada época a juventude é retrata pelos fenômenos comportamentais marcados pelo envolvimento com a violência e como praticantes de atos infracionais. Assim sendo, nos anos de 1950 a sociologia funcionalista toma como referência o comportamento de grupos juvenis com estreita relação com a bandidagem.

Ainda na perspectiva de Abramos (1994), os jovens rotulados como problema eram estigmatizados e excluídos socialmente, bem como a sociologia funcionalista tentava comprovar que os sujeitos apresentavam comportamentos desajustados e agressivos, com ausência de maturidade relacional, dificuldades em conviver de maneira integrada, regular e responsável,

pautando suas hipóteses em suposições de que a sociedade era normal e os jovens eram desequilibrados.

A esse respeito à análise apresentada por Silva e Salles (2010), aponta que no campo de estudo sobre o conceito de juventude, emergem de maneira interligada às relações que se estabelecem entre juventude, violência e atos infracionais, delinquência e criminalidade, comportamento de risco e toxicodependência. A interpretação do discurso científico deixa transparecer a situação de exclusão social em que vivem muitos jovens, formando um conceito antecipado sobre a juventude, carregando estereótipos, rotulando e imprimindo um decalque sobre os sujeitos de maneira determinante e inevitável.

Os jovens que cometem atos violentos ou uma infração ou que já estiveram em situação de liberdade assistida são, conforme apontaram nossos estudos, qualificados como violentos. Tal qualificação adere-se a eles como uma tatuagem e eles começam a ser vistos a partir dessa ótica e toda a sua trajetória de vida é reinterpretada a partir do ato de violência cometido, como exemplificado no relato do jovem entrevistado por nós. Esse jovem encontrava-se em liberdade assistida: por melhor que procurasse relacionar-se com as pessoas de fora de seu círculo íntimo, era visto unicamente como delinquente. A identidade a ele atribuída de jovem delinquente o definia e demarcava todas as relações que estabelecia com os outros. (SILVA; SALLES, 2010, p. 59)

Avançando em nossa análise, a nossa reflexão se desenvolve através de Melucci (2001), refletindo sobre o caráter dos jovens enquanto provocadores de conflitos. Segundo o referido autor, um dos aspectos relevantes da condição juvenil indica que deveremos considerar a existência da concepção de juventude que permeia o imaginário social, enquanto que a categoria juventude reflete e retrata os problemas da realidade concreta com as suas problemáticas complexas. Posto isso, percebemos que essa abrangência confere amplitude na compreensão do conceito apresentado em nosso estudo.

Os jovens não são, como tais, atores conflituais: só a identificação de um campo de conflitos e a presença de fatores conjunturais de ativação podem fazer da condição juvenil o suporte de uma mobilização antagonista. Mas, quando isto surge, as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras; elas fazem desabrochar as questões profundas, os problemas e as tensões que permeiam toda sociedade. No tempo e no espaço que o conflito delimita os jovens não falam mais por si mesmos: ser jovem não é mais somente um destino, mas se transforma em escolha para mudar e para dirigir a existência. (MELUCCI, 2001, p. 105. Grifo nosso)

Nesse sentido, compreendemos a partir de Melucci (2001), que ao situarmos o campo de investigação no estudo da juventude, conferindo-lhe o dinamismo inerente à categoria,

compreendemos que os jovens vivenciam em seu próprio contexto conflitos de toda ordem, sentindo os problemas que afetam a sua vida concreta, por isso são os reveladores das grandes problemáticas e mazelas sociais, pois de certa maneira desempenham o papel de catalisadores de mudanças, provocando os processos de transformações no cenário social, repercutindo em várias situações na dinâmica da sociedade.

Diante do quadro marcado pelo dinamismo dos jovens, trazemos a abordagem de Hobsbawm (1995), localizando a temática da juventude no cenário da cultura juvenil, pois dentre as “novidades” apresentadas pelo autor a respeito da categoria, poderemos citar que houve o avanço da compreensão da juventude como etapa final do pleno desenvolvimento humano, passando pela indústria da moda com a valorização do blue jeans como estilo definitivamente jovem, alcançando o poder de compra e consumo de tecnologia digital. Assim, esse quadro é marcado por um processo de expressiva mudança cultural, considerando o percurso sinalizado mediante as alterações dos costumes sociais.

Nesse sentido, registrando a abordagem de Hobsbawm (1995), percebemos que as emergentes transformações sociais que alcançaram a juventude também se apresentava através da expressividade de personalidades do cinema, da música, da literatura e da moda, com a participação expressiva dessas celebridades no mundo jovem, provocando a revolução cultural, alterando o conceito de vida dos sujeitos, impregnando o cenário da juventude de novas performances na vida pública, marcando o contexto social da juventude.

A nova “autonomia” da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabavam juntas. Essa figura, antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean, foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude — o *rock*. Buddy Holly, Janis Joplin, Brian Jones, membro dos Rolling Stones, Bob Marley, Jimi Hendrix e várias outras divindades populares caíram vítimas de um estilo de vida fadado à morte precoce. O que tomava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição. (HOBSBAWM, 1995, p.318)

Assinalando as considerações de Hobsbawm (1995), observamos que esse discurso da inconformidade marcou o mundo jovem na dimensão educacional, social e política, através da demonstração de insatisfação e divergências nas relações que exigiam o cumprimento de regras, normas e imposição de limites. A transitoriedade da vida do jovem marcou presença constante

em trilhas sonoras, roteiros de filmes, peças teatrais e obras literárias. Sendo assim, analisando a categoria juventude observamos o significado da cultura para os jovens, verificando que emerge no contexto sociocultural novos padrões de consumo e estilos de vida, demarcando a cultura juvenil.

Diante do exposto, conferindo o que nos apresenta Abramo e Leon (2007), na atualidade surge um quadro teórico que apresenta a juventude em quatro perspectivas como tentativa de definir a categoria a partir do contexto social e cultural no qual se circunscreve. Não há dúvidas de que tal tentativa objetiva à apropriação do conceito e disposição para compreender o seu sentido e significado, ampliando a perspectiva do campo teórico estudado, levando-nos a refletir sobre a categoria juventude na dimensão plural, considerando as diversidades e particularidade da condição juvenil.

A juventude como período preparatório: nesta primeira abordagem, a juventude aparece como período de transição entre a infância e a idade adulta, gerando políticas centradas na preparação para o mundo adulto [...] a juventude como etapa problemática. O sujeito juvenil aparece a partir dos problemas que ameaçam a ordem social ou desde o déficit nas manifestações de seu desenvolvimento. Neste sentido, as questões que emergem são aquelas relativas a comportamentos de risco e transgressão [...] o jovem como ator estratégico do desenvolvimento: a visão do jovem como ator estratégico do desenvolvimento está orientado à formação de capital humano e de outros, como os de classe, raça, etc., que atravessam tanto os adultos como os jovens [...] a juventude cidadã como sujeito das políticas é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios” (ABRAMO; LEON, 2007, p.20-22).

Nesse sentido, na ótica de Dayrell (2007, p.40), “nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens”. Segundo o autor, são diversas as indagações que se apresentam na formulação do conceito da categoria juventude que se estruturam mediante uma trama inerente as relações sociais. Devemos lembrar que sem essas reflexões poderíamos ficar limitados em nosso estudo, por isso, é fundamental dilatar o foco da discussão para que tais questionamentos sejam explicitados e clarificados, oportunizando a melhor elucidação da temática a ser investigada.

2.2 O grupo de pares como espaço de múltiplas relações

No delineamento da condição juvenil, percebemos que o jovem enfrenta situações e experiências nem sempre conscientes da sua condição. Essa problemática passa pela construção

da sua própria identidade, a partir da compreensão e aceitação da auto-imagem, dimensão da corporeidade, respeito à individualidade e intimidade, mediante um processo desencadeado pela procura de si.

Desse modo, situando a discussão na busca da compreensão das situações de existência que são atravessadas por cobranças de desempenho do seu papel social, o jovem configura suas relações através da representação de um conjunto de determinações sociais. Essas determinações e expectativas interferem na percepção que o jovem tem de si mesmo, produzindo confusão e gerando inseguranças quanto às responsabilidades pessoais e sociais, provocando no sujeito desequilíbrios e situações de conflitos desencadeadores de angústias, temores, agressividades e oscilações de humor.

Conforme poderemos conferir na exposição de Amaral (2007), as diversas modificações físicas, oscilações de comportamento e alterações na percepção de si, interferem na aceitação da auto-imagem do sujeito jovem, provocando conflitos pessoais e no relacionamento com os outros. Na busca de entendimento sobre os seus desejos, interesses, angústias e aceitação social, o jovem procura se integrar nos grupos de amigos que funcionam para ele como um espaço de experimentação, marcado por oportunidade de vivenciar experiências diversas.

Todas as modificações corporais e as expectativas da sociedade com relação ao jovem levam-no a perceber que está vivenciando uma situação nova, a qual muitas vezes é vivida com ansiedade pelo desconhecimento de que rumo tomar. A experiência de ter um corpo em mutação leva a conflitos com a auto-imagem, fazendo com que ora sinta orgulho ora sinta vergonha do próprio corpo. Apesar de todas essas modificações, o adolescente precisa dar uma continuidade a sua personalidade, ou seja, precisa saber quem ele é, em que está se transformando, para assim reconstruir sua identidade. Os jovens passam horas e horas em frente ao espelho e comparam-se uns aos outros, buscando um padrão de normalidade e aceitação. Tais situações requerem momentos de isolamento e a assunção de identidades transitórias, ocasionais ou circunstanciais, no sentido de entender a sua intimidade e, assim, desenhar a sua própria identidade. (AMARAL, 2007, p. 6)

Partindo dessa compreensão, há por parte do jovem uma necessidade crescente na participação em grupos de pares, se envolvendo nas relações intersubjetivas que se desenvolvem na vizinhança de sua morada, vivenciando experiências com os amigos da escola, colegas da igreja e do grupo de esportes e bandas de música.

De acordo com Brito (2002), devido à complexidade do conjunto de interações, a necessidade de agrupamento atravessa todo o processo de desenvolvimento do sujeito

colaborando na constituição da sua identidade, oportunizando a sua vinculação a vida social. Ao mesmo tempo, no ato de participação no grupo juvenil o jovem desenvolve a autoestima, fortalece a percepção de si mesmo e os mecanismos mais complexos de reciprocidade com o outro.

Neste caso, o grupo de pares servirá como meio para processar a passagem da adolescência para a vida adulta, uma vez que o adolescente transfere dos pais para o grupo a sua dependência e, em alguns casos, para o líder. Em certo sentido, é nas relações de pares etários, constituídos ou não em grupos, que os adolescentes vislumbram a sua saída afetiva e psicológica do âmbito familiar, desenvolvendo nestas relações tendências construtivas ou destrutivas. (BRITO, 2002, p. 154)

Na perspectiva apresentada por Brito (2002), o grupo de amigos funciona para o jovem como uma âncora, pois a partir dele estabelece suas experiências particulares no jogo das interações. A mudança da infância para a juventude apresenta para o jovem um mundo permeado por descobertas e novidades, estendendo a sua teia de relações que vai se ampliando a partir da família, estabelecendo conexões e nós com os seus pares. Nas novas trilhas de relações sociais que delinea, estabelece a ancoragem no grupo de pares, passando a acumular vivências através da pluralidade e diversidade de relacionamentos com variadas possibilidades de elaborar a sua singularidade.

Com efeito, a partir de Aberastury (1981), entendemos que dada à importância que tem o grupo para o jovem com a sua vinculação e participação grupal, este se constitui como um dos movimentos ativos mais desejados pelo sujeito, principalmente levando-se em consideração a necessária separação do modo de pensar dos pais e da aspiração de conquistar a sua autonomia a partir das relações de amizade com os outros jovens, escolhidos e selecionados por ele, sendo que essa identificação com os pares nem sempre contará com a anuência da família.

Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal. Ocorre aqui o processo de dupla identificação em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente. (ABERASTURY, 1981, p. 32)

De acordo com Aberastury (1981), a demarcação do processo de independência inicial dos pais se configura como um fator importante para a definição dos papéis que mais tarde o jovem precisará desempenhar enquanto sujeito social. Por isso, devemos compreender a importância dos amigos na perspectiva relacional para os jovens, sedimentando as suas escolhas,

desencadeando o processo do seu amadurecimento pessoal e social, colaborando enquanto força motriz na apreensão da sua identidade adulta.

[...] na sua busca da identidade adolescente, o indivíduo, nessa etapa da vida, recorre como comportamento defensivo à busca de *uniformidade*, que pode proporcionar segurança e estima pessoal. Aí surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado, **Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um.** Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode separar da *turma* nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimenta, costumes, preferências de todos os tipos, etc. (ABERASTURY, 1981, p. 36)

Destacamos o que apresenta a referida autora, quando assinala que no grupo juvenil o jovem inicia o processo de auto-representação com o enfretamento dos sentimentos de frustração e ansiedade que marcam de maneira singular o momento da saída da infância, entrada na adolescência e juventude, com o questionamento da instituição familiar, confronto da autoridade dos pais e a avaliação constante do modo de condução da educação dirigida pelos adultos. De certo modo, tomar parte no grupo de amigos ajuda o sujeito jovem a percorrer essa fase marcada por conflitos, dando significado ao sentimento de integração social.

Desta maneira, o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. **O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo resulta útil para as dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo no indivíduo, mas com características que diferem das infantis.** Depois de passar pela experiência grupal, o indivíduo poderá começar a separar-se da *turma* e assumir a sua identidade adulta. (ABERASTURY, 1981, p. 37)

No prosseguimento dessa exposição, na perspectiva de Dias (2012), a escolha dos amigos proporciona ao jovem as primeiras decisões que se desdobram na busca de sua autonomia, dividindo com os companheiros seus valores, crenças e pontos de vista, influenciando e sendo influenciado na relação grupal, a partir de um contato mais íntimo com o grupo. A força motriz provocada pelo grupo praticamente definirá as formas de comunicação entre os pares, com uso de gírias, códigos, uso de acessórios, roupas e elementos visuais que identificam aquele grupo de amigos.

Tendo em conta esse sentimento de pertença a um grupo, o adolescente prepara simultaneamente a sua pertença na comunidade e na sociedade. O grupo de pares, para além de promover as competências sociais, contribui também para o desenvolvimento psicológico do adolescente. Esse desenvolvimento decorre essencialmente da interação

do sujeito com o grupo de pares, uma vez que ao interagir com os outros irá gradualmente definir-se enquanto pessoa. (DIAS, 2012, p. 4)

Desse modo, conforme poderemos observar em Amaral (2007), a experiência no grupo de pares que o jovem passa a estabelecer ao redor de si, constitui a estrutura emocional que o jovem procura nesse momento de transição. O espaço relacional anteriormente estruturado ao redor dos familiares se amplia, os amigos ganham status de parceiros, companheiros inseparáveis, melhores amigos, surgindo o espírito de grupo e identificação grupal, seguindo os signos identitários estabelecidos pelo grupo.

A busca da identidade no adolescente faz com que ele recorra, como comportamento defensivo, à busca pela uniformidade, que pode lhe fornecer segurança e auto-estima. A partir daí surge o espírito de grupo. No grupo, há um processo massivo de identificação coletiva. Basta olhar para um grupo de adolescentes: as vestimentas são semelhantes, o modo de falar (às vezes, criando um “idioma” próprio), os lugares freqüentados, os interesses, tudo é absolutamente semelhante. Neste momento, o jovem se identifica muito mais com seu grupo do que com os familiares. No grupo, ele sente-se reforçado e apoiado em suas ansiedades. Daí porque a vivência grupal é de fundamental importância. O grupo se constitui na transição necessária entre o mundo familiar e o mundo adulto. (AMARAL, 2007, p. 6)

Na perspectiva de Schwertner (2010), no decorrer do processo de identificação o jovem ao mesmo tempo em que convive espontaneamente com os amigos, compartilhando ideias e ideais, estruturando os sentimentos de pertença, desejo de estar sempre junto, dependência do outro, cooperando nas atividades do grupo, partilhando experiências, provoca e instaura mecanismos de competição e acirramento de conflitos, com a disputa por território, poder e liderança.

Relações de amizade são entendidas aqui como relações ambíguas, que afirmam e igualmente ameaçam um senso de identidade estável. Ao mesmo tempo em que proporcionam alívio ao desamparo, paralelamente levam o jovem a pensar as diferenças e confrontar-se com a alteridade, com o outro em sua diferença e estranheza. Aspectos como competição, discórdia, discussões e rivalidades são concomitantes a momentos de solidariedade, criação, invenção e compartilhamento. Relações de convivência em que assimetria e não-reciprocidade podem ser compatíveis com sentimentos de igualdade, solidariedade e responsabilidade. (SCHWERTNER, 2012, p. 27)

Na opinião de Schwertner (2012), em certa medida, ao instituir o antagonismo no grupo, as relações de amizade recíproca podem entrar em declínio devido aos interesses incompatíveis e constantes imposições de pontos de vista, utilizados como mecanismo de confronto que se

apresenta na vivência dos jovens nos diferentes grupos. Essas relações conflituosas ultrapassam o espaço da vida íntima e se situam nas relações constituídas no âmbito da vida social mais ampla.

De acordo com Miche (1997), nesse processo de múltiplas interações, ao mesmo tempo em que o jovem busca ser aceito e acolhido pelo grupo, também desencadeia relações conflituosas. Assim sendo, o momento de transição da juventude para a vida adulta é carregado de sensibilidade devido à necessidade de reconhecimento nas atividades sociais que o jovem participa.

Diante do exposto, na convivência grupal, ao se relacionar com seus pares o jovem precisa evidenciar-se e desenvolver expressões de identidade com o grupo, dando visibilidade a sua personalidade, o que poderá fragilizar a compreensão que o jovem carrega sobre si mesmo, observando que para participar precisará apresentar códigos interativos construídos pelo grupo no qual pretende se integrar.

2.3 O significado do presente e a elaboração da identidade do jovem

Indubitavelmente, a temática da construção da identidade encontra em Erikson (1976), uma das maiores referências quanto aos estudos realizados a respeito da juventude e identidade. O autor relata em seus estudos que no primeiro momento é difícil definir o que vem a ser identidade e como compreender a rede de signos que interferem na sua formação, estando sujeito às variações históricas. Na sua narrativa Erikson informa que o termo ganhou grande popularidade, tornando-se amplo e variado o seu contexto e utilização, por isso indica a necessidades de delimitar o campo de investigação.

Nesse sentido, com base em Erikson (1976), a busca sistematizada pela definição do conceito possibilitou a condição necessária para proceder à investigação da temática, levando os cientistas sociais a um aprofundamento maior, diminuindo as possibilidades de generalizações que obstaculizavam a compreensão e definição do termo em análise.

Por outro lado, os cientistas sociais tentam, por vezes, alcançar maior especificidade fazendo com que termos tais como “crise de identidade”, “identidade do eu” ou “identidade sexual” se ajustem a qualquer item mais mensurável que eles estejam investigando, num dado momento [...]. Por uma questão de capacidade lógica ou experimental de manobra (e com o intuito de se manterem em boa companhia acadêmica), eles procuram tratar esses termos como uma questão de papéis sociais, traços pessoais ou imagens conscientes do eu. [...] (ERIKSON, 1976, p.13).

Ainda na perspectiva de Erikson (1976), nas últimas décadas o termo identidade ganhou destaque e visibilidade, principalmente nas ciências sociais, com a percepção que a construção da identidade é um processo dinâmico e mutável, despertando o interesse da psicologia e sociologia ao estabelecer pontes sutis na compreensão do mundo íntimo dos sujeitos. Nesse processo de definição do conceito de identidade e singularidade do jovem, o autor apresenta a discussão sobre “identidade” e “crise de identidade”, passando a sinalizar em seus estudos a relação entre juventude e crise de identidade a partir da transição da infância para a juventude.

‘Identidade’ e ‘crise de identidade’ tornaram-se, no uso popular e científico, termos que, alternadamente, circunscrevem algo tão vasto e, à primeira vista, tão óbvio que pedir uma definição seria quase o mesmo que pedir o trivial, enquanto que, outras vezes, eles designam algo tão limitado para fins de medição que o significado global se perde e poderiam perfeitamente chamar-se outra coisa [...]. (ERIKSON, 1976, p.13).

Diante do exposto, conforme poderemos observar na afirmação de Hall (2006), é no momento atual que podemos compreender que o conceito de identidade ganha na contemporaneidade maior relevância devido a complexidade do cenário social, fato este que leva a própria comunidade das ciências sociais a questionar a natureza da definição do conceito.

A opinião dentro da comunidade sociológica está ainda profundamente dividida quanto a esses assuntos. As tendências são demasiadamente recentes e ambíguas. O próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para se definitivamente posto à prova. (HALL, 2006, p. 8)

Encontramos em Brito (2002), a abordagem sobre a constituição da identidade na complexidade do cenário social e as implicações das múltiplas alterações nas relações, refletindo na subjetividade dos sujeitos. Assim, surgem questionamentos sobre a problemática da elaboração da identidade do jovem imbricados em contextos sociais diversos. As fraturas que surgem nas relações provocam instabilidades e fragmentações na compreensão do sujeito jovem, abalando os parâmetros que anteriormente se concentravam em estruturas e ordenamentos duráveis referentes aos indivíduos e sociedades presumidamente estáveis.

É nesse cenário complexo, em que os parâmetros homogeneizantes da subjetividade se desagregam e se fragmentam, que a infância e a adolescência vão aparecendo como etapa socialmente distinta da formação do indivíduo humano, fazendo emergir novas significações, formas de interações e busca de construção de identidade. É um aparecimento resultante de diversos eventos, produzidos tanto pelas transformações

sócio-históricas e científicas como pelas ações dos próprios sujeitos. (BRITO, 2002, p. 63)

É importante ressaltar, seguindo a perspectiva de Brito (2002) e Hall (2006), a necessidade de compreender que as mudanças no panorama da sociedade na contemporaneidade são marcadas pelos processos de alteração no paradigma econômico, político e social, com interferências profundas nos modos de ser e estar no mundo na atualidade, com o deslocamento e descentração do sujeito. Nesse sentido, os processos identitários são determinados pelas novas interfaces da tecnologia da informação e comunicação, cibercultura e virtualização das experiências culturais.

[...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raças e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo. (HALL,2006, p.9)

A trajetória apresentada pelos referidos autores encontra sustentação nos pressupostos apresentados por Melucci (1996), observando a necessidade de estabelecer entrelaçamentos significativos entre juventude e identidade, constituindo percurso balizador sobre o estudo. Segundo o autor, as flutuações e variedades de códigos sociais e relacionais conferem um terreno complexo, instável e movediço para os jovens construírem sua identidade. Outrossim, os paradigmas sociais em mutação refletem na constituição dos sujeitos envolvidos nesses esquemas, que por sua vez se enredam nessa teia de relações independentemente da sua condição social e cultural.

Para lidar com tantas flutuações e metamorfoses, os adolescentes sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Eles devem ser capazes de abrir e fechar seus canais de comunicação com o mundo exterior para manter vivos seus relacionamentos, sem serem engolidos por uma vasta quantidade de signos. Ainda mais, para abraçar um campo amplo de experiências que não pode ser confinado dentro dos rígidos limites de um pensamento racional, eles precisam de novas capacidades para contatos imediatos e intuitivos com a realidade. Essas exigências alteram os limites entre dentro e fora e apontam para a necessidade de uma maior consciência de si mesmo e responsabilidade para um contato mais estreito com a experiência íntima de cada um. (MELUCCI, 1996, p. 7)

Ainda segundo Melucci (1996), no itinerário estabelecido para a compreensão do movimento de elaboração da identidade, deveremos focar os aspectos da realidade que marcam profundamente a juventude como no caso do sentido atribuído ao pertencimento. A juventude possui como características fundamentais a transitoriedade, as experiências adquiridas no cotidiano que atribuem importância na formação da identidade, a cultura na qual os jovens vivem imbricados, a convivência entre os pares e o espaço de convivência como irradiador de “múltiplas experiências”. Diante do exposto, constatamos que na elaboração da identidade do jovem as experiências concretas que são construídas pelos sujeitos nas diversas interações sociais implicam na sua identificação.

Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação. Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. **Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se ‘ter’ e mais algo para se ‘fazer’.** (MELUCCI, 1996, p. 5)

Diante do exposto, a juventude elabora a sua identidade nas múltiplas experiências que desenvolve no decorrer da convivência social, sendo o cotidiano da vida em família um marco fundamental e definidor para a elaboração da sua identidade, bem como o contexto social, os espaços de lazer e recreação, o ambiente escolar e os demais agrupamentos que lhe possibilitam o entrelaçamento de laços de pertencimento.

A partir desse entendimento, segundo Melucci (1996), o conceito de identidade é construído sociologicamente mediante a presença de um pluralismo de experiências sociais, indicando a diversidade de signos e significados que podem evidenciar os campos de conflitos enfrentados pela juventude. Devemos considerar na dimensão da elaboração da identidade, observando o processo sócio-histórico, que os sujeitos assumem diferentes identidades no decorrer das suas experiências.

Na construção do pensamento em análise deveremos levar em conta a proposição anunciada por Touraine (1998, p. 73), a partir do seguinte princípio: “o sujeito não é uma ‘alma’

presente no corpo ou o espírito dos indivíduos. Ele é a procura, pelo próprio indivíduo, das condições que lhe permitem ser o autor da sua própria história.”

Desse modo, nos espaços de interações e nas situações de contradição em que vivem os jovens emergem os embates e conflitos que conferem sentidos nas múltiplas experiências pessoais e sociais experimentadas pela juventude, sendo que à medida que participam dos jogos das relações transformam o contexto social, sendo por ele transformados.

2.4 As culturas juvenis e o contexto sociocultural

Nos espaços das cidades as culturas juvenis emergem no cenário estabelecendo interfaces com a juventude, manifestação cultural, lazer e entretenimento. O jovem vivencia em seu cotidiano experiências culturais diversas a partir de relações sociais com seus pares, em permanente intercâmbio e consumo de produtos direcionados a cultura juvenil, relacionados aos estilos de vida inerentes ao seu grupo etário.

No entendimento de Dayrell (1999, p. 28), “os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade de jovem. As culturas juvenis, como expressões simbólicas da condição juvenil, se manifestam na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos”.

As culturas juvenis representam modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que sinalizam o pertencimento a um determinado grupo. São as linguagens e seus usos particulares, os rituais e os eventos por meio dos quais a vida adquire, para eles, um sentido. Essa diversidade também é dada pelo contexto de origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens são socializados (DAYRELL, 2008, p. 187).

Conforme poderemos constatar em Carrano (2005), o dinamismo cultural marca a vida da juventude. Particularmente as relações socioculturais por seu caráter dinâmico, plural e diverso, possibilita aos jovens elaborar, reelaborar e incorporar valores simbólicos em processo de transformação, influenciando na elaboração do mundo íntimo do jovem. Segundo o autor, no tempo livre e nas atividades de lazer os jovens elaboram manifestações culturais se diferenciando do mundo dos adultos.

É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do

denominado mundo adulto. No contexto de menor controle das gerações adultas, os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis. Não é incomum que a sociedade enxergue nessas culturas traços de marginalidade quando estas fogem ao social e culturalmente esperado pela “adulterez” dominante de determinada época histórica ou pelos valores de determinadas comunidades de referência. (CARRANO et al., 2005, p. 176)

Seguindo a discussão apresentada, Brito (2002) assinala que as experiências culturais dos jovens são marcadas por um constante movimento de mobilização e desmobilização dos seus diversos processos identitários, como no caso das manifestações socioculturais enquanto produtos negociados a partir das variadas experiências juvenis, pois os jovens são os maiores catalisadores de transformações e mudanças.

É especialmente em relação a sua inserção no contraditório tecido dos valores sociais, da ‘crise’ da ética do trabalho em prol da ética do consumo e do lazer e da dificuldade de buscar identificação numa realidade de sentidos difusos, que os adolescentes e jovens produzem formas diferenciadas de resistências e recusa, ora tendentes à produção cultural, ora tendentes à inserção sob a forma do perigo (ou da *adrenalina*, como dizem eles), com as quais possam almejar a produção de si como diferentes. (BRITO, 2002, p. 119)

Na perspectiva dos autores destacados, nas práticas culturais os jovens consolidam e permeiam de significados a sua identidade, estabelecendo o sentimento de pertencimento e reconhecimento no grupo juvenil, experimentando o “protagonismo cultural” nos cenários da vida pública como espaço de liberdade, expressando-se por meio de estilos musicais como o Rap, Pop, Reggae, Hip Hop, Funk, Rock, Gospel, bem como aqueles que participam de tribos urbanas como os Punks, Hippies, Skinheads, Góticos, Emos, Nerds, Surfistas, Skatistas, Grafiteiros, dentre outros.

Ao conceituar o “experimentalismo da juventude” nas práticas culturais, Castro e Aquino (2008), ressalta que os jovens constroem pontos de culturas plurais, vivenciando os laços sociais e afetivos com seus pares, desenvolvendo a capacidade de expressão, fortalecendo os processos de identificação. Segundo o autor, através da produção cultural, emergem os elementos de contestação intencionando romper com modelos culturais legitimados pelos adultos, dentre eles a cultura formal ensinada pela escola.

O experimentalismo da juventude tem três dimensões: demanda por reconhecimento, crítica à cultura consagrada e desejo de acesso à informação cultural. Tudo isso vem regado com um forte ejetismo ou hibridismo cultural e crítica às formas de cultura estabelecidas ou legítimas, seja no campo das artes ou das formas de vida das gerações

anteriores. Pode-se afirmar que esse tempero implica fazer críticas às instituições culturais, em especial as escolares, que não se sensibilizam nem se amoldam a tais exigências. [...] Os jovens negam os mecanismos de distinção social propostos pela educação formal, em razão de modos inteiramente novos de aquisição e valorização cultural. Diante desta configuração própria da juventude, a formação do gosto e a reprodução de modelos de excelência são falhas, e deixam entrever um descasamento entre os objetivos institucionais escolares e a cultura juvenil. (CASTRO; AQUINO, 2008, p.87)

Seguindo o percurso ora trilhado, Melucci (1996), pensando a centralidade que a cultura representa na vida do jovem, afirma que o movimento de criação de pontos de cultura alternativos, através de manifestações culturais realizados pela juventude se constitui de maneira dispersa nos centros urbanos. Os jovens desejam a fruição das artes como cinema, teatro, danças, a frequência em espaços artísticos e apresentações musicais, porém a cidade segrega a juventude da periferia que procura alternativas compensatórias para as suas carências.

Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática. (MELUCCI, 1996, p.13)

Diante do exposto, encontramos em Abramo (2001), que grupos de jovens moradores da periferia desenvolvem novas formas de expressões culturais e práticas de lazer, procurando produzir espaços de integração entre eles, criando o contraste a partir de sua singularidade, desconstruindo o formal. Assim sendo, elaboram estilos próprios para vivenciar a diversidade cultural e o lazer. Seguindo para além do formal e hierarquizado, os jovens buscam ressignificar o cotidiano, construindo meios de relacionamento com o grupo de amigos nas experiências culturais.

A necessidade de cultura e lazer tem se posto como demanda prioritária para os jovens também porque há uma carência imensa de meios para satisfazê-la. Os equipamentos são insuficientes e os que existem apresentam muitas dificuldades de acesso para os jovens, principalmente os que tem baixa renda familiar e moram nas regiões periféricas da cidade. (ABRAMO, 2001, p. 4)

Ainda de acordo com Abramo (2001, p.4), “embora o desejo de fruir atividades culturais seja grande, é pequena a porcentagem de frequência de jovens aos equipamentos culturais que a cidade possui, principalmente aqueles que remetem à cultura erudita, mas também aqueles que veiculam bens da indústria cultural (como cinema, shows e teatro)”. A autora evidencia que a ação de segregar os jovens da periferia, com a demarcação dos limites de circulação na estrutura

espacial do centro da cidade, impede a fruição de bens e equipamentos do universo cultural existente na cidade.

Nesse sentido, poderemos compreender a partir de Castro e Aquino (2008), que a dimensão cultural deve ultrapassar a oferta e acesso aos bens culturais localizados e direcionados somente as minorias, através do desenvolvimento de ações e programas públicos com investimento no “fazer cultural” da maioria da população. Segundo o autor, deveremos considerar o processo criativo do sujeito jovem que nessa relação se educa e se humaniza, refina a sua sensibilidade mediante a integração da dimensão da criatividade que se realizam nas práticas culturais, ensejando o sentido de pertencimento.

Em linhas gerais, as políticas culturais têm um viés produtivista ou patrimonialista. Aqui se aponta em outra direção, qual seja a de que a política pública, tal qual preconizada pelos Pontos de Cultura, deve considerar também os desejos reais ou empíricos. Transformar e melhorar a qualidade do que é produzido, melhorar o acesso (mais arte e música clássica, por exemplo) e formar a demanda são parte do problema, mas é também necessário partir daquilo que mobiliza as pessoas em torno do fazer cultural. Dessa forma, a cultura pode ser tomada como um fenômeno vivo, dinâmico, capaz de animar a vida econômica e simbólica das sociedades. Não por acaso o consumo e seus estilos fomentam identidades, que surgem e desaparecem, mas que ligam indivíduos, grupos, regiões. O consumo cultural dá ordem a significados e indicia inúmeras identidades sociais. (CASTRO; AQUINO, 2008, p.96)

Na abordagem conceitual apresentada por Dayrell (2008), no cenário das tendências atuais encontramos no consumo de signos os marcadores culturais, observando que os jovens são os sujeitos fundamentais da expressão cultural da sociedade, encontrando no consumo da indústria cultural a expressão da socialização da juventude, lembrando que os jovens consomem os símbolos relacionados aos seus grupos de pertencimentos. Outrossim, a utilização dos espaços doméstico e vias públicas, expressam quase sempre tendências para reelaborar a cultura, buscando o sentido e a identidade que se constroem na trilha das experiências concretas.

As culturas juvenis representam modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que sinalizam o pertencimento a um determinado grupo. São as linguagens e seus usos particulares, os rituais e os eventos por meio dos quais a vida adquire, para eles, um sentido. Essa diversidade também é dada pelo contexto de origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens são socializados (DAYRELL, 2008, p. 187)

Segundo Dayrell (2007), historicamente existe uma problemática quanto à popularização da cultura no Brasil. Um dos grandes desafios é a democratização de espaços para a fruição de

cultura e lazer para a juventude, devido ao modelo social estruturado em condições materiais limitadoras da vida dos jovens moradores da periferia. Segundo o autor, pesquisas apontam o acesso restrito dos jovens em museus, centros culturais, salas de exposições e salões de artes.

Na construção dessa abordagem, como afirma Pais (2006), as culturas juvenis ultrapassam a condição de serem construídas socialmente, mais do que isso, constituem-se enquanto configurações espaciais. Desse modo, cabe à reflexão sobre o papel da cidade enquanto criadora de espaços de sociabilidade ou de exclusão juvenil, reconhecendo as demandas significativamente apresentadas pelos jovens na convivência entre seus pares no espaço da cidade.

Seguindo a problemática suscitada, Brito (2002) observa que ao circular no espaço urbano para a fruição de cultura, lazer e entretenimento, o jovem vivencia um processo de afirmação de sua identidade, sofrendo influências e influenciando os espaços de interações. Assim, ao consumir e produzir cultura a partir da multiplicidade e diversidade relacional, expressa as identidades culturais, ampliando as suas potencialidades em permanente processo de troca entre seus pares, gerando identificação coletiva, maneiras e modo de atuar nos espaços públicos e privados.

É como busca de apropriação de si que adolescência e a juventude ganham visibilidade no cenário urbano, delimitando territórios próprios em seus grupos de pares e na espetacularização de seus estilos de vida, contribuindo para a segregação das fases etárias e, ao mesmo tempo, influenciando os modos de visibilidade dos indivíduos das outras fases etárias, crianças e adultos. (BRITO, 2002, p. 119)

Nesse sentido, a partir de Abramo (2001), os processos de identidade cultural representados pelos jovens tendem a provocar modificações no padrão cultural formal. A tendência que a juventude atual assume incorpora o desejo de alterar as velhas práticas restritivas e tradicionais de manifestação e produção cultural, pois enquanto ato de contestação recusam-se a aceitar a existência de um pensamento monocultural, que pretende predominar como definidor do comportamento do sujeito jovem. Por isso, os jovens rompem os paradigmas assumindo um papel de contestadores, buscando práticas culturais mais diversificadas para vivenciarem e representarem a criatividade em uma dimensão plural.

Além da dimensão da fruição de cultura, outro aspecto que tem de ser considerado é o da criação cultural que, como vimos, tem se mostrado altamente motivadora e mobilizadora para os jovens: salta aos olhos o número de jovens que se articula em grupos em torno deste tipo de atividades, e a capacidade de realização de eventos, projetos etc. que eles

engendam. Os grupos que se formam assim tem aparecido como uma das instâncias mais importantes de formação de identidade e de atuação coletiva, e também como polo de referência para os jovens que não participam diretamente deles. (ABRAMO, 2001, p. 4)

Diante da manifestação cultural, os jovens enquanto “atores de conflitos”, se lançam em desafios, provocam mudanças e incorporam novos significados que representam a maneira de realizar a sua própria leitura de mundo. Por isso a juventude independentemente do espaço e instituição no qual convive e se relaciona, imprime a sua personalidade e identidade, ora desequilibrando e equilibrando, desestruturando e reestruturando, desconstruindo e reconstruindo, transformando os espaços de cultura e lazer.

Apesar das tentativas de controle e manipulação do imaginário e comportamento da adolescência, é justamente essa reciprocidade entre sujeito e sociedade que faz com que a adolescência seja um fase etária perpassada por novidades, tanto em nível de sua visibilidade social, quanto em nível da estruturação de seus esquemas de representação de si e do mundo. Na medida em que seu processo de socialização e integração na sociedade adulta não segue um processo linear e previamente definido, e na medida em que se configuram como sujeitos sociais com ação própria, deles se pode esperar o inesperado, apesar dos deveres e das exigências que para eles convergem a partir do seu núcleo imediato (grupos sociais e família) e a partir da sociedade mesma (com suas instituições educadoras) (BRITO, 2002, p. 103)

Diante desse cenário, com base em Machado (2014), poderemos nos referir a um dos novos representantes desse fenômeno das culturas juvenil ficou conhecido pela denominação de “rolezinho”, como anúncio de uma nova tendência. O movimento espontâneo de uma expressiva quantidade de jovens, principalmente os moradores da periferia dos grandes centros urbanos, se configurou a partir da marcação de encontros via redes sociais em shoppings, com a intenção de conversar, se divertir, encontrar parceiros, consumir roupas e acessórios de grife, poder circular e serem notados a partir do consumo de produtos de grifes.

Os jovens da periferia, se estavam interessados apenas em dar um rolê, agora estão se dando conta de sua força. E não têm se contentado em ser parte daquele Brasil arcaico, que se esconde longe dos olhos da população em sua cega zona de conforto. Esses jovens querem ser vistos com sua capa de super-herói. Eles não querem ser reconhecidos por meio da exotização e da romantização da cultura popular, mas por uma apropriação singular dos símbolos mais altos do poder (as marcas) e dos espaços (os shoppings). O rolezinho é um alívio temporário capaz de transmutar exclusão em inclusão – inclusão ainda longe de ser de fato e de direito. Temos a consciência desse debate – ou fazer emergir o discurso social camuflado – é certamente o primeiro passo. (MACHADO, 2014).

Desse modo, os jovens participantes desse movimento cultural indicam a tendência da juventude em quebrar as regras sociais determinadas formalmente pelos adultos. Assim, a intensidade com que os jovens ocuparam os shoppings dos grandes centros urbanos, considerados “templos do consumo”, objetivava alterar as normas de circulação em espaços particulares ou público. Observamos que a intenção dos jovens que vivenciaram a experiência do fenômeno cultural denominado “rolezinho” pretendiam para além de frequentar e ocupar os espaços da cena pública e privada, consumindo roupas de marca, interagindo com seus pares, demarcar o território da cidade, circulando e se apropriando do espaço urbano.

Considerando os eixos teóricos articulados pelos autores, observamos que quando o jovem se inclui na vida pública, passa a se localizar mediante as relações que estabelece com o mundo cultural na convivência com seus pares, desenvolvendo estilos singulares que possibilitam as identificações com determinado grupo juvenil. A imagem que o jovem tem de si mesmo, com a elaboração da sua subjetividade se estrutura a partir da identificação com a família, com o grupo de amigos e na relação com a cultura e lazer. Nesse processo, o jovem vivencia experiências que provocam choques, conflitos e rupturas com os adultos, pois ao mesmo tempo em que sofre a influência destes também influencia as relações e o contexto social.

III O MEIO-JOGO

Estratégias e táticas



“Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.”

Alberto Melucci

3. RELATOS DO COTIDIANO: AS INTERLOCUÇÕES E OS ACONTECIMENTOS DA VIDA DOS JOVENS REVELADOS POR ELES MESMOS

Apresentamos neste capítulo o delineamento dos resultados da pesquisa organizados a partir das categorias que emergiram no processo da investigação estando relacionados aos objetivos e propostas apresentadas para o desenvolvimento da pesquisa, seguindo a metodologia de análise de conteúdo. As categorias temáticas que passamos a apresentar surgiram a partir da análise e interpretação das discussões das sessões no grupo focal e nos momentos de diálogos mediante as entrevistas com os 15 jovens, bem como dos registros do caderno de campo. Assim sendo, as categorias temáticas seguem o princípio balizador da investigação: 1) A experiência interior e a experiência social do eu; 2) As redes de socialização do jovem; 3) Lazer, interatividade, mídia e consumo 4) O território da escola como espaço de experiências coletivas.

3.1. Categoria 1 - A experiência interior e a experiência social do eu

A partir dos achados da pesquisa poderemos verificar que as condições de participação dos jovens nos grupos sociais com os quais interage é norteado por estratégias e táticas de associação, à medida que desenvolvem as estruturas de identificação e diferenciação na participação na família, no grupo de convivência e na escola, que vai se concretizando nas vivências e experiências no cotidiano da juventude mediante agenciamentos sociais no grupo de pares juvenis.

No curso da biografia individual, da natalidade à vida adulta, os diversos processos envolvidos na socialização vão assumindo feições e importâncias diferentes para os sujeitos, mediados pelas condições sócio-históricas e pelos fatores endógenos ao desenvolvimento biológico, cognitivo e afetivo do indivíduo. Até chegar à vida adulta e tornar-se capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade, os indivíduos passam por diferentes fases as quais vão construindo e integrando estruturas de inteligência, de afetividade, de personalidade, de horizontes de interpretação e ação social. São fases em duplo, relativo aos processos endógenos do sujeito e relativos às condições sociais, imagens e modos de inserção social. (BRITO, 2002, p.130)

Mediante as chaves de interpretação sobre o contexto do sujeito jovem, consideramos a reflexão apresentada por Brito (2002), debruçando-nos na observação da construção da biografia do jovem, compreendendo que no decorrer das variadas fases da vida o sujeito se envolve em

diversos processos de socialização que marcam as suas experiências, permeando de sentidos a sua existência da infância a maturidade.

Diante disso, no transcurso da realização da investigação emerge no desenvolvimento da pesquisa, o contexto histórico-social dos jovens com o desencadeamento de situações que evidenciam relações que em determinado momento ora aproxima, ora afasta aqueles com os quais os sujeitos convivem ou muitas vezes escolhem não conviver.

A partir de Touraine (1999), consideramos o jovem sujeito social, observando uma das suas características marcantes à produção da sua existência a partir de si mesmo. Assim, no decorrer da investigação constatamos os vários anseios dos jovens que se encaminham para a vida adulta, sofrendo a influência do contexto social, mas também influenciando a vida cotidiana.

[...] em um mundo em mudança permanente e incontrolável, o único ponto de apoio é o esforço do indivíduo para transformar experiências vividas em construção de si como ator. A esse esforço do indivíduo para ser um ator é que chamo de sujeito, que não se confunde nem com o conjunto da experiência nem com um princípio superior que guiaria o indivíduo e lhe daria uma vocação. O sujeito não tem outro conteúdo que a produção dele mesmo. (TOURAINÉ, 1999, p. 23. Grifo nosso)

No processo de observação, percebemos que o percurso que o jovem atravessa é permeado por uma força motriz que impulsiona a elaboração de relações mais sólidas consigo mesmo, com seus familiares e com seus pares em uma rede social mais ampla, marcada por intensos movimentos, acontecimentos e eventos, seguindo a trajetória da existência do sujeito jovem.

3.1.1 O jovem e a percepção de si: o nome próprio como recorte da biografia

Os apontamentos da pesquisa revelam as representações da juventude que se expressaram a partir das atividades no grupo focal e nas entrevistas, evidenciando que o grupo de amigos desempenha um papel fundamental que norteiam as interações grupais e a construção da identidade. Dentre esses aspectos se destacam a percepção que o jovem tem de si mesmo, bem como a partir da sua auto-percepção, emergem significados identitários que aparecem na relação que o jovem estabelece com o nome próprio.

Consideramos a reflexão de Ciampa (1994), analisando que mediante o auto-conhecimento através do nome próprio o sujeito percebe as possibilidades de interações grupais,

limitações na convivência e até mesmo na recusa da sua participação. As condições de abertura na apresentação pessoal e a imposição de limites nas relações se configuraram enquanto chaves que foram sendo articuladas, passando a ser definidoras do acesso dos sujeitos ao grupo.

Um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos. Por isso dizemos ‘eu me chamo...’ Então, *nós nos chamamos*, mas isto só depois de uma certa idade, pois inicialmente apenas *somos chamados* por um nome que nos foi dado. Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem. Até certa fase esta relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se menos direta e visível: torna-se mais seletiva, mais velada (e mais complicada) (CIAMPA, 1994, p. 131)

No desenvolvimento das sessões no grupo focal e no percurso balizador traçado pela entrevista, na abordagem da temática “Quem sou eu?” “Como me vejo?”, quando dialogamos com os jovens se apreciavam o nome próprio, verificamos que por trás da referência e descrição dos seus nomes apresentavam para além da grafia, do registro e verbalização do nome próprio o desdobramento de uma narrativa, uma memória e uma história pessoal, familiar e social, guiados segundo horizontes de interpretações, que vão dando contornos, nuances e significados à forma como se percebem e se situam no mundo, distinguindo-os de todas as outras pessoas, marcando a sua identidade.

Na indicação de Ciampa (1994), o nome se integra ao ser do sujeito e nos reconhecemos a partir da utilização do nome próprio. O nome aparece como uma validação de nossa presença no mundo, conferindo a nossa autenticidade e unicidade.

Nosso nome como se funde em nós. (Pense em si mesmo com outro nome: há um sentimento de estranheza, não nos reconhecemos). Identificamo-nos com nosso nome. **O nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade.** É o símbolo de nós mesmos. [...] Está claro que o nome não é a identidade; é uma representação dela. (CIAMPA, 1994, p. 131. Grifo nosso)

Diante do contexto, essa é uma particularidade fundamental e importante que surgiu na pesquisa, revelando um dos conceitos que o sujeito pesquisado faz de si mesmo, apresentando referências e considerações relativas à sua biografia, a sua família, pais, mães, padrastos, avós e tios que são citados no decorrer das narrativas que os jovens percorrem dentro de um repertório marcado pelas suas reflexões na condição de “se olhar para dentro”, como tentativa de conferir impressões, incômodos e sentimentos referentes à sua história.

Na análise de Brito (2002), devemos considerar a construção do sujeito, pois diversas modificações se operam na vida do jovem assinaladas por transformações no seu existir, apontando múltiplas condições que ultrapassam a percepção que o sujeito elabora de si mesmo, alcançando à leitura da realidade social, o lugar da vivência de cada jovem. Nas relações do dia a dia, o conhecimento social adquirido pelo sujeito jovem se processa interligado a produção da sua singularidade.

No curso desta mudança, na infância e na adolescência, tanto os modos de ação como os horizontes de interpretação da realidade social e de si mesmo vão se modificando, de um lado na dependência do desenvolvimento biológico, da inteligência, da linguagem, da afetividade, de outro na dependência dos conteúdos e formas engendradas pelas interações cotidianas dos sujeitos. Significa dizer que o conhecimento, e o conhecimento especificamente social disponível pelo sujeito, estão na estreita dependência dos mecanismos inerentes ao processo de sua construção. (BRITO, 2002, p.130)

Seguindo esse entendimento, o estranhamento esboçado pelo sujeito com a história do nome próprio se articula no transcurso do depoimento de uma jovem, pois poderemos constatar que o nome próprio é um dos marcos definidores do autoconceito e acompanha o jovem no seu processo de construção da identidade na dinâmica das interações grupais.

Eu gosto do meu nome, só não gosto do meu último sobrenome “Santos”, por que é do meu padrasto. Ele me conheceu na minha infância, casou com a minha mãe quando eu tinha um ano de idade e somente nesse ano de 2015 é que ele resolveu me registrar agora que tenho dezoito anos. Acho que ele demorou muito tempo para me reconhecer como filha dele, me deixou de lado, acho também que a culpa é da minha mãe que nunca cobrou isso dele, parecia que não se importava. [...]. Acho que essa questão de reconhecer um filho, lhe dando o seu sobrenome, registrando o nome do filho e o sobrenome dos pais é muito importante.

Na perspectiva de Melucci (2004), à medida que jovem vivencia a sua realidade e se reconhece como sujeito se transformam em si as “dimensões cognitiva, perceptivas e emocionais”, provocando uma modificação na maneira de representar a realidade e a possibilidade do real, o espaço e o tempo, bem como as representações naturais e simbólicas. Essas dimensões fortalecem o processo de comunicação que nasce no grupo juvenil, dando sentido e profundidade nas relações.

[...] O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e

afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e aos grupos, no passado, construir a continuidade de suas existências. **Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança à pergunta “quem sou eu?”: nossa presença necessita de pontos de apoio, e nossa própria história pessoal às vezes vacila.** A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir a reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. (MELUCCI, 2004, p. 15. Grifo nosso)

Devemos assinalar, considerando a reflexão apresentada por Melucci (2004), que é essencial estabelecer pontos de referências para estruturar a percepção que o sujeito tem de si. Sendo assim, o nome próprio é um desses elementos demarcadores como observamos no desenvolvimento da narrativa dos participantes, surgindo pensamentos de apreço ou de revolta na apresentação da tessitura que referendam os fragmentos de sua biografia. No grupo focal, os jovens refletiram sobre as situações que engendraram as escolhas dos nomes, conforme a narrativa de uma jovem:

Não gosto do meu nome, acho feio, nem sei qual o significado, tem pessoas e colegas que gostam de brincar com o nome da gente, fazer piadinha, fazer bagunça, tem gente que faz gracinha como o meu nome, não respeitam o meu nome, me chamam de “Leudimar, Neudimar, Eidimar”, nomes que são de homens, por isso eu não gosto. Às vezes eu fico com muita raiva, acho que as pessoas querem me humilhar, parece que a minha mãe não se preocupou na hora de escolher. Acho que os pais precisam pensar muito antes de escolher os nomes dos seus filhos. Se eu tivesse que mudar trocaria para Ana Isabela que foi o nome que dei pra minha filha que tem 01 ano, antes dela nascer eu pensei muito para escolher e acertar em um nome bonito que não gerasse confusão e que ela seja respeita na hora em que falarem o seu nome.

Registramos que as discussões a respeito do nome próprio provocou uma grande agitação nos participantes que desejavam se integrar aos debates contando as suas histórias, como é o caso de uma jovem que apresenta a sua reflexão a respeito do seu nome:

Também não gosto do meu nome! Como eu não fui planejada é como se dissessem vai qualquer nome, serve qualquer um, não importava muito, acho que não houve um momento para escolher. [...]. O meu nome é um nome indígena, já pesquisei o significado e significa alegria, não sei se combina comigo, eu sou muito fechada, não sou de ficar rindo o tempo todo. Não me considero sociável, às vezes sou bruta com as pessoas, sou muito grossa e não gosto muito de conversar com qualquer pessoa. [...].

Alcançamos o entendimento a partir de Melucci (2004), quando trata da produção de sentido que emerge nas relações sociais, o jovem ao estabelecer seus relacionamentos determina o grau de confiança em si mesmo e no outro, na perspectiva da aceitação das suas qualidades, potencialidades, limitações e dificuldades. Percebemos na investigação que esse processo é

dinâmico, refletindo a abertura íntima nas diversas convivências com os sujeitos no seu dia a dia, Assim sendo, o sujeito encontra situações definidoras de formas de convivência no grupo social que perpassa o seu cotidiano, impulsionando o desdobramento de novas experiências.

A cada dia, todos os dias, esboçamos gestos rotineiros, movemo-nos ao ritmo de motivações externas ou pessoais, cultivamos memórias e projetamos o futuro. Assim como nós, todos os demais. As experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distintas dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. **Contudo é nessa fina malha de tempo, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos.** (MELUCCI, 2004, p. 13. Grifos nossos)

Nos fragmentos e memórias que marcam a narrativa no decorrer das atividades no grupo focal, surgem acontecimentos da vida pessoal de cada jovem, expressões da “fina malha” que escapam das experiências dos sujeitos, conforme a exposição de uma jovem:

O meu nome era para ser Talita porque eu nasci praticamente morta. Foi um milagre! Se vocês souberem da minha história vão ficar de boca aberta. Bem, eu “nasci morta”, e aí a minha mãe falou se fosse para eu dar alegria para ela, por que ela já havia perdido o primeiro filho, se fosse pra eu trazer felicidade pra ela que Deus me deixasse nascer bem, ela chorou e pediu. Como eu nasci em casa à parteira falou pra ela que eu nasci morta. O pastor também estava lá e revelou pra ela que era pra escolher um nome, que ele iria me batizar, falou pra minha mãe colocar um nome bíblico. Quando ela disse o meu nome “Ester”, aí eu chorei. Todos da minha família dizem que foi um milagre. Minha mãe fez uma aliança com Deus por isso meu nome é Ester que significa estrela.

Seguindo nesse percurso com Melucci (2004), considerando a interatividade do nosso agir, verificamos nas falas dos jovens o quanto a dimensão da escolha do nome próprio pelos pais deixa de ser apenas um registro formal, um nome na certidão de nascimento, passando a se constituir enquanto resultado de experiências sociais e mesmo religiosas, desencadeando potencialidade relacional, autobiográfica, gerando sentimentos e significados através da autoaceitação e produção social de si, bem como marcando expressivamente o relacionamento interpessoal no interior do grupo.

A compreensão do que nos acontece coloca-se na encruzilhada de diversos saberes. Para aproximar-se de um eu múltiplo, é necessário modificar o ponto de vista, assumindo um olhar capaz de perceber relações e aprender com a experiência. **Cada vez mais percebemos o nosso agir como um processo interativo, como uma construção contínua num campo de possibilidades e limites.** [...] (MELUCCI, 2004, p. 16. Grifo nosso)

Nesse sentido, a experiência dos jovens a partir do nome próprio enquanto escolha do grupo familiar representa a valorização do sujeito a partir da história da família, com a possibilidade de continuidade do nome dos antepassados. Essas designações conferem significado no âmbito da família, conforme poderemos observar na narrativa de um jovem:

Eu gosto muito do meu nome, quem escolheu foi minha mãe. Meu avô queria que algum neto dele tivesse o seu nome, antes dele morrer ele falou para a minha mãe, nisso minha mãe estava grávida e disse que esse seria o meu nome. Eu sou muito grato ao meu nome por que lembra uma pessoa muito querida na minha família, é uma homenagem ao meu avô. A minha mãe contava histórias sobre ele e sempre gostei de ouvir, ela dizia como ele era, o que fazia, o que ele gostava. Eu estou feliz com o meu nome, fui um dos escolhidos para ter o nome do meu avô, por causa disso acho que é muito importante à escolha do nome pelos pais.

Segundo Melucci (2004, p.14), “[...] possuímos corpo e raízes biológicas, pertencemos a um ecossistema, situamo-nos, entre o nascimento e a morte. De um lado, o impulso dinâmico para criar o espaço e os conteúdos da experiência; do outro, a necessidade de considerar os limites naturais intrínsecos da experiência”. Nessa perspectiva é importante observar como a consideração e apreciação do nome próprio emergiu no campo das experiências vivenciadas pelo sujeito, marcando cada trajetória, descrevendo o percurso no qual o jovem estava inserido através do espaço de convivência na família e no grupo de amigos.

Essas representações repercutem na percepção de si mesmo, atuando como elo de construção de novos espaços de relações ou na elaboração de mecanismos de defesa. Segundo Rodrigues (2009, p. 58), “além do desejo de conhecermos o nosso eu, temos também a tendência de projetar para os outros uma imagem favorável de como somos. [...]. Em consequência, estamos constantemente buscando projetar uma imagem favorável de nosso eu”.

Diante do exposto, mediante as atividades no grupo focal, na perspectiva da participação dos jovens, podemos compreender que através da autoimagem os sujeitos são influenciados e influenciam, expressando motivações que são autênticas reflexões do eu. A autoimagem define a maneira e os modos de interações dos sujeitos como membros do grupo relacional.

Ampliando nossa compreensão, a partir dos nossos registros, observamos o desencadeamento de sentimentos e comportamentos em relação aos outros, com os outros e consigo mesmo que surgiram no desenrolar das atividades. Percebemos que a ideia que o jovem

faz de si é reflexo do conceito que constrói a seu respeito, bem como da leitura e interpretação que faz do olhar do outro. A sua singularidade potencializa o desejo de como gostaria de ser visto e reconhecido pelo outro, apresentando-se como resultado da sua memória e experiências emocionais.

3.1.2 O eu em movimento e a negociação da experiência grupal

As experiências do jovem na integração e vivência grupal leva-o a refletir sobre si mesmo. São muitos os questionamentos que desejam desvendar que dizem respeito ao seu existir, ao seu conteúdo emocional, surgindo como referência na constituição da sua identidade. Na vida cotidiana dos sujeitos jovens diversas indagações conferem significados a sua existência enquanto sujeito relacional.

Na continuação do nosso diálogo, por intermédio de Melucci (2004), compreendemos que na percepção de si, surgem diversas preocupações por parte do sujeito, demonstrando insegurança em relação à própria existência, por isso no jogo das relações elaboram a comunicação interpessoal, pretendendo encontrar a compreensão do outro no processo de remodelação da identidade.

É difícil falar de nossa identidade sem fazer referência às suas raízes sociais e relacionais. O problema vem sendo debatido intensamente no campo das neurociências e das ciências cognitivas contemporâneas, especificamente no que tange à questão de identificar o que seria inato e o que seria adquirido no comportamento humano. Excetuando alguns desvios, a pesquisa parece orientar-se para uma posição intermediária, em que são ressaltados os aspectos sociais e relacionais da identidade no que concerne à sua constituição biológica. (MELUCCI, 2004, p. 44. Grifo nosso)

Nos diálogos ocorridos durante as sessões de entrevistas registramos que há uma preocupação dos jovens quanto ao desejo e intenção em se autoconhecer, compreendendo que são sujeitos que apresentam características próprias e pessoais, com gostos diversificados e maneiras divergentes de ser, diferenciando-se em relação aos demais participantes do grupo juvenil. Na narrativa de uma jovem podemos perceber a procura de autoconhecimento e autocompreensão quando se descreve:

Sou uma pessoa que me estresso com muita facilidade, ao mesmo tempo vivo buscando ter calma, gosto de conversar, eu sou muito extrovertida, dinâmica, eclética e alegre. Às vezes tenho reações impensadas, como no caso lá na loja em que trabalho, quando fui

arrumar os produtos, eu colocava e eles caíam, fiz isso uma seis vezes e sempre caía, fiquei com raiva e empurrei todos os outros no chão, foi pior por que tive que arrumar tudo de novo um por um. Sei que as pessoas quando falam sobre mim as opiniões se dividem. Algumas pessoas pesam que eu sou boa, que eu gosto de compartilhar tanto conhecimento quanto bens materiais, já outros me acham egoísta, que quero tudo só pra mim, que não sei dividir. Eu não gosto de perder meu tempo com pessoas que não querem o meu bem. Por isso, eu não mudaria nada no meu jeito de ser, gosto como eu sou. Eu me aceito como eu sou, as pessoas devem me aceitar também.

Precisamos considerar a partir de Melucci (2004), que ao mesmo tempo em que o jovem deseja o reconhecimento do outro, enquanto semelhante, reconhece as suas diferenças. Para o autor a identidade é marcada pela expressão da singularidade de cada sujeito em um processo constante de diferenciação dos outros, simultaneamente busca o “reconhecimento intersubjetivo” para estruturar o processo de identificação.

A identidade define, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a auto-identificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. Possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses ‘outros’. Logo, nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo. (**‘Eu sou para Ti o que Tu és para Mim’**). (MELUCCI, 2004, p. 45. Grifo nosso)

Nesse sentido, como poderemos verificar no diálogo com uma jovem, o sujeito ao buscar localizar-se através de mecanismos de relações intersubjetivas, poderá encontrar barreiras e dificuldades de interagir com os outros. Esses conflitos relacionais encontram raízes profundas no interior do sujeito, interferindo no processo de comunicação com os outros. Na procura por reciprocidade, emergem nas circunstâncias de enfrentamento, limitações geradas no interior das relações conflituosas:

Sei que preciso melhorar o meu comportamento, o meu orgulho é muito grande, às vezes jogo um amigo contra o outro. Quando eu era criança a minha mãe saiu de nossa cidade no Pará e veio para Manaus tratar a minha irmã com câncer e eu e os meus irmãos ficamos na casa da minha tia que é irmã do meu pai, e ela dizia que a minha mãe tinha nos abandonado, que ela era uma vagabunda, “ela é isso e aquilo, ela foi embora e abandonou vocês!”. Vejo que o egoísmo e a intriga é muito presente na minha família, tem muito isso de jogar um contra o outro, jogar na cara, apontar o dedo, eu aprendi isso, às vezes eu faço isso com as pessoas, mas eu estou tentando me corrigir, isso atrapalha na hora de conviver com os amigos. Desde os três anos ouvia a minha tia dizer “a tua mãe é vagabunda, a tua mãe não presta!”. Ai quando a minha irmã faleceu,

faltava uma semana pra ela fazer oito anos e eu ainda ia fazer sete anos, eu tinha ódio da cara da minha mãe, eu ficava pensando como que ela deixou a gente sozinha com o meu pai e com essa tia que não ensinava nada de bom? Ai, quando eu fui convivendo com a minha mãe é que eu fui vendo que a minha tia ficava jogando a gente contra a minha mãe. Até me mandava pegar dinheiro escondido na taberna do meu pai, ela me mandava tirar as coisas da taberna. Eu fico tentando perdoar a minha tia, compreender a atitude dela.

A carga emocional que marca a vida do jovem apresenta suas raízes na multiplicidade de acontecimentos que ocorre na intimidade da vida familiar, conferindo grande responsabilidade aos adultos que acompanham e interferem o processo de socialização do sujeito. Os jovens percebem que no campo da convivência com o outro ainda tem vários desafios e obstáculos que precisam enfrentar para superar as incompatibilidades e os problemas nos relacionamentos. Portanto, os jovens apontaram as experiências adquiridas no grupo familiar como o espaço de irradiação das suas emoções.

De acordo com Melucci (2004, p. 46), “é, portanto impossível separar, de modo rígido, os aspectos individuais e os aspectos relacionais e sociais da identidade. Na história individual, a identidade apresenta-se como um processo de aprendizagem que leva à autonomia do sujeito.” À medida que o jovem amadurece no processo de múltiplas relações, conquista a dimensão da consciência de si, passando a solucionar e superar as dificuldades que surgem. Assim, o sujeito procura se situar objetivamente, com independência nas relações, como tentativa de desenvolver e conquistar condições para melhor responder aos novos desafios no intercâmbio grupal.

Desse modo, na procura de entendimento do processo de identificação, quando abordamos na pesquisa os aspectos referentes à dimensão da auto-identificação, seguimos os diálogos sobre as qualidades pessoais inerentes a cada sujeito. Nessa procura, surgiram declarações como as que foram relatadas por uma jovem em uma perspectiva auto-reflexiva: *gostaria muito de fortalecer a minha sensibilidade, porque às vezes eu sou muito insensível, indiferente aos problemas das pessoas, muitas vezes eu olho uma situação ai eu penso de modo egoísta: “tá nessa situação porque quis, se ela quiser pode sair dessa. Quem mandou se meter em confusão?” Esse é meu lado egoísta que eu posso me melhorar.*

Para explicar esse processo, Melucci (2004, p. 48), indica que “nossa identidade tende a coincidir com processos conscientes de individuação e é vivida mais como ação do que como situação. A própria palavra ‘identidade’ é inadequada para expressar essa mudança, seria melhor

falar de *identização*.” Diante da intenção de encontrar direcionamento para as potencialidades do eu, o jovem percorre um longo caminho, que permitirá o desenvolvimento da sua autonomia.

Diante do exposto, a dimensão auto-reflexiva e construída na definição de nós mesmos no decorrer do processo de convivência grupal, pois a “unidade pessoal” do sujeito jovem encontra seu reconhecimento no grupo juvenil. As dificuldades de mobilização do potencial do sujeito enredado no jogo das relações surgem na verbalização de um jovem:

Gostaria de ser mais confiante, ter mais atitude, ter mais confiança em mim mesmo, acreditar em mim, às vezes duvido de mim mesmo, acho que não sou capaz de realizar certas coisas, que pode ser uma coisa simples e até coisas mais importantes. Sempre desconfio de mim antes de tentar, fico na dúvida se sou capaz de fazer algo, tenho medo de errar, tenho medo de ser criticado pelos meus pais e colegas, por exemplo, na sala tenho medo de perguntar por que acho que vão ficar rindo de mim.

No horizonte da investigação, quando no decorrer dos debates surgiram as questões relacionadas às possibilidades do sujeito fortalecer uma característica pessoal, enquanto uma potencialidade intrapessoal, levando-se em consideração a particularidade apresentada por cada sujeito, uma jovem apresentou a sua narrativa:

Eu desejo ajudar mais as pessoas, ajudar os animais, por que hoje eu vi no jornal uma mulher que tinha muitos gatinhos e as pessoas estavam ameaçando matar todos. Se eu tivesse dinheiro eu faria uma instituição com muitas coisas para ajudar os animais que vivem na rua. Se eu encontrar algum bicho na rua eu vou lá, pego, não interessa se esta doente ou não, pego, cuido e boto para doação, aviso para os meus vizinhos, para as pessoas de perto de casa e meus colegas. [...]

No jogo das relações interpessoais, surge em nossos registros um aspecto que se revela com certa frequência nos discursos dos jovens e que são constituidoras da sua unicidade, como no caso das manifestações de impaciência, irritabilidade e intolerância que são internalizadas pelos jovens desde as relações no grupo familiar, constituindo-se como fontes das primeiras impressões, representando forças desencadeadoras nem sempre positivas do comportamento do sujeito, conforme a narrativa de um jovem:

Tenho dificuldade de saber esperar para resolver um problema, me considero muito impaciente, me irrita com facilidade, muitas vezes tento contar até dez para tomar uma atitude, para falar alguma coisa para alguém, na minha casa somos assim, muitas vezes eu acabo agindo sem pensar, ainda não consigo me controlar e acabo agindo de forma precipitada, a parte ruim de ser assim é que posso ofender as pessoas, sempre me arrependo depois.

Os relacionamentos interpessoais entre os jovens se estruturam a partir dos vínculos de proximidade, configurando-se como ponto de interseção, formando nós com o outro. Aprender a manter relações interpessoais mais equilibradas, usando de empatia na convivência entre os pares, demanda reformular o campo das experiências, remodelando a identidade, o que é um desafio para os sujeitos participantes da pesquisa, conforme a exposição de ideias apresentada por uma jovem:

Sou muito ignorante com as pessoas que convivo, a pessoa me “taca uma pedrinha e eu jogo um tijolo”. Estou tentando melhorar e vejo que já mudei um pouco. Já briguei feio com uma colega da minha sala, a gente foi pra porrada, a gente ficou sem se falar por muito tempo, por isso quero mudar, senão vou perder meus amigos, quem é que gosta de gente grossa e chata? Estou aprendendo que não é toda vez que tenho que reagir com agressividade, o mundo dá muitas voltas, a gente não sabe o outro dia, com quem eu vou me encontrar de novo.

Para Melucci (2004, p. 67) “enquanto estou agindo, o meu ser nunca coincide totalmente com aquilo que faço. Escolho e descarto, privilegio partes de mim, sou em parte inconsciente. Minha identidade é feita pela capacidade de manter agregado tudo isso é será tanto mais consciente quanto mais puder negociar entre essas partes, fazendo-as existir.” No campo da convivência entre os sujeitos, saber negociar, assimilar e incorporar comportamentos estáveis nas situações intergrupais e cotidianamente é um elemento avaliado positivamente pelos jovens, apresentando-se como fator importante para evitar problema com os colegas e com a família, como apresentado no relato de um jovem:

Me vejo como uma pessoa estressada, toda a minha família é estressada, a gente só sabe falar gritando, eu chego ao meu limite da paciência muito rápido, me considero uma pessoa amiga dos meus colegas e familiares, eu gosto de ajudar as pessoas, mas acho que o meu stress e a minha agressividade às vezes pode apagar as minhas qualidades, por isso preciso aprender a me controlar. Também acho que as pessoas me veem como uma pessoa bruta, por causa do meu tamanho, por ser grande. Mas algumas pessoas tem boa impressão sobre mim, pela forma que eu lido com elas, de falar com todos os colegas, também me dou bem com todos os professores.

De acordo com Melucci (2004, p. 48), “se for verdade que nossa identidade fundamenta-se unicamente em uma relação social e que depende da interação, do reconhecimento recíproco entre nós e os outros, então a identidade contém uma tensão irresolvida e irresolvível entre a definição que temos de nós mesmos e o reconhecimento dado pelos outros”. Nesse sentido, a identidade é marcada por um campo em constante conflito, através da produção de embates que

manifestam-se entre a auto-identificação e a identificação com o mundo exterior o sujeito procura organizar o seu próprio existir.

As diferenças pessoais que os jovens apresentam nas relações e a maneira como reagem no campo da convivência mútua configura-se em um aspecto limitador, interferindo ao transitar no grupo, como evidenciado nas situações que surgiram na pesquisa. Apontamos como uma das pressões exercidas no grupo os aspectos que interferem na elaboração da potencialidade comunicacional, como no caso da timidez, enquanto representação que se configuram de maneira negativa sobre si mesmo, como poderemos verificar na narrativa de uma jovem:

Gostaria de deixar de ser tão tímida, eu tenho dificuldade de fazer amizades e de me aproximar das pessoas. Na minha sala eu quase não tenho amigos por causa da minha timidez, acho que isso me atrapalha em muitas situações, tem vezes que fico num canto e choro, esse ano comecei a estudar a noite, por isso eu chorava muito porque não tinha nem um amigo, até os professores vinham conversar comigo para eu participar mais, agora que tenho dois amigos. Os colegas não se aproximam muito de mim, pensam que eu sou orgulhosa, indiferente, que me importo só com os meus estudos, mas tudo isso é porque sou muito tímida, espero que eu consiga superar com o tempo esse problema.

Encontramos em Melucci (2004, p.50), a afirmação que o autorreconhecimento e o heterorreconhecimento articulam-se em uma polaridade constante na identificação do jovem. Esses pólos se configuram no processo de reapropriação de si, estruturando os pontos de referências que se inter cruzam. Essas referências pessoais demarcam o princípio da afirmação da diferença. Os parâmetros do comportamento “normal” nas interações sociais observados pelos jovens provocam um incomodo que se reflete na fala de uma jovem:

Pelo que vejo dos outros, me acho uma pessoa estranha, sou bem diferente. Eu não gosto de esta com as pessoas, prefiro ficar sozinha, muitas pessoas aqui me acham antipática por que eu só quero ficar na minha, só que elas não entendem que eu não quero ficar andando com elas, não gosto de certas companhias. Também sou sincera e digo o que penso na cara, na hora. Eu acho que não tenho que mudar nada, do jeito que sou está bom.

A este respeito, como sinaliza Melucci (2004), enveredamos pela percepção que a convivência entre os sujeitos em grupos juvenis é constituída de tensões, conflitos e desequilíbrios que se apresentam como matéria necessária para elaboração da identidade. À medida que o jovem internaliza a sua diferença, revela-se a sua auto-representação, como observamos na verbalização de um jovem:

Sou um pouco antissocial, converso com meus amigos mais por redes sociais, lá na sala tenho poucos amigos, me acham um cara estranho, pelo meu jeito de vestir, meu estilo de música, meu estilo de vida. Às vezes sou um pouco ignorante com as pessoas, lá em

casa de uma hora para outra os meus pais resolveram que querem conversar comigo, mas quando eu era criança não tinha nenhum diálogo, era cada um na sua. Não sou acostumado a me abrir com as pessoas, não sei ficar falando sobre os meus problemas, prefiro ficar na minha.

Citando Melucci (2004, p. 50) “não podemos, portanto, conceber a nossa identidade como uma ‘coisa’, como a unidade monolítica de um sujeito, pois é um sistema de relações e de representações.” Segundo o autor, considerando a nossa complexidade apresentamos identidades diversas, situando- nos em nossa natureza íntima, no espaço familiar e social. Assim, em cada sistema de relações operamos o nosso reconhecimento.

O processo de identificação que o jovem movimenta nas relações sociais, revela também a problemática no conjunto das mudanças ocorridas durante a transição da infância para a juventude. Nessas circunstâncias é necessário integrar as dimensões do autoconceito e autocompreensão, inserindo-se em uma nova dimensão relacional, facilitando a abordagem do outro. O desencadeamento de sentimento de insegurança e suspeição sobre o outro diminui as possibilidades de partilhar convivências cotidianas com os colegas e familiares.

Seguindo o percurso dessa abordagem, percebemos que os comportamentos marcados pela desconfiança relacionada ao outro se evidenciaram na narrativa de uma jovem durante a entrevista, apontando os sentimentos de ciúmes e desconfianças como motivadores de segregação dentro do grupo de convivência:

Sou muito ciumenta, tenho ciúme dos meus pais, dos meus amigos, irmãos e do meu marido. Sou muito ciumenta e possessiva, não gosto de dividir as pessoas que eu gosto com ninguém, se eu tenho uma amiga eu não gosto que ela converse com ninguém. Eu sei que preciso deixar de ser ciumenta, desconfiada e agressiva, se eu ficar com raiva tento a ter furar a pessoa, machucar, eu parto pra a porrada, dou murro, soco, bato mesmo até machucar, já peguei uma faca e queria furar o meu marido porque ele não queria me dá atenção.

Quando entra em jogo nas relações grupais a “identificação operada pelos outros”, que no caso da pesquisa se revela na avaliação dos pares sobre o sujeito, surge à confrontação do conceito de si atribuído pelo outro, ocasionando sentimento de insegurança e frustração do jovem. No decorrer do processo de entrevistas conversamos sobre a temática “como você acha que os outros lhe veem?”, ouvimos na narrativa de um jovem que não se sentia reconhecido pelos colegas e que constantemente percebia que era alvo de críticas e julgamentos:

Eu vim estudar nessa escola no meio desse ano porque precisava mudar de casa, sei que alguns colegas da minha sala me veem como puxa saco dos professores, acham que eu fico bajulando os professores da escola só pelo fato de ser muito comunicativo e educado, eles não entendem que eu só assim com todo mundo, sou assim com a minha família, com os colegas das outras salas e da outra escola, com as pessoas conhecidas, gosto de tratar todo mundo bem, ter respeito e ser respeitado pelas pessoas.

Considerando a dimensão grupal, Melucci (2004, p. 47), constata que “a identidade estabelece, no tempo, quais são os limites de um grupo em relação a seu ambiente natural e social. [...] Regula também a inclusão do indivíduo em determinado grupo, definindo os requisitos, os critérios para que se reconheça e seja reconhecido como membro”. Desta forma, poderemos constatar que o sujeito jovem ao entrar em um grupo já constituído para imprimir o ritmo da sua participação precisará seguir determinadas regras definidas pelos demais integrantes, que regulam o comportamento daqueles que se vinculam como um novo membro no grupo. Verificamos no decorrer do processo de investigação que os sujeitos delimitam as ações e códigos de conduta no grupo, criando certas normativas que determinam o espaço de convivência que se transgredida poderá provocar tensões e conflitos entre os seus membros.

Nesse sentido, a relação grupal quando baseada na crítica e rigor excessivo poderá ocasionar o rompimento nas relações entre os sujeitos, privando o jovem do campo da experiência. Nessas convivências constrangedoras os sujeitos desorganizam a percepção sobre si, diminuindo a confiança na sua capacidade de realização. Assim, o relato de um jovem durante a entrevista reflete essa condição:

Tem muitas pessoas aqui que me julgam pela aparência, porque eu uso brinco, piercing e tenho tatuagens. Falam que eu não estudo, que quem usa brinco é galeroso, acho que ainda existe preconceito com pessoas que usam brinco, tenho amigos que dizem isso, sendo que eu falo pra eles que “não se pode julgar o livro pela capa”, não se pode julgar a pessoa sem conhecer seu histórico. Eu sou o tipo de pessoa que minha mãe fez de mim um homem e não um moleque. Não procuro julgar ninguém pela aparência, mas eu posso julgar uma pessoa ao observar o seu caráter, pelo seu comportamento, por que aí já começo a conhecer a pessoa.

No contexto do reconhecimento da constituição da identidade do jovem, surge como princípio fundante a educação no grupo familiar, que marca o comportamento juvenil. Os jovens pesquisados colocaram em foco a educação recebida na família, internalizando seus princípios na experiência e convivência do sujeito no grupo social. A narrativa de um jovem retrata o papel socializador da família:

Vejo que a minha principal qualidade é a honestidade, por exemplo uma vez caiu cem reais do bolso de um homem, eu corri atrás dele para devolver, mesmo ele entrando no ônibus eu fiz tudo pra devolver o seu dinheiro. Ele não me deu nada em troca, mas eu entendo que era a minha obrigação, eu acho que um “muito obrigado” pode mudar a vida de uma pessoa, ainda mais quando se fala “Deus te abençoe” ou “Deus te de em dobro”, eu aprendi a ter essa atitude, esse comportamento com a minha avó, agradeço muito a minha avó que me ensinou a ser assim, em qualquer lugar que eu viver vou sempre ser assim.

Melucci (2004, p. 68), “o processo de negociação entre os diferentes tempos do eu é seguramente uma tarefa árdua [...]. Enfim, a nossa identidade compreende também a negociação entre diversos sistemas de relações ou diversos ambientes de si próprio.” Segundo o autor, a relação social passa por um processo de permanente negociação e reajustamento, sendo que a elaboração do eu ultrapassa o campo da nossa intenção, integrando-se na sua formação as dimensões relacionais e os resultados de nossas atitudes no âmbito do sistema relacional.

Deveremos considerar que os parâmetros definidores do agir do grupo juvenil apesar de não aparecerem explicitamente, pois observamos que não são sempre verbalizados, permanecem gravados como referências que podem determinar a participação, a permanência do sujeito no grupo e a vinculação que retornam da integração. A diversidade das relações com os outros jovens é marcada pela complexidade da intersubjetividade, aceitação mútua das qualidades individuais dos membros do grupo, com a partilha de sentido e reconhecimento do sujeito pelos demais participantes. Assim, “também somos, portanto, as nossas relações, aquelas que aceitamos ou refutamos, aquelas que nos limitam e que nos enriquecem”.

3.1.3 A avaliação subjetiva do eu e a autoestima do jovem

A mediação relacional entre o sujeito e o grupo social é marcada pela subjetividade e intersubjetividade que se expressam mediante um embate constante entre si. De acordo com Melucci (2004, p. 50) “nossa identidade configura-se como um campo com quatro pólos, como um sistema de vetores em tensão entre si, à constante procura de equilíbrio entre a identificação que operamos e aquela realizada pelos outros, entre a diferença como a afirmamos e como ela é reconhecida pelos outros”.

Na investigação que realizamos surge como ponto central a problemática da autoestima que se configura a partir do sistema identitário primeiro elaborado nos processos de associação

resultantes das experiências no grupo familiar, bem como decorrentes dos acontecimentos cotidianos, conforme poderemos verificar na entrevista de um jovem:

Uma coisa que me fez sofrer muito foi quando fui mandado embora da casa da minha mãe, eu tinha 16 anos. Por causa disso tive depressão, eu chorava muito, morava sozinho, precisei me virar. A minha mãe preferiu escolher o meu padrasto e mandou eu sair de casa, disse que não tinha mais lugar para mim na nossa casa, eu e o meu padrasto brigávamos muito, fomos para a porrada muitas vezes e ela me expulsou de casa. Foi uma fase muito difícil, precisei viver só em um quartinho, que ela pagava no início, depois ela disse que eu teria que trabalhar pra me manter que ela não ia ficar me sustentando, eu cuidava da minha própria comida, cuidava da minha roupa. A minha melhor amiga que é aqui da sala foi uma pessoa que me ajudou muito, me dava conselho, me dava carinho, me ouvia quando eu ficava triste, sempre me ajuda até hoje.

No desdobramento da pesquisa verificamos que dentre o conjunto de experiências desempenhados pelos sujeitos emerge a presença da crise de identidade que o jovem passa a confrontar no grupo, levando-o a questionar a imposição do sofrimento por parte dos pares. Registramos que quando a intervenção dos pares atinge negativamente o sujeito, fragmenta a autoestima, ocasionando comportamento marcado pela negatividade.

Compreender os caminhos e trajetórias da vida dos jovens, ao contrário do pensamento engendrado pela mídia, requer considerar as diversas situações vivenciadas pelo eu do sujeito jovem, tanto na elaboração da identidade quanto nos enfrentamentos dos problemas da cotidianidade. Dentre esses processos que geram ameaça a integridade emocional, devemos considerar o conjunto de perturbações psicológicas como podemos demonstrar a partir de casos reais de sofrimentos psíquicos, registrando as situações de luto e perda de pessoas queridas na família dos sujeitos jovens.

Diante do exposto, apresentamos ao través da narrativa de uma participante da pesquisa que os jovens são atravessados pelas experiências dolorosas com o enfrentamento da dor e dos quadros de ansiedade:

Posso dizer que quatro acontecimentos abalaram profundamente a minha autoestima como a morte da minha irmã que teve câncer, com doze anos eu fui vítima de tentativa de abuso sexual, ano passado dia 27 de janeiro meu pai faleceu, quem eu mais amava, foi um choque muito grande, no dia do enterro dele eu me abracei com ele e queria ser enterrada junto com o meu pai (choro). No fim do ano passado o meu irmão faleceu, ele caiu de uma torre de energia, ele trabalhava na construção das torres do linhão. Tivemos em poucos anos muitas perdas na minha família, estou tentando viver com a dor, acho que não conseguimos esquecer de verdade as pessoas que amamos e que partiram (choro). [...].

As manifestações da ansiedade que emergem em determinadas circunstâncias da vida do jovem são complexas, provocando comportamento solitário com o afastamento do sujeito do espaço de interações, exaurindo as emoções dos jovens. Na verbalização de uma jovem poderemos compreender que o enfrentamento de circunstâncias de vulnerabilidade provoca no sujeito um profundo desalento emocional, colocando o jovem em situação conflitante para se reestruturar diante das dificuldades:

No final de 2013, sofri um acidente e quebrei a minha bacia. Nós morávamos em uma parte mais baixa do terreno, uma árvore caiu em nossa casa e eu fui atingida, fiquei sob a árvore e sofri esse acidente, ficava pensando porque aconteceu isso comigo. Levei mais de três meses imobilizada, não podia me mexer, sentar, andar, era difícil até ficar deitada, meus pais tinham que fazer tudo por mim. Fiquei muito triste e não queria receber nenhum amigo que foi na minha casa para me visitar. Mas depois pensei melhor e procurei orar para buscar forças em Deus, quando a gente crer em Deus tudo passa, confiei que iria ficar logo boa.

A partir de Melucci (2004, p. 51), compreendemos que “[...] somos identificados e reconhecidos em nossa diversidade pela definição processada pelos outros, mas possuímos uma fraca capacidade de reconhecimento autônomo.” Nesse sentido a identidade se apresenta em uma perspectiva “heterodireta”, passando a ser ditada pelo conceito que o outro elabora a nosso respeito, em certa medida determinando a nossa conduta. O espectro da determinação processada pelos outros é um problema se os indivíduos se mantiverem presos nessa relação simbiótica como forma de sobrevivência no grupo.

As exigências impostas pela sobrevivência do eu determinam o rompimento da cadeia limitadora da capacidade de identificação autônoma. Essa condição se revelou na narrativa apresentado por um jovem na entrevista, quando citou que a sua intranquilidade nas relações sociais havia sido desencadeada por atos discriminatórios demandados por outros jovens ao ser confrontado no espaço escolar:

Muitas vezes tive a minha autoestima abalada pelo preconceito com a minha raça, com a minha cor. Em pleno século XXI as pessoas pensam que não existe preconceito, mas já me chamaram de macaco, já jogaram banana em mim na escola, já me apelidaram de gorila. Os meninos “brancos” não me deixavam entrar no banheiro, pois diziam que eu iria contaminar o banheiro, tudo isso eu passei na escola. Busquei superar por que eu sei o meu valor, conheço os meus direitos, superei por que em nenhum momento eu baixei a minha cabeça. A minha mãe queria me tirar da escola, mas eu queria estudar, sabia que se eu não desse atenção para eles seria melhor para mim. Eu sei que todos somos iguais e temos direitos. Na escola ninguém fez nada, tinham medo desses meninos, pois esses meninos eram metidos a traficantes, bandidos, me disseram que se eu falasse para a professora, pedagoga ou diretora eles diziam que iam me matar. Eles me intimidavam e me pressionavam, mas eu queria terminar meus estudos naquela

escola, mostrar para eles que eu não tinha medo, depois poderia mudar de escola, também não queria sair no meio do ano, pois ia me prejudicar.

Nesse relato do jovem, identificamos uma situação de agressão praticada pelos colegas de escola. Segundo Silva (2010, p.7), “os bullies (agressores) escolhem os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, de idade, de porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis”. Nessas situações o sujeito sente profundamente a perturbação na sua identificação, podendo desenvolver problemas psicossomáticos e comportamentais.

Para Silva (2010, p.9), as vítimas que sofrem com os ataques de *bullying*, demoram a revelar o problema que estão vivenciando motivados pelo medo e insegurança. Nesse caso, “as consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, vivências, predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões”.

Nesse sentido, consideramos que o itinerário da socialização dos sujeitos no grupo etário se configura a partir de um panorama relacional, constituindo-se como um eficaz agente de socialização. Na dimensão relacional no grupo de amigos, o jovem se envolve em situações de companheirismo e amizade, ao mesmo tempo surgem os conflitos e antagonismos. Assim sendo, a auto-identificação que desencadeia a emancipação do eu, é resultado da crise e superação dos condicionamentos que estão imbricados na arquitetura das relações sociais.

3.1.3 O culto ao corpo e a celebração da aparência pessoal

A participação dos jovens no ambiente da vida cotidiana como a escola, com o estabelecimento de interações diárias, permite aos jovens se relacionarem intensamente, constituindo-se o espaço da escola enquanto vitrine, mostruário e passarela para os sujeitos. No espaço da escola os jovens se observam, comparam e definem parâmetros de beleza impregnados pela “onda do corpo”, a partir dos modelos socialmente construídos na cultura indiscriminada do corpo perfeito. Os jovens são atraídos constantemente pela produção de mercadorias da indústria da moda, beleza e estética, que pelo “bombardeio” e veiculação de imagens de corpos esculpidos e “sarados”, serão influenciados sistematicamente com a implicação na produção da identidade dos jovens.

É pertinente ressaltar com base em Melucci (2004, p. 93), que “os discursos e as práticas em torno do corpo subentendem, portanto, a necessidade de afirmar o nosso pertencer à natureza, [...] Contudo, a onda do corpo também é reduzida a fenômenos de mercado. Mercadoria, bem embalada ou mensagem simbolicamente carregada, o corpo alimenta importantes setores da vida econômica, dos cosméticos à moda, da imprensa erótica aos produtos farmacêuticos.” Segundo o autor, atualmente se vende muito mais com base na indústria do corpo, engarrafam-se a beleza, jovialidade, plenitude e infinitude.

Nesse sentido, identificamos que o espaço da escola que o jovem frequenta está impregnado pelo modelo da cultura do narcisismo. Constatamos que os jovens entrevistados na escola *lócus* da pesquisa costumam eleger o “Garoto e a Garota mais bonitos da escola”, gerando competição e acirramento de interesses em se manterem magros, “sarados” e detentores de padrão estético compatíveis com a beleza veiculada pela mídia. Para os jovens entrevistados, a saúde física se relaciona de forma íntima com a magreza, beleza física e definição da musculatura. Em nossa conversação percebemos que há uma grande preocupação com o peso e a quantidade de gordura magra que o corpo possui, bem como a definição e hipertrofia dos músculos.

Para Melucci (2004, p.91) “o corpo invade nossa experiência cotidiana. Triunfa no espaço público e privado, pelas imagens e pelos objetos que o exibem e nas mensagens e apelos dos quais é objeto.” O foco é o corpo do sujeito, há uma procura constante pelo bem-estar físico, com redes de cuidado corporal que vai do tratamento alopático ao homeopático, a cultura das atividades físicas entram em cena com dietas e tratamentos alternativos.

A partir de Silva e Salles (2010, p. 46) poderemos refletir sobre a dimensão que comporta o modo particular dos sujeitos jovens perceberem atualmente o mundo “o mundo exterior só interessa como fonte de gratificação ou frustração. Esse indivíduo é fruto da história, de modo que essa centralidade do indivíduo está presente nas diferentes esferas de sua vida cotidiana, privada, profissional etc.” Segundo as autoras as ideologias submetem os sujeitos na satisfação dos impulsos e na procura pelo prazer.

As preocupações com o corpo que corresponda às medidas perfeitas são estabelecidas pelos padrões atuais da moda e da beleza, por isso passa a ser perseguido constantemente pelos jovens. Verificamos na pesquisa uma necessidade que os sujeitos jovens têm de incorporar os

ditames da moda. Podemos verificar esses argumentos na verbalização de uma jovem participante da pesquisa:

Não gosto da minha aparência, me acho muito feia, não gosto quando me vejo no espelho, queria ser outra pessoa, estou sempre tentando ficar mais magra, queria ser diferente, as minhas roupas não ficam bem em mim, não gosto do meu cabelo, da minha altura, não gosto de nada em mim. Também não gosto de comer, às vezes fico o dia todo sem comer, por isso não engordo.

Segundo Mezzaroba e Zoboli (2013, p. 3), “[...] a forma corporal é um dos aspectos centrais das interações sociais, ou seja, através do corpo o homem busca se inserir no meio social e tudo isso está atrelado à cultura”. O corpo esteticamente belo é um dos símbolos que conferem poder aos sujeitos, sendo alvo de inúmeras modificações e intervenções estética e cirúrgica.

Assim sendo, observamos no relato das jovens que desde a puberdade desejam ter o corpo esculpido, por isso o desejo em fazer intervenções cirúrgicas para modificar a anatomia e estrutura do corpo. Segundo os relatos a preocupação maior com as questões da beleza física são objetos de interesse na maioria das vezes das jovens, principalmente pelo fato de estarem atentas e acompanhar as mudanças no padrão de beleza que é veiculado nos meios de comunicação de massa como novelas, revistas, programas de entretenimento, blogs de moda, sites de beleza, canais na internet sobre maquiagem e tutoriais de cabelos e penteados, trocando constantes informações nas conversas com as amigas.

Na narrativa de uma jovem poderemos observar a ideia de se manter sempre “antenada” com a moda e a beleza, objetivando possuir um corpo esteticamente desejável. Também a vontade de fazer alteração na estrutura corporal surge nas conversas diárias:

Eu gosto mais ou menos da minha aparência, eu sei que não está mais na moda os seios grandes, acho os meus seios grandes demais, cresceu muito, não acho mais bonito, também afeta a minha coluna, sempre converso com as minhas amigas que preciso cuidar da minha postura, da aparência, quando puder vou fazer cirúrgica plástica para diminuir os meus seios, quero que fique bem menor, assim me sentirei melhor.

De acordo com Mezzaroba e Zoboli (2013, p. 6), nos últimos anos, a busca pelo corpo “perfeito” vêm crescendo, pois cada vez mais os meios de comunicação, como as revistas, a internet e os programas televisivos abordam em suas propagandas, produtos da linha de estética, cirurgias plásticas, entre outros. A sociedade de consumo veicula o padrão de beleza na mídia e os jovens passam a perseguir o corpo que consideram o seu tipo ideal.

Nesse sentido, a busca pelo padrão do corpo masculino perfeito, é traduzido pela definição da musculatura e potencialização do vigor físico é a principal preocupação dos jovens. Alguns aspirando conseguir uma massa muscular mais definida apelam para o uso de substâncias como anabolizantes esteroides para conquistar o corpo ideal. No caso dos jovens frequentadores de academias o problema é quando incorrem nos erros de aceitar o assédio de colegas e instrutores para a utilização e administração de produtos com a composição de elementos químicos até mesmo de uso veterinário ocasionando graves problemas de saúde.

No diálogo com um jovem poderemos perceber a necessidade de ter músculos mais definidos é uma das suas preocupações: *gosto da minha aparência, mas penso um dia em fazer academia e até uma tatuagem com o nome dos meus filhos, quando eu for pai, acho que vai ficar bonito, principalmente porque até lá já terei os músculos bem definidos.*

Na perspectiva de Mezzaroba e Zoboli (2013, p. 5) “Os jovens se constituem em um grupo vulnerável, se tornando as principais vítimas da propaganda consumista, de forte apelo ao corpo ideal. Isso se traduz na busca incessante dos jovens pela perda de peso em detrimento de sua saúde, implicando na insatisfação de imagem corporal”. Assim, os sujeitos citaram que evitavam certos alimentos e as jovens informaram que passavam privação alimentar por escolha, pois ao se defrontar com espelho esperavam encontrar o corpo idealizado. Também a compra da calça *Jeans* sempre de um número menor que o seu, era um dos maiores desejos, como se fosse possível manter o corpo infantil eternamente. A ditadura da magreza circula livremente e ganhou vários adeptos entre os jovens.

Também percebemos que ocorre uma disputa entre os jovens no momento da comparação entre a definição e tamanho dos músculos, da cintura, dos seios e circunferência dos quadris, como poderemos observar no comentário de uma jovem: *por exemplo, aqui na escola os meninos sempre observam se a menina já tem o quadril muito largo, eles não gostam, a menina pode até ter um pouco mais de bumbum, mas preferem principalmente as magrinhas, que ainda não teve filhos, que não mudou o corpo, sempre as magras são mais assediadas pelos meninos.*

De acordo com Castro (2010, p. 129), “numa época em que o consumo de massa possibilita maiores oportunidades de escolha, e, por conseguinte, uma necessidade latente de designar a individualidade dos gostos, a utilização de estrelas de telenovela para difundir novos

hábitos de consumo no Brasil, se revela como uma estratégia muito eficiente”. A veiculação de um estereotipado padrão de beleza implicará na formação da identidade do jovem, baseando-se na supervalorização dos corpos de atrizes e modelos, sempre em busca da perfeição. Assim, através do jovens a indústria da moda faz circular produtos de moda e beleza que passam a ser consumido pelos sujeitos de acordo com as condições materiais, bem como gerando frustração quando não existe essa possibilidade.

Em referência a essa situação verificamos que o estereotipo estético alcança os jovens em vários aspectos desde a produção do cabelo, penteados, estilo de roupas, desenhos e formato das unhas, percentual de gordura e aumento da massa muscular. A veiculação de mensagens que relacionam o corpo perfeito com o aumento da autoestima, sucesso e poder influenciam profundamente os sujeitos, conforme a narrativa de uma jovem:

Gosto muito do jeito que sou, eu me cuido muito bem, quando eu fizer a faculdade de educação física quero ter um corpo mais malhado com exercícios e alimentação certa, porque eu quero seguir a carreira de personal training. Cuido bem do meu corpo e do meu cabelo para sempre ficar bonito, vou sempre ao salão de beleza para retocar a cor e manter sempre liso o meu cabelo, costumo gastar muito dinheiro para me sentir bonita.

Nesse sentido, outro aspecto que deveremos considerar diz respeito ao uso de substâncias para o ganho de massa corporal. Segundo Ribeiro, (2001, p.97), “a tentação de ganhar músculos rapidamente leva cada vez mais jovens ao abuso dos esteróides sem orientação médica. [...] uma nova droga começa a preocupar autoridades e profissionais da saúde em todo o mundo: os esteróides anabolizantes”. O resultado aparece na grande quantidade de jovens que perdem a vida ou adoecem por causa do uso de esteroides.

Desse ponto de vista, estudos indicam que 84% dos estudantes do ensino médio utilizam anabolizantes esteróides e o seu consumo cresce em larga escala desde o ano de 1996. Pesquisas apontam que 1 em cada 16 estudantes do ensino fundamental e médio já utilizaram esses hormônios, alguns fazem uso de esteroides anabolizantes de maneira indiscriminada. A utilização de esteróides anabolizantes vem sendo feita tanto pelos rapazes quanto pelas moças com consequências no emprego desses hormônios, que podem causar alterações da saúde no campo físico como também nos transtornos psíquicos como a depressão, decréscimo na tolerância às frustrações, agressividade, hostilidade e irritabilidade. Sendo assim, mesmo após a

descontinuidade e suspensão na sua utilização essas consequências permanecem por algum tempo.

Na verbalização de um jovem observamos o interesse em adquirir um corpo bem definido com o aumento da massa muscular para “esconder as imperfeições do corpo” e para conquistar uma aparência mais atraente:

Eu faço academia para ficar mais magro e mais forte, faço caminhada todos os dias, sei que como sou gordinho, as meninas sempre preferem os meninos mais sarados, com músculos bem definidos, faço uma alimentação com proteínas para conseguir logo o corpo que eu quero ter. Na academia converso com os meus amigos sobre dietas, alimentação e complementos que possam ajudar.

Diante desse quadro, com base em Melucci (2004), consideramos que o corpo ganha cada vez mais status na cena social, pois a partir dele nos singularizamos, diferenciamos-nos e procuramos nossa identidade. A busca de um ideal estético baseado na moda e na beleza é constantemente perseguido pelos jovens, tendo como um dos desejos a exibição do corpo, a exposição constante da silhueta bem malhada, magra e aparentemente saudável.

O corpo é, enfim, para cada um de nós, o espaço pessoal, o campo daquela consciência que nos diferencia dos outros. O retorno ao corpo alimenta nossa busca de identidade. Nosso corpo é o local secreto ao qual somente nós podemos aceder e ao qual podemos voltar para sentir que existimos como indivíduos. O corpo é nossa propriedade, única e inalienável, que permite nos reconhecermos numa época em que vacilam as outras formas de identificação. Ninguém pode dizer o que sentimos em nosso corpo; cada um de nós é o único que pode falar de si mesmo, usando o próprio corpo. (MELUCCI, 2004, P. 93)

Como na juventude os sujeitos ainda não possuem maturidade e parâmetros definidores para balizar as suas escolhas, podem incorrer em erros graves desencadeando distúrbios alimentares que vem aumentando principalmente no caso das jovens através de problemas de saúde como a bulimia e anorexia. Também no caso dos jovens, estes aderem ao uso descontrolado de substâncias para enrijecimento muscular, valendo-se da aplicação de produtos para o enrijecimento dos músculos e uso de hormônios para a tonificação imediata da estrutura muscular.

Desse modo, na perspectiva de Aberastury (1981, p. 15), as melhores escolhas serão feitas pelos jovens quando conquistarem maturidade e segurança para fazerem as opções certas, “a sua maturidade biológica está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que lhe

possibilite a entrada no mundo do adulto, estará munido de um sistema de valores, de uma ideologia que confronta com a de seu meio e onde a rejeição a determinadas situações cumpre-se numa crítica construtiva.”. No horizonte da pesquisa, destacamos a problemática que acabamos de examinar com base nos sujeitos pesquisados, por isso se reveste de grande relevância a abordagem do tema, fato que demandaria um tempo maior para nos debruçarmos no tratamento do assunto em tela.

3.1.5 O antes, durante e depois: o consumo de álcool e entorpecentes

Seguindo a reflexão apresentada por Marlatt (2005, p. 307), “a dependência do álcool, geralmente resultado de décadas de consumo de bebidas, tem tido destaque absoluto nas internações psiquiátricas por drogas no Brasil, variando entre 90% e 95% do total desde os anos 1980”. Segundo pesquisas, embora a grande maioria dos jovens que utilizam bebidas alcoólicas exageradamente tendem a parar de beber ou a beber doses moderadas quando se tornam adultos, uma pequena proporção continua a usar o álcool.

Nas sessões de entrevista ouvimos relatos de envolvimento dos jovens em situações de embriaguez, ocasionadas nos momentos críticos da vida dos jovens pesquisados. Os sujeitos relataram que quando se sentiram mais vulneráveis aos problemas cotidianos e com baixa tolerância para administrar as frustrações recorreram ao uso de álcool, como poderemos observar no relato apresentado por uma jovem:

Já usei bebida alcóolica quando tinha entre meus 15 e 17 anos. Na época que meus pais se separaram eu tinha entre 11 e 12 anos, isso mexeu muito comigo, tudo que eu sabia sobre a importância da família se destruiu, eu me revoltei na fase da adolescência, eu não sabia as consequências do alcoolismo, eu comecei a provar bebida alcóolica com os colegas, na brincadeira, ainda bem que eu parei logo, já não uso mais, acho que faz muito mal para a saúde, poderia trazer grandes consequências para a minha vida.

Estudos apontam que o consumo de álcool entre os jovens encontra-se relacionado ao uso excessivo e compulsivo de substâncias alcoólicas pelo grupo de pares, pois no grupo os jovens se percebem livres e atuantes longe da vigilância dos pais, bem como há o desejo de se identificar a partir das atitudes apresentada pelos amigos. A partir de pesquisas se observou a interação do uso de bebidas alcólicas e drogas sobre comportamento social com a modificação de comportamento.

Segundo esses estudos, o grupo de pares é um dos maiores incentivadores do consumo de substâncias como álcool ou entorpecentes, associando mecanismos de interesses dos demais membros do grupo, desencadeando a disposição para o consumo. Assim, o grupo de pares, passa a ser identificada como um dos indicadores que apontam a relação estreita entre grupo juvenil e o consumo de substâncias psicoativas.

De acordo com as pesquisas realizadas sobre a temática, a problemática é mais grave porque na juventude a utilização de bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas expõem o organismo do jovem ao contato com componentes químicos tóxicos, que apesar de não ocasionar mudanças anatômicas, agem prejudicando o desenvolvimento das estruturas cerebrais, interferindo nos esquemas cognitivos, diminuindo o nível de concentração e nos processos de aprendizagem. Devido à imaturidade do organismo as possibilidades de ocorrência do vício aumentam, com a tendência de incidir de maneira mais intensa no organismo do jovem, ocasionando prejuízos provocados por essas substâncias no córtex cerebral ainda imaturo.

Na realidade dos jovens pesquisados, juntamente com o uso de álcool e substâncias psicoativas surge o comportamento ilícito, que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente é denominado como “ato infracional” quando praticado pelos menores de 18 anos.

Assim sendo, circunscrito ao campo do comportamento ilícito no qual os jovens participam, os adultos envolvidos no tráfico de drogas se valem dos menores para a venda de entorpecentes, pois apesar de ser um ato criminoso, não se impõem penalidade devido à idade dos jovens, que nesses casos são aplicadas medidas socioeducativas. Nesse sentido, observamos a narrativa de uma jovem: *Até que passei a vender quando eu tinha muito, pra enganar as pessoas eu misturava com paracetamol, eu queria enganar o pessoal e ganhar um dinheiro. Quando, eu tinha só um pouquinho de mel, mas precisava parecer que era muito, pegava o “mel” e o paracetamol, raspava tudo de dentro do paracetamol, juntava o paracetamol com o mel e misturava, vendia por outro preço e até ganhei dinheiro fazendo isso, vendia na escola [...].*

Quanto mais cedo ocorrer a utilização precoce de substâncias alcoólicas e entorpecentes pelos jovens, maiores são as chances do desenvolvimento de dependência, resultando em graves prejuízos por deixar sequelas físicas, mentais e emocionais. Poderemos observar essa problemática na narrativa apresentada por uma jovem: *usei bebida muitas vezes, comecei bem cedo, [...], enchia a cara, bebia muito e fumava drogas, usava mel, maconha. Eu vi os outros*

usando na escola e corri atrás dos colegas e comecei a usar. [...] Por causa disso fiquei muito doente dos rins e fui internada várias vezes.

Determinados contextos sociais colocam o jovem em situação de risco, como os jovens que tem um estilo de vida convencional, procuraram grupos etários seguindo os preceitos morais do grupo parental no qual recebeu educação, diferentemente destes, outros jovens escolheram formas de condutas sociais divergentes, participando de grupos com tendências a romper com padrões estabelecidos pela família até mesmo como forma de rebeldia em relação aos pais.

Nessa perspectiva, verificamos que o consumo de álcool pode aparecer inicialmente na rotina do jovem como de uso recreativo e por divertimento, mas o consumo sistemático poderá levar o jovem a desenvolver um quadro de dependência, tornando-se muito prejudicial a saúde, afetando o sistema nervoso. Inicialmente será utilizado como pratica de atividade de diversão, passando a repetição e depois a ser consumido excessivamente.

Nesse sentido, poderemos perceber através da narrativa de uma jovem como a ingestão de bebida alcoólica pode estar relacionada à vulnerabilidade na rede de proteção entorno do jovem, aparecendo como situação desencadeadora de stress, conforme apontou a participante da pesquisa citando o problema que sofreu de tentativa de abuso sexual praticado por um vizinho:

Eu tinha 14 anos quando um vizinho tentou abusar de mim sexualmente, a minha mãe teve que viajar, ficamos em casa com meu pai, ele precisava trabalhar, nesse dia estava sozinha, o vizinho entrou na minha casa, tentou me estuprar, ainda bem que meu irmão chegou e ele fugiu, foi aí que eu fiquei muito triste, passei a ter pesadelos e a ideia de beber pra esquecer o medo. Aí, quando eu tinha 15 anos, os colegas ficaram me oferecendo dizendo “eu só bebo se tu beber,” passei a beber cachaça, cerveja, whisky, vodca. Uma vez ficamos de 09 horas da noite até 5horas da manhã brincando de quem conseguia beber mais, a gente ficava brincando de virar o copo mais rápido. Depois passei a beber nas festas, na frente de todo mundo, ninguém da minha família nunca me repreendeu, não tinha ninguém me vigiando, ficava bebendo como se fosse brincadeira. Usei bebida dos 15 aos 16 anos, depois parei. Depois passai a aconselhar os meus amigos a pararem, mas como eles não queriam mudar achei melhor me afastar deles.

De acordo com Tomé (2010, p. 748) “o relacionamento positivo com os pais e com os pares surge como fator protetor de comportamentos de risco como o consumo de tabaco, consumo de substâncias ou gravidez na adolescência”. Em primeiro lugar a prevenção ao uso de drogas psicotrópicas deverá acontecer na família, pois a intimidade e proximidade com os pais significa para o jovem a condição de proteção, evitando incorrer na problemática do uso de álcool e drogas.

A família deve manter um grau de diálogo com o jovem para perceber as dificuldades que possam surgir nessa fase, levando-se em consideração o contexto no qual o jovem vive. Quanto às ações do estado, o governo federal conta com programas do Ministério da Justiça, Saúde e da Secretaria dos Direitos Humanos. Atualmente desenvolve o projeto “Crack, é possível vencer” e outras drogas, bem como conta com ações nas escolas com palestras, orientações aos estudantes e combate ao tráfico de drogas.

Constatamos que os jovens investigados apontam para a ancoragem de suas dúvidas sobre as drogas no grupo familiar e nas relações com seus pares. Assim percebemos que os conflitos de ordem emocional desestabilizam o jovem que nas situações de dificuldades precisará contar com apoio dos familiares: *só usei bebida porque o meu namorado mentiu e disse que ia passar o ano novo comigo, mas ele viajou, por isso tomei vinho, fiquei caindo, fiquei louca, gritava e chorava muito, passei muito mal, isso foi em 2013, o meu pai quando viu aquilo me brigou, no outro dia a minha mãe conversou sério comigo e nunca mais usei.*

No decorrer da entrevista percebemos que são cada vez maiores as possibilidades dos jovens receberem o convite para o consumo de substâncias psicoativas no grupo de amigos devido à proximidade e convivência diária entre os sujeitos, bem como o estabelecimento de relação de confiança e afetividade geram segurança e lealdade, conforme apresentado no relato de uma jovem:

Já me ofereceram cocaína no meu trabalho, uma colega viu que eu estava muito fraca depois que o meu irmão faleceu, ela me chamou e disse para eu usar, que eu ia me sentir melhor, peguei e guardei no meu armário, sempre pensava em experimentar, falava pra mim mesma que eu até poderia usar, mas nunca ficaria viciada se experimentasse. Ai eu conversei com o meu amigo aqui da escola e ele disse “isso é coisa de gente fraca, se você quiser se dá mal nessa vida é só experimentar, ninguém sai dessa vivo”, aí eu fui pra casa, me tranquei no meu quarto e chorei muito a noite toda, não estava mais aguentando tanto sofrimento. Depois eu pensei em tudo que ele me disse, pensei que várias pessoas da minha família que criticavam a minha mãe só estavam esperando um motivo para falar mal de mim, mesmo que ninguém da minha família soubesse que eu tinha usado a minha consciência iria sempre me acusar, então eu pensei em nunca usar droga nenhuma e resolvi jogar tudo fora.

Diante do exposto, a presença de substâncias como o álcool e drogas psicoativas circula livremente nos ambientes de presença e convivência da juventude. Observamos na pesquisa que muitas vezes o seu consumo são incentivados socialmente, com grande aceitação pelos adultos, por isso se apresentam cada vez mais integrado na vida dos jovens, influenciando os

comportamentos, interferindo nas relações. Sendo assim, a família e a escola precisam perceber os primeiros sinais no comportamento e atitudes que os jovens passam a emitir, pois cada acontecimento se configura de forma particular para cada sujeito e perpassa a intimidade de cada jovem na vinculação no grupo de pertença.

3.1.6 Conflitos e antagonismos no grupo de pares

Seguindo o percurso das nossas reflexões, de acordo com Abramovay (2006, p.122), os conflitos entre grupos de jovens rivais é uma das grandes motivações que colocam em confrontos grupos de estudantes da mesma escola ou de escolas diferentes que são antagônicos, podendo ser marcados de sequências de agressões verbais, físicas e com a utilização de armas. Conforme a autora, “quando o conflito se manifesta, arrecadam dinheiro para a compra de armas e escolhem aqueles que participarão da briga. Os confrontos armados normalmente têm lugar na rua, nos bares, na porta das escolas”.

Nesse sentido, Sposito (1992, p. 162), apresenta que “ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista, musical, religiosa ou as agressivas torcidas de futebol.” Nesses grupos de jovens a violência poderá emergir nos encontros nas ruas, nas praças e esquinas. O bairro pode circunscrever o espaço de manifestações violentas, mas também pode se irradiar para outras partes da cidade.

Nos últimos tempos os conflitos de grupos rivais tem envolvido também as jovens que se enfrentam também através da luta corporal e utilização de armas. As meninas possuem motivos diversos que as levam a confrontos com as colegas da escola ou grupos de rivais. Dentre essas motivações encontramos na realização da pesquisa as disputas por namorados, inimizades motivadas por fofocas, boatos, rivalidades, disputas de espaço na escola e entorno das suas residências. Em princípio, a falta de consenso na convivência entre as jovens aumentam as possibilidades de confrontos sistemáticos com a expressão da violência.

Desse modo, verificamos que o simples fato de não concordarem com o resultado de uma competição esportiva, colocava-as na defensiva, inviabilizando os espaços de diálogos entre as jovens, bem como intensificando as motivações que geravam a violência nas relações interpessoais, como poderemos observar nos comentários da jovem:

Antes de ficar grávida, quando eu via alguém bater em uma colega eu metia a porrada mesmo, não tinha conversa, não! Eu não aceitava que as minhas amigas apanhassem das outras meninas lá na rua, essas brigas sempre começavam quando a gente jogava queimada, as meninas que perdiam botavam pra cima, eu não deixava as minhas colegas apanharem, mas agora que eu estou grávida já penso duas vezes antes de me meter em confusão, porque fico pensando que do jeito que o mundo está a gente já não sabe mais, [...]. Antes eu me metia para separar as brigas das minhas colegas dentro ou fora da escola, mas se vier me bater eu meto a porrada mesmo, eu não aceito apanhar de ninguém, desde pequena eu tenho gênio forte.

Assim sendo, os embates violentos que são provocados pelos jovens no confronto com outros jovens, também estão relacionados aos inúmeros fatores da vida social, bem como esses fatores encontram uma maior correlação com o grupo de pares com identidade coletiva que apresentam comportamentos antissociais independentemente do gênero. De acordo com Oliveira (2011, p. 14), “os fatores de risco associados à delinquência, tais como classe social, problemas de estrutura familiar, stress, características da personalidade, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamentos, encontraram uma maior correlação para o grupo de pares e para as atitudes antissociais.”

Nesse sentido, verificamos que são os jovens os maiores catalizadores dos conflitos sociais de toda ordem, exteriorizando as agressões e violências do campo social, com múltiplas sequelas inerentes aos processo de exclusão refletidos no comportamento dos sujeitos jovens. As ruas do entorno da escola se transformam em arenas, o vencedor da briga de rua muitas vezes conquista o respeito, pois sempre há um apelo para que um deles possa sair vitorioso do confronto, representando o grupo, traduzindo a busca de identidade coletiva e definição de uma liderança.

Esses desentendimentos acontecem por motivações banais que se originam nas disputas e dissidências que surgem nas relações difíceis entre os jovens que diariamente passam a se desgastar. Assim sendo observamos o comentário de um jovem participante da pesquisa:

Já briguei algumas vezes na rua da escola, um aluno de outra turma me provocou, ficou fazendo piadinha com a minha cara, eu revidei na hora e ele disse que ia me esperar na saída da escola. Ele e os amigos dele não sabiam, mas eu treino boxe já faz tempo, bati nele até que uns colegas chegaram pra separar a gente, ele ficou com a cara toda arrebatada, mas quem mandou ele me provocar.

Nesse contexto, outras situações aparecem no processo de pesquisa que envolvem os grupos de interações como é o caso da pichação. Os jovens relataram que além dos incidentes de confronto com a polícia os pichadores precisavam conhecer determinadas regras que fundamentam os códigos de conduta dos sujeitos no grupo como é o caso de evitar lugares delimitados pelos grupos rivais, bem como deveriam evitar o confronto com os adversários de outros grupos.

A partir de Abramovay (2004, p.125), os participantes de outro grupo devem evitar “um olhar enviesado, o ‘encarar’, exige a defesa, porque uma pessoa para ser respeitada e se impor tem que mostrar coragem, ‘atitude’, e aceitar o desafio. Desse modo, o simples encarar pode terminar numa ‘guerra’, em que funciona o ‘efeito dominó’: ‘Uns matando aos outros’.”

De acordo com o relato dos participantes da pesquisa, a pichação é considerada um momento de entretenimento entre os jovens que se realiza no grupo de interação, envolvendo uma competição entre os sujeitos, pois pichar em lugares que envolvam maior risco é motivo de reconhecimento e impõem respeito ao resto do grupo, conforme a narrativa apresentada por uma jovem:

Particpei de pichação com os meus colegas, eu gostava bastante, fazia para me divertir, mas fui parar várias vezes no Conselho Tutelar, a pichação era uma adrenalina a mais, uma diversão, a gente ficava pichando a noite na rua e alguém avisava: “olha lá vem alguém, lá vem a polícia” e a gente corria e era muito engraçado, era pura diversão, não tinha a intenção de prejudicar ninguém era como brincadeira de criança quando apronta e sai correndo.

Segundo Abramovay (2004, p. 117) “a pichação é vista como uma alternativa quando não se tem nada para fazer, é considerada uma diversão, uma aventura cheia de emoções porque implica enfrentar o perigo, correr da polícia, desprende muita adrenalina e vicia como uma droga [...]. Ser conhecido e famoso pela pichação é motivo de orgulho e respeito, e por isso vale a pena correr riscos. Segundo o relato dos jovens, os veículos de comunicação propagam a formação de grupos de jovens que fazem pichação, dando destaque e relevância ao assunto. Lembrando que as gangues de pichadores sentem orgulho quando a mídia destaca locais pichados por seus grupos, conferindo status aos participantes.

Segundo a legislação a pichação é considerada crime de dano ao patrimônio público, bem como se configura como delito contra o ordenamento urbano. Apesar do detalhamento jurídico

percebi que alguns jovens participantes da pesquisa não demonstraram preocupação com a questão legal, mas principalmente temor dos grupos rivais:

Já sai de casa de madrugada com os meus colegas para pichar paredes e muros, sei que a pichação é crime, mas a gente é sempre levado pela amizade, pela diversão. Tem que ter cuidado, não pode sair pichando em todo lugar, cada um tem sua área se não você pode arrumar briga e confusão com grupos rivais, não se deve arrumar problemas com ninguém.

Percebemos que a atitude dos sujeitos em pichar paredes e muros da escola ou do seu entorno não tem o caráter de se configurar enquanto divulgadores de mensagens ou como uma atitude de protesto, ato que era uma característica marcante dos jovens no período da ditadura militar na década de 1970. Porém, segundo o relato de uma jovem o ato se configura a partir de um comportamento de vandalismo, visando ocasionar distúrbios, bem como para confrontar grupos rivais no interior da escola: *uma vez no banheiro da escola que eu estudava antes de vir para cá, me envolveram em um problema, as meninas que eram de uma galera se juntaram para pichar as paredes com pincel vermelho, a pedagoga descobriu e disse que fui eu, falei pra ela que seu eu quisesse pichar eu picharia a parede do meu quarto, da minha casa. [...] As meninas da galera que fizeram a pichação e ficaram bem caladinhas. [...].*

Na perspectiva de Abramovay (2004, p. 123), “as razões para os embates entre gangues/galeras, segundo os informantes, são inúmeras: pode ser por um simples olhar que o outro não gosta, um esbarrão, uma rivalidade entre as turmas, atritos antigos, uma vingança, um desafio, uma provocação, um deboche”. Segundo a autora, o fato de um grupo não gostar de outra galera, pode desencadear diversos conflitos, com brigas e ameaças de mortes.

No decorrer dos debates surgiram manifestações favoráveis ao grafite que os sujeitos pesquisados mencionaram como “*uma forma de fazer arte. É uma expressão artística*”, conforme poderemos observar no comentário de um jovem: *eu reprovo totalmente a pichação, pelo lado artístico eu considero o grafite como uma arte urbana, no grafite a gente consegue perceber o que querem dizer, mas a pichação é um ato de vandalismo, eu não aprovo quem faz isso, eu não concordo em destruir as coisas das pessoas. Também os pichadores se reúnem para brigar, tem sempre briga por onde eles andam, brigas de grupos rivais, problemas com a policia.*

Para melhor compreender essas práticas e ligações que nascem nessas circunstâncias entre os jovens poderemos observar a partir de Maffesoli (1998, p.98), que os processos grupais como as interações e a intersubjetividade criam elementos qualitativos nas relações interpessoais. Por

isso, devemos considerar que “a memória coletiva pode servir, no sentido simples do termo, de revelador para as ações, intenções e experiências individuais. Ela é, verdadeiramente, uma esfera de comunicação, causa e efeito da comunidade.”

Desse modo, os pensamentos, impressões e ideias que circulam no grupo são apenas partes do repertório de um sistema simbólico maior, situando-se na base da agregação e segregação social, no território dos bairros e da cidade.

O espaço da cidade é um espaço educativo para além das instituições, pois é um local de ações sociais, políticas, ambientais, poéticas, culturais, de procedimentos de resistência e de criatividade, de relação entre espaços de circulação, de encontro, de vivência, fruição, que coloca em contato diferentes formas de pensar, sentir, agir e se colocar dos grupos sociais, fruto de seus repertórios e contextos socioculturais. Da mesma forma, apresenta e disponibiliza uma infinidade de equipamentos e instituições organizados e estruturados, com meios para diferentes fins, que funcionam e exigem normas, parâmetros e condutas diferenciados para os variados espectadores e públicos. Isso implica formas variadas de inter-relação e interação entre os sujeitos, promoção de sociabilidades e socializações, entre o que está disponibilizado para consumo e para fruição, entre o que exige participação e produção mais ou menos ativa e dinâmica, em uma infinidade de estímulos e motivações. (FERNANDES, 2012, p. 65)

Diante desse quadro, a cidade é o espaço da dinâmica social da vida dos jovens, definindo a tessitura dos relacionamentos interpessoais entre os sujeitos que interferem no contexto sociocultural. Compreendemos que as diversas atitudes transgressoras que surgem nas ações coletivas entre os pares juvenis no cenário urbano são ocasionadas por distorções sociais.

Verificamos que muitas vezes as problemáticas que envolvem a vida dos jovens nas relações de conflitos no cenário urbano, expõem os sujeitos às situações arriscadas e violentas, colocando em risco a integridade física e moral, provocando instabilidades nas interações no interior dos grupos juvenis, bem como nos confrontos com grupos adversários, pois observamos que os jovens compõem a parte frágil diante de tantas ausências do poder público.

3.1.7 Valores e crenças: os fundamentos da vida dos jovens

Diante das mudanças sociais, econômicas e estruturais que alteram, modificam e transformam as relações humanas, os sujeitos jovens transitam em um cenário que reflete a sensação de instabilidade e insegurança. Assim, os jovens pesquisados avaliam a dimensão dos valores que percebem como fundamentais para as suas vidas, pois acreditam na importância de definir o comportamento seguindo os princípios ensinados pela família, fazendo referência a essa

base para desenvolver sua condição enquanto sujeitos jovens, mediante os processos que implicam no seu amadurecimento.

Nesse exercício de autoconhecimento os jovens pesquisados elegeram os valores principais que definem para si no decorrer da trajetória juvenil, bem como apresentaram as suas reflexões sobre a vida da juventude na atualidade, conforme poderemos observar na narração de uma jovem:

O que mais valorizo na vida é o carinho da minha mãe e o amor da minha família. A pessoa que mais admiro é a minha mãe, ela é uma lutadora. [...]. A vida dos jovens na atualidade está ficando cada vez mais difícil, alguns jovens parecem que não tem mais esperança, o jovem hoje em dia não vive para o amanhã, ele vive como se hoje fosse o último dia da vida dele. São poucos os jovens que pensam no amanhã.

No emergir da existência do sujeito jovem, encontram-se como condição primeira da estruturação da sua identidade e subjetividade as experiências vivenciadas na infância, os personagens que marcaram as suas relações na família, bem como a transmissão de valores do grupo familiar, sendo que o jovem incorpora esses preceitos para a definição dos valores essenciais para o seu existir na condição da sua juventude. Na narrativa de um jovem o papel desempenhado pela mãe é o elemento central para a condução da sua vida:

O que mais valorizo na vida é a minha família, na minha família admiro muito a minha mãe pela infância difícil que ela teve, trabalhou desde cedo, não teve muitas chances de estudar. Admiro-a pela garra que ela teve em nos criar, me deu bons exemplos. Vejo que tem jovens que estão abertos para coisas boas, como adquirir novos conhecimentos. Outros acabam indo para o lado ruim, não aproveitam os ensinamentos dos pais, das pessoas mais velhas. Mesmo assim não vejo como certo tudo isso que a mídia fala dos jovens, acho que acabam exagerando muito sobre os jovens como se todo mundo fosse errado.

De acordo com Brito (2002), a produção da existência do sujeito jovem é marcada socialmente mediante a incorporação e assunção de valores transmitidos pela educação, nas práticas sociais e familiares e entre os pares. Na família ocorre a veiculação de valores, que poderão ser incorporados ou não pelos sujeitos, deixando uma marca indelével. Segundo autor, essa “teia de relações familiares” colabora na constituição do sujeito, conforme poderemos observar na verbalização de uma jovem:

Pra mim a responsabilidade e a vergonha são as coisas mais importantes para o jovem ter na vida, assim que eu aprendi em casa. Se você tem responsabilidade você chega a

onde quer, se você tem vergonha na cara não vai praticar certos atos, não vai ficar se expondo, correndo riscos, agindo de maneira errada, acho que a nossa sociedade é muito hipócrita, eu gostaria que as pessoas fossem menos hipócritas, mentirosas e enganadoras, é cada um por si, só querem ter tudo para si, ninguém tenta ajudar o outro, ninguém se importa se uma criança passa fome, se tem muitas pessoas que não tem o que comer, acho tudo isso uma vergonha.

As reflexões apresentadas pelos sujeitos participantes da investigação são resultados das suas experiências e observações que surgem mediante as relações que emergem do tecido social, ao mesmo tempo em que o jovem não consegue perceber tudo o que testemunha, diante da sequência de acontecimentos ao seu redor, passa a fazer opções a partir dos valores que já incorporou, selecionando o que percebe no material social, conforme verificamos no comentário de um jovem:

Acho que uma das coisas importantes para o jovem é o trabalho, é fundamental que o jovem tenha o seu trabalho, o que eu quiser conseguir para mim devo conseguir com o meu trabalho, comprar com o meu dinheiro. Também a escola é muito importante para o jovem, aqui vivemos e conhecemos várias pessoas e podemos ter influências boas. No trabalho aprendemos a nos conduzir, temos um chefe que diz o que temos que fazer, não podemos ficar reclamando, enrolando, tem que cumprir se não a gente pode perder o trabalho, não da pra fazer “corpo mole”.

Seguindo nessa trajetória, dentre os valores destacados pelos jovens, surgiu à discussão sobre a prática religiosa. Nesse sentido, nos achados da pesquisa identificamos no perfil da maioria dos jovens que são praticantes da religião evangélica. Os participantes apontaram a motivação inicial da prática religiosa a partir dos costumes da família, da influência dos amigos e namorados que frequentam a mesma igreja ou religião.

De acordo com a narrativa de uma jovem quando se deparou com tanta diversidade na escolha de uma religião resolveu ficar um tempo sem a prática religiosa, porém passou a frequentar a igreja evangélica por influência de um parente: *antes eu não tinha religião, ficava na dúvida sobre qual deveria seguir, na minha família tem católicos e evangélicos, hoje vou com a minha tia que é evangélica, acredito que vai me ajudar na minha vida, acho que ter uma religião é uma proteção nos dias de hoje, tem jovem que vive na balada, sem rumo e não tem uma religião, não segue nada, só vive no mundo por viver.*

Diante das circunstâncias do panorama social, os jovens atribuem à prática religiosa uma experiência com relevância nos novos comportamentos que passam a ser assumido pelos sujeitos, incorporando na vida pessoal à construção de significados, com fatores que refletem nas dimensões

da autoestima e das relações interpessoais, conforme o relato de um jovem: *a minha religião é a Católica, vou na missa aos sábados, a minha família toda é católica, gosto de frequentar a igreja porque ajuda na minha vida, sinto que fico mais calmo, também tenho amigos do grupo de jovens, depois da missa saímos para lanche e conversar.*

Nesse sentido, nos encaminhamentos da pesquisa acompanhamos o relato de um jovem que relata que prefere não seguir nenhuma prática religiosa, percebendo que a religião dita o comportamento dos sujeitos, definindo o agir social, conforme a sua observação: *eu não tenho religião, prefiro seguir a minha vida observando os ensinamentos da minha mãe, acho que as religiões só servem para confundir a mente, procuro seguir o caminho do bem por mim mesmo, sei fazer as minhas escolhas, quando preciso de orientação converso com os meus familiares.*

De acordo com a jovem, surge um problema quando o namorado não possui a mesma religião ou frequenta igreja diferente: *o meu namorado é de outra igreja, eu só gosto de frequentar a minha, por isso a gente briga muito.* Segundo relatos da jovem alguns rompimentos aconteciam por pressão dos membros da igreja: *tenho uma amiga que já terminou o namoro porque pessoas da igreja falaram mal do namorado que não gostava de ir pra igreja.* Também identifiquei no diálogo com alguns jovens que as igrejas evangélicas exigem que o relacionamento íntimo ocorra após o casamento.

No conteúdo da fala dos participantes da investigação que são evangélicos, emergiu nas suas narrativas a menção que os *“os jovens evangélicos solteiros devem participar do movimento eu escolhi esperar”*. Esse movimento faz parte das diretrizes de várias igrejas que exigem um *“relacionamento de pureza e santidade”*, não havendo envolvimento sexual entre os casais solteiros antes do casamento. A abstinência sexual é o principal foco das campanhas de diversas igrejas cristãs com discussões que circulam nas redes sociais.

Na discussão no grupo focal tratamos da temática sobre projetos e planos de vida. Observamos na fala dos jovens a preocupação dos participantes com relação ao seu futuro, aparecendo como um dos aspectos da condição juvenil. As narrativas dos jovens apontou os objetivos e metas que pretendem concretizar, fundando um propósito valorativo para as suas vidas.

No decorrer dos debates no grupo pesquisado, diferentemente da ideia que é veiculada corriqueiramente sobre a irresponsabilidade dos jovens, quando dizem que estes não tem objetivos de vida, é importante registrar que apareceram nos debates as preocupações quanto ao

futuro. Os jovens pesquisados relataram as suas intensões seguindo uma diretriz, um norte para o tempo que virá, buscando no projeto de vida uma condição que possibilita a viabilização de sentido de realização pessoal, conforme poderemos observar no comentário de um jovem:

Meu projeto de vida já está traçado, eu quero me formar, fazer uma faculdade, construir a minha casa, ajudar a minha mãe e a minha família. A escola já vem me ajudando a realizar o meu projeto de vida. Sem a escola eu não chegaria a nada, ela é a minha base, tudo o que eu sei, eu não seria nem a metade sem a minha família e a escola, se eu gosto de ler é por que houve a influência dos professores que me incentivavam e perguntavam se eu estava lendo, se preocupando com a minha aprendizagem e meu futuro.

No desenvolvimento de projetos e planos de vida, os jovens participantes da investigação percebem quais são os seus objetivos em relação ao futuro próximo, bem como os propósitos e finalidades que buscam encontrar para dar sentido ao seu existir. Verificamos que esses projetos ultrapassam a simples identificação, seleção e escolha de uma profissão, envolvendo os familiares, conforme poderemos verificar na fala de um jovem:

Meu projeto de vida é focar nos meus estudos, fazer faculdade de Engenharia pra dar um futuro melhor pra minha mãe. Mas depois penso em casamento, ter filhos, ter uma família, ajudar na minha igreja. Acho que a escola poderia me ajudar na realização do meu projeto de vida melhorando o ensino, por exemplo, à noite os tempos de aula são mais reduzidos em comparação ao dia. Se tivesse mais tempos de aula, nos ajudaria bem mais nos conhecimentos.

Segundo Weller (2014, p.140), os projetos e planos de vida “podem estar relacionadas à busca de sentido para a vida pessoal, mas vão além disso, apresentando também um componente social ou coletivo, entre outros: o desejo de fazer a diferença no mundo, de ajudar outras pessoas, de contribuir com causas maiores.” Os projetos de vida dos jovens podem atravessar a juventude, desde pequenas ideias para a vida pessoal até projetos que abarquem a sociedade em uma perspectiva mais ampla. À medida que os jovens amadurecem os projetos de vida se modificam e se transformam.

Durante os debates quanto à importância do jovem estruturar projeto de vida surgiu à reflexão sobre que essa construção é inerente a vida, sendo fundamental como prática para organizar metas pessoais. Essa é uma ação necessária e que deve ser pensada pelos jovens, pois ao definir objetivos para a vida o jovem se prepara para ultrapassar barreiras, conforme poderemos observar na flexão apresentada por Dayrell (2011):

Nesse sentido, o projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no seu campo de possibilidades. Eles nascem e ganham consistência em relação às situações presentes, mas implicando, de alguma forma, uma relação com o passado e o futuro. Nesta formulação, falar em projeto e referir-se a uma determinada relação com o tempo, em especial o futuro, e especificamente as formas como a juventude lida com esta dimensão da realidade. (DAYRELL, 2011, p. 1072)

Nesse sentido, poderemos refletir a partir da fala dos sujeitos que faltam atividades de socialização sobre as temáticas relacionadas aos projetos de vida, em rodas de discussão com os jovens. Portanto é necessário fundar a prática do diálogo a partir dos professores, pedagogos e diretores, visando estabelecer mecanismos de reflexão sobre a temática, aproveitando o interesse e a vontade dos jovens pesquisados em desejarem organizar uma rede ampla de discussão para viabilizar os seus projetos e planos de vida.

3.2 Categoria 2 - As redes de socialização dos jovens

Apresentamos os resultados da pesquisa nesta categoria temática visualizando as narrativas dos sujeitos jovens, observando como estabelecem contato com diversidade de personalidades sociais, com os amigos, “chegados” e colegas com a possibilidade de ampliação permanente de sua rede de convivência. Nesse sentido, os jovens falam de suas vivências narrando os acontecimentos que marcaram as suas experiências relacionais.

3.2.1 O presente vivido e as relações dos jovens com as tribos urbanas

Maffesoli (1998), em seus estudos esclarece que é necessária a compreensão inicial do conceito de tribos urbanas, pois vivemos em um processo de “tribalização do mundo”, experimentado cotidianamente na vida social pelos jovens nos grupos de pares. As tribos sociais oportunizam aos jovens a participação em redes sociais diversificadas, se configurando enquanto metáfora e não como categoria sociológica. A participação acontece através da identificação com grupos de amigos, bem como no envolvimento nas atividades dos grupos com os quais se identificam.

Trata-se da tensão fundadora que me parece caracterizar a socialidade deste fim de século. A massa, ou o povo, diferentemente de proletariado ou de outras classes, não se apoiam numa lógica da identidade. Sem um fim preciso, elas não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desiindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Claro está que, como as massas em permanente agitação, as tribos, que nelas se cristaliza, também são pouco estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para outra. (MAFFESOLI, 1998, pg. 9).

A vinculação dos jovens em comunidades é uma experiência necessária para os processos de transição entre a dependência dos pais e o amadurecimento identitário do sujeito. O sentimento de pertencer a um determinado grupo faz parte de um mecanismo de procura de semelhança entre os jovens. A identificação com determinado grupo reforça o princípio de reconhecimento que é procurado pelo sujeito conforme surge no relato de uma jovem: *faço parte do grupo de jovens que são religiosos, por isso eu procuro escolher bem as minhas amizades, para não me deixar influenciar em certas coisas, até por que muitas vezes, nos apegamos mais com os amigos do que com a nossa própria família, os amigos são muito importantes para mim, gosto da amizade e companheirismo deles.*

Segundo Maffesoli (1998), na sociabilidade da vizinhança há um espírito de corpo que está cada vez mais vivo, reforçando a convivência nesses pequenos agrupamentos humanos, bem como as interações sociais ocorrem a partir dessas relações e acontecimentos no interior dos pequenos grupos. Na investigação realizada poderemos observar o comentário de uma jovem:

Faço parte de um grupo de jovens que são mais ecléticos, digamos que a cada momento estamos em mudança constante, por exemplo, existe momento que eu só queremos ler, ficamos no nosso cantinho, às vezes gostamos de ficar ouvindo música calma, depois queremos música agitada, também gosto de participar de um grupo que curte mais o RAP, eu não gosto de me prender a uma coisa só. Eu sempre busco uma nova mudança e novos grupos.

Na perspectiva de Maffesoli (1998, p. 121), refletimos que na construção das relações desenvolvidas em determinado período histórico são incorporados princípios norteadores para a convivência grupal, por isso cada época define e incorpora conceitos de coletividade definido dentro de um paradigma social: “Assim, ao lado da existência de uma sensação coletiva, vamos assistir ao desenvolvimento de uma lógica da rede. Quer dizer: os processos de atração e de repulsão se farão por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar “socialidade eletiva”.

Nesse sentido, o princípio da alteridade na relação com o outro, no respeito às diferenças que existem entre os membros do grupo ganha sentido nos tempos das tribos, das relações que acontecem em redes. Na narrativa de uma jovem poderemos identificar que incorporar as ideias da tribo não significa necessariamente assumir um comportamento similar, existe a condição de exprimir opinião diferente, não sofrendo a exclusão do grupo: *eu me identifico com o Rock, os meus amigos são do Rock, gosto de ouvir as músicas de Rock com os meus amigos participo dos ensaios da banda que eles tem, ajudo até na composição das músicas, mas não uso aquelas roupas que eles vestem, por exemplo, não gosto de usar preto, andar a caráter, não me identifico visualmente com os roqueiros, mais respeito e admiro a cultura deles.*

O pequeno grupo, pelo contrário, tende a restaurar, estruturalmente, a eficácia simbólica. E, pouco a pouco, vemos a constituição de uma rede mística, com fios mais sólidos, que permite falar do ressurgimento do cultural na vida social. Eis a lição essencial que nos dá essa época de massas. Épocas como esta se apoiam principalmente na concatenação de grupos com intencionalidades estilhaçadas, mas exigentes. (MAFFESOLI, 1998, p.117)

As experiências sociais adquiridas pelos sujeitos nos microgrupos comunicam ao jovem a impressão da sua emancipação dos pais e demais parentes, com maior liberdade para pensar por si próprio, negociando expectativas e experimentações no grupo, procurando eliminar os comportamentos que demarcam o certo e errado, bem como atribui sentido a sua identidade partir da cultura que os definem. Poderemos verificar no comentário de um jovem a negociação do estado de independência dos pais e a necessidade de convivência em tribos sociais:

Me identifico com a tribo Headbanger, faço parte desse grupo que são os metaleiros, Headbanger significa balançador de cabeça, usamos os cabelos longos, que ajuda na hora que estamos tocando rock, também faz parte da nossa identificação o uso de alargadores nas orelhas, roupas pretas, camisas de banda de rock, coturno, calça jeans rasgada, a gente se veste assim nos shows e nos nossos encontros, todo sábado a gente se reúne no Parque do Bilhares pra conversar, trocar ideias, repassar algumas ideias para os shows, marca ensaios no estúdio. Me sinto muito bem fazendo parte desse grupo.

Para Maffesoli (1998, p.108) “no sentido indicado acima, a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também, um meio de reconhecer-se. [...]. Em todo caso, os matizes da vestimenta, os cabelos multicoloridos e outras manifestações punk, servem de cimento. [...]. O culto do corpo, os jogos de aparência, só valem porque se inscrevem numa cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador.”

A identificação com os grupos ocorre de acordo com o interesse do jovem no momento, por isso o grupo ganha um sentido de impermanência e provisoriedade, que pode ser representada por uma comunidade movida pelas ideias. Observamos essas características das tribos urbanas constituídas a partir de comunidades virtuais em que os sujeitos são movidos pela interatividade dos jogos online, como poderemos verificar na verbalização de um jovem participante da pesquisa: *me identifico com os jovens que são CDF, tenho um comportamento Nerd, por isso participo de um grupo de “Gamers”, nos enfrentamos em disputas de grupos online, jogamos contra outros grupos do mundo todo, sempre que temos essas disputas nos reunimos na internet para jogar, não nos conhecemos pessoalmente, mas todos somos amigos.*

Além disso, o sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico. Falando da “galáxia eletrônica”, A. Moles, é verdade que com algumas reticências, sugere o que poderia ser o “ modelo de uma nova aldeia global”. E isto, principalmente, graças à interatividade provocada por este modelo. Com efeito, o “*cable*”, as firmas que veiculam informática (lúcidas, eróticas, funcionais, etc.) criam potencialmente uma matriz comunicacional de configurações e com objetivos diversos. Grupos que não deixam de lembrar as estruturas arcaicas das tribos e dos clãs das aldeias. A única diferença notável, característica da galáxia eletrônica, é a temporalidade própria dessas tribos. Na verdade, ao contrário do que, geralmente, essa noção sugere, o tribalismo de que tratamos pode ser perfeitamente efêmero, e se organiza conforme as ocasiões que se apresentam. (MAFFESOLI, 1998, p. 195)

Diante do exposto, segundo Maffesoli (1998) o estar junto “à-toa” é uma das características dos novos tempos, pois os laços sociais que une os jovens às sua tribos podem não ser permanentes, sendo que poderão estar marcado por uma certa instabilidade, mas apesar disso é estabelecido em uma rede em que os jovens se atraem por uma certa afetividade e identidade móvel no interior dos microgrupos. A transitoriedade das relações nos grupos, às dissensões e desacordos não impedem os jovens de se agruparem e vivenciarem as experiências que surgem no cotidiano mediante sentimentos negociados.

3.2.2 A potencialização da experiência: inclusão e exclusão no grupo de amigos

Dentre os aspectos encontrados na pesquisa emergiu os mecanismos de inclusão e exclusão dos jovens no grupo de relacionamento. Sendo assim, percebemos que para que o grupo sobreviva é preciso estabelecer laços entre os participantes aumentando o grau de intimidade entre os seus membros. Na perspectiva de Schutz (1989, p. 104), “se não for dada nenhuma

atenção aos sentimentos que as pessoas têm umas pelas outras, crescem as rivalidades, os desejos pessoais não são satisfeitos, as pessoas sabotam ou abandonam o grupo e a vida grupal está encerrada.” Os compartilhamentos das experiências individuais precisam se respeitados pelo grupo para preservar a comunicação no interior dos agrupamentos.

O comportamento de inclusão se refere à associação entre as pessoas: exclusão, inclusão, pertinência, proximidade. O desejo de ser incluído manifesta-se como desejo de atenção, de interação, de ser distinto dos demais. Ser completamente identificável implica que alguém está tão interessado em mim que descobre minhas características singulares. (SCHUTZ, 1989, p.104)

Quando o grupo começa a progredir há um aprofundamento no contato interpessoal, nessas interações surgem também o desenvolvimento de papéis no interior do grupo, os sujeitos passam a assumir funções de liderança permitindo a inclusão dos novos integrantes, bem como podem agir com indiferença em relação aos antigos membros provocando a exclusão. Poderemos observar essas características que se manifestam no interior do grupo na verbalização de uma jovem:

No meu grupo, por exemplo, percebo que quando entram colegas novos no nosso grupo, algumas pessoas não dão confiança, ficam falando um assunto que o novato não sabe, eu chego junto na hora, vejo que as pessoas não gostam de explicar o assunto que é das nossas conversas mais antigas, por isso eu vou envolvendo o novo colega na conversa, explico sobre o que estão falando, não gosto de ver a pessoa ficar num canto, prefiro ter um comportamento aberto para a pessoa se sentir bem.

Nas relações que nascem no interior do grupo os jovens adquirem as competências de identificação e autonomia fortalecendo os mecanismos de participação, ao mesmo tempo melhoram a comunicação entre os sujeitos. Esses processos integradores se constituem como elementos fundamentais na aproximação do sujeito com o novo grupo no qual deseja participar.

Desse modo, a importância do grupo para o jovem se projeta no presente, constituindo um repertório de novos desafios no momento em que o jovem ingressa em novos grupos, trazendo a bagagem das suas experiências pessoais, se propondo a constituir vínculos com os pares. De acordo com Pichon-Rivière (2005, p.77), “ definimos o vínculo como a estrutura complexa que inclui o sujeito e o objeto, sua interação, momentos de comunicação e aprendizagem.”

Seguindo os encaminhamentos de Schutz (1989, p. 104), “para que o grupo possa existir, deve definir-se como grupo. Os limites devem ser estipulados, de modo a deixar claro quem está dentro e quem está fora dele [...] Seja qual for a técnica, o grupo é formado por meio de um

procedimento específico que define a *inclusão* grupal”. O desejo de inclusão e o acolhimento no grupo atribui sentido a vida do jovem, integrando-o nas práticas comunicativas do agrupamento.

Poderemos compreender o encadeamento de vínculos entre os jovens no interior dos grupos na narrativa de um jovem participante da pesquisa:

Fui transferido para essa escola no mês de maio por que mudei de casa, no início falei para minha mãe que ia demorar para fazer amigos, mas quando cheguei aqui já fui conversando com as pessoas, tomei a iniciativa de me comunicar, não fiquei parado esperando, já fui falando que ia fazer os trabalhos no grupo deles, acho que é preciso saber se enturmar para não ficar de fora, encontrei colegas bem legais que até vão na minha casa.

Os agrupamentos sociais entre os jovens que se organizam em pequenas unidades tem como objetivo a segurança, a convivência, apresentando motivações pessoais como o reconhecimento de semelhanças, afetos e interações verbais. Nesse sentido, o processo de indiferença e exclusão ocasiona o afrouxamento do sentimento de identificação e a especificidade própria das experiências compartilhadas emocionalmente.

De acordo com Schutz (1989, p. 111), o grupo após resolver o seu problema de controle, passa a se desenvolver com base na afetividade entre os participantes. “Os indivíduos já estão formando um grupo. Diferenciaram-se no que se refere à responsabilidade e ao poder. Agora investigam a questão de se tornarem emocionalmente integrados.” Nesse processo, as manifestações de sentimentos aparecem como a formação de pares e definição dos melhores amigos, no outro polo as hostilidades e agressividades.

Na pesquisa constatamos sentimentos de desalento e manifestações de desânimos ocorridos diante de acontecimentos de exclusão, principalmente quando o jovem estava inserido no grupo de pares à mais tempo. Quando tratamos sobre o processo de exclusão no grupo obtivemos as seguintes respostas de acordo com o comentário de uma jovem:

No mês de março fiquei duas semana com o meu filho internado no SPA, ele estava com pneumonia, quando eu voltei para a escola, as minhas amigas estavam diferentes comigo, não falaram, não vieram conversar, não demonstravam mais interesse, nem mesmo perguntaram se meu filho já estava melhor, fiquei sozinha, me sentia muito triste, conversei com a minha mãe e ela disse que com o tempo iria ficar tudo bem, só quando foi preciso fazer um trabalho da escola que elas voltaram a se aproximar e passaram a falar comigo de novo.

Segundo Schutz (1989, p.105), “meu comportamento é determinado pelo modo como me sinto a respeito do que *significo* como pessoa”. Na dimensão das relações grupais, o modo de ser do jovem se exterioriza, revelando como o sujeito se situa no mundo, bem como são interiorizados os resultados das práticas sociais primárias e secundárias, marcados por processos psicossociais.

A percepção de si, dos valores e capacidades inerentes a cada sujeito conferem importância nas interações dos grupos adolescentes e jovens, pois o desencadeamento dos processos de exclusão poderá ganhar significados, encaminhando o jovem para o desenvolvimento de comportamentos marcados pela ansiedade, conforme o comentário do jovem: *sou sempre excluído por que não falo muito bem em público, tenho muitas dificuldades para me comunicar, fico nervoso, começo a gaguejar, fico sem jeito, por isso os meus colegas não gostam que eu apresente os trabalhos na sala, eles dizem que a minha comunicação é ruim, às vezes eu me acho excluído pelos colegas.*

As experiências dos jovens na coletividade fazem-se muito significativa para os sujeitos, pois possibilita espaços de aprendizagens e interatividades com o predomínio da agregação grupal. Essas relações e experiências se realizam a partir de uma tessitura social. Por isso, afirma Carrano (2003, p.16), “os jovens instituem lutas simbólicas por meio dos compromissos cotidianos que assumem com determinado processo de identificação coletiva, este devendo ser considerado como algo que existe no contexto de práticas permanentes e mutantes de definição das identidades coletivas.”

No desenvolvimento da pesquisa conferimos que a determinação do jovem para tomar a decisão de excluir um colega envolve um processo que perpassa o controle no interior do grupo, com o predomínio de comportamentos e disposição para influenciar os pares, com a intenção de excluir definitivamente da convivência o membro que provocou desentendimentos. Observamos essa situação a partir da narrativa de uma jovem:

Eu já excluí uma colega do meu grupo, quando eu pintei o meu cabelo de louro, essa tal colega perguntou por que eu tinha pintado o meu cabelo e eu respondi que a minha tia tinha pintado de louro platinado e eu tinha gostado, ela respondeu que se alguém pintasse lá embaixo eu também ia pintar, respirei fundo, olhei bem na cara dela, aí eu respondi que já estava pintado há muito tempo, só faltava fazer uma tatuagem naquele lugar, respondi que ela deveria se meter com a vida dela, fechei a cara, fiquei vários dias com raiva dela, não deixei mais ela participar dos trabalhos no meu grupo, contei tudo para as minhas amigas e ninguém mais fala com ela.

Diante do exposto, saber relacionar-se com os amigos, negociando o espaço de convivência para se inserir em um grupo, são tarefas que o jovem aprenderá a desempenhar, trabalhando o autocentrismo, o jovem se localiza no contexto relacional e busca abandonar o próprio narcisismo. Assim, nesse processo de transição o sujeito enfrenta momentos de angústia, insegurança e desconfiança, mas também amplia a percepção e compreensão de si, dos outros e do mundo.

3.2.3 O Processo de identificação e diferenciação no grupo juvenil

As relações interpessoais instauradas pelos jovens são impulsionadas por um conjunto de normas e comportamentos que orientam a abertura para comunicar sentimentos, aproximação do outro e expansão do afeto e confiança mútua. Segundo os jovens pesquisados, para se concretizar o envolvimento com o outro, inicialmente a convivência se organiza a partir da observação das características pessoais apresentadas pelos sujeitos como o respeito, a consideração, a solidariedade e o afeto.

No desenrolar da pesquisa ouvimos os jovens participantes narrarem como estabeleciam os laços de amizade, bem como utilizavam os sentimentos de empatia com os seus amigos na relação grupal. Na exposição das ideias de um jovem poderemos considerar:

Nas minhas relações com os meus amigos sempre procuro respeitar o ponto de vista deles, acredito que como cada um tem uma educação deve ser respeitado, até procuro compreender os sentimentos deles, a religião que escolheram, o jeito de ser da pessoa, as suas decisões pessoais, seus valores, não gosto de forçar ninguém a pensar como eu só por quer é meu amigo. Também respeito o pensamento das pessoas, mas sei defender o meu pensamento, como eles querem viver, o que querem fazer ou seguir é problema de cada um.

No período da juventude acontecem mais intensamente os processos de experimentação com os outros jovens, por isso o sujeito estabelece laços que se constroem e se consolidam na realidade prática da sua convivência em comunidade. Esses laços sociais passam a ter valor específico para o coletivo de jovens. A forma como o jovem se conduz no grupo geram significados que são resultantes das opções que faz na convivência.

Sendo assim, Zimerman (1997, p. 27) considera que “a essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato dele ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, identificações, valores, capacidades, mecanismos defensivos e, sobretudo, necessidades básicas, como a da dependência e a de ser reconhecido pelos outros, com os quais ele é compelido a conviver”. Nesse sentido, o mundo da intimidade e o exterior, o individual e o social se projetam como processos contínuos e entrelaçados.

Desse modo, na experimentação dos vários mecanismos de aprendizagem relacional o jovem observa o limite e o espaço da convivência com o outro, conforme poderemos observar no comentário do jovem: *tento aconselhar os meus amigos, procuro dialogar com eles, alertar nas suas decisões, mas não posso obriga-los a tomar nenhuma decisão, se eu vejo claramente que estão tomando uma decisão errada, procuro aconselhar, não se deve invadir a vida do outro, uso a minha experiência para conviver com os meus amigos.*

Para Schwertner (2012, p. 166), “relações de amizade são entendidas aqui como relações ambíguas, que afirmam e igualmente ameaçam um senso de identidade estável. Ao mesmo tempo em que proporcionam alívio ao desamparo, paralelamente levam o jovem a pensar as diferenças e confrontar-se com a alteridade, com o outro em sua diferença e estranheza.” No grupo as relações são marcadas pela simultaneidade entre a diversidade de sentimentos, confronto, competição e momentos de solidariedade e apreço mútuo.

Na convivência com o outro o jovem desenvolve valores pessoais e sociais que estruturam as suas escolhas, a relação com o outro passa a ser um espelho, descobrindo maneiras de se conduzir na relação, fazendo escolhas livres baseadas na afetividade e racionalidade. Ao mesmo tempo, o sujeito descobre que essas relações também tem as suas regras, como poderemos verificar no comentário de uma jovem:

Eu respeito à opinião dos meus amigos, o jeito de ser de cada um, mas quando é preciso eu sempre falo o que eu penso, mas procuro não ofender, não ferir para que o meu colega não fique triste, amigo de verdade deve alertar o outro, tem que abrir os olhos dos colegas, mas eu conheço os meus limites, sei o que posso dizer, sei quando não devo dizer, eu gosto de falar, mas também gosto de ouvir quando eles me aconselham, mesmo sabendo defender a minha ideia.

Nesse sentido, o jovem passa a perceber que no grupo de amigos para estabelecer intimidade é necessário ter compreensão do outro, expressando com honestidade sentimentos e informações pessoais, ao mesmo tempo estabelecer empatia com o outro. Segundo os relatos a

lealdade é considerada um dos princípios fundamentais para se vincular aos amigos. Desse modo, as interações surgem a partir das trocas, aceitação e conhecimento sobre o outro, pois a influência recíproca não se constitui em apenas um momento de agrupamento entre os sujeitos, mas são situações reais de troca e parceria que influenciam o estabelecimento de vínculos entre os jovens, conforme o relato de um jovem:

Vejo que o que acontece muito com as minhas amigas é “apaixonamento”, elas sempre me procuram para conversar, choram muito, ficam sofrendo na solidão, por isso eu tento aconselhar através do diálogo, não imponho o meu pensamentos, apenas converso para que elas façam a melhor escolha dos namorados, para que não sofram mais tarde, como eu gosto delas não quero que sejam enganadas por esses caras que não respeitam elas, falo pra elas que devem se valorizar mais.

Através das manifestações de respeito recíproco o jovem passa a construir interiormente a sua própria concepção de mundo, há um estímulo quanto ao desenvolvimento do sentido de alteridade, o sujeito organiza as relações com os amigos coordenando as suas opiniões, diferenciando o seu ponto de vista em relação à perspectiva do outro. Poderemos observar esses aspectos na narrativa de um jovem:

Quando meus amigos chegam com pensamentos ruins eu sempre converso, procuro aconselhar, por exemplo, tenho um amigo que terminou o namoro com uma menina, disse pra mim que queria se matar, disse que preferia morrer, procurei conversar sobre os sentimentos dele para ajudar, para proteger ele, fiz ele refletir que aquilo estava errado, que aquilo ia passar, hoje ele até me agradece, disse que foi muito importante eu ter mostrado pra ele que estava errado, às vezes precisamos de alguém que mostre que não estamos fazendo a coisa certa.

A percepção que temos é que as afinidades entre os jovens são movidas pela identificação com o outro, abrindo os canais da solidariedade, colaboração, respeito e amizade que os sujeitos transmitem entre si, oportunizando o crescimento interior de cada sujeito. No espaço relacional a aprendizagem e a maturidade ocorrem a partir da confiança entre os jovens independentemente dos amigos apresentarem maneiras de ser diferentes. Essa aproximação dos diferentes se configura como características essenciais na ligação com os amigos e no desenrolar da convivência, pois o sujeito aperfeiçoa a sua capacidade de análise, avaliação e julgamento dos processos relacionais em um intercâmbio constante de aprendizagens.

3.2.4. Conversas de corredor: intrigas e fofocas no grupo de pares

Um fator que nos chamou à atenção nos encaminhamentos da investigação diz respeito aos problemas entre os pares que ocorrem a partir do desencadeamento de situações de fofocas. Segundo os sujeitos, comentários diversos costumam ser inventados visando manchar a credibilidade do jovem. No caso dos sujeitos participantes da investigação foram narrados diversos acontecimentos que objetivavam abalar a reputação dos envolvidos na problemática. Em muitos casos, a maledicência produziu nos jovens sentimentos de baixa autoestima, constrangimento e revolta.

A partir da análise de Brito (2002, p. 141) “ [...] a fofoca e a vigilância não se restringem ao ‘fala e fazer por trás’. Ela também se dá na imediaticidade das relações, envolvendo relacionamentos conflituosos, discussões, desacatos [...]”. Esses acontecimentos também são seguidos por contendas físicas, colocando em xeque a vida privada do sujeito alvo da maledicência, bem como atrai um público interessado na veiculação de intrigas entre os pares.

De certo modo, observamos que o jovem para administrar as suas inseguranças e frustrações costuma fazer comentários depreciativos sobre os outros, tecendo opiniões e especulações da vida alheia. As reações dos envolvidos apresentam efeitos que repercutem no espaço das relações, como poderemos observar na narrativa de uma jovem:

Tenho colegas aqui da sala que já falou mal de mim para várias pessoas aqui da escola, por causa de uma roupa que eu estava usando, dizendo que eu estava feia, que a minha roupa estava fora de moda, que eu não sabia me vestir, não sabia mais me maquiar, por que eu tinha virado mãe não sabia mais me cuidar, estava parecendo uma velha, que meu marido não me dava dinheiro pra comprar roupa, que eu parecia uma mendiga, na hora eu fiquei chateada com essa pessoa, fui falar com ela, depois pediu desculpas.

Para Viana (2001, p. 17), “as pressões para uniformização são mais intensas num grupo por causa do valor atribuído ao grupo: os membros aceitam essas pressões porque os padrões são importantes para o grupo e porque desejam a sua aceitação pelo grupo”. Ser aceito pelo grupo é um dos desejos do jovem, evitando a rejeição não precisam lidar com as dificuldades de integração ao grupo.

De acordo com Souza e Hutz (2008), quando os jovens são reconhecidos e se integram ao grupo, podem desenvolver maior senso de liberdade e autonomia na dinâmica grupal, pensam e fazem escolhas com base na sua percepção da vida cotidiana. No interior do grupo participam

na troca de experiências, acompanhando as mudanças e alterações que podem surgir na convivência. “[...] amizade está sujeita a constantes mudanças, especialmente por alterações não apenas em aspectos individuais ou em sua interação (aspectos diádicos), mas também por aquelas ocorridas à medida que se apresentam diferentes configurações situacionais ou ambientais”.

Diante desse contexto, percebi na pesquisa que quando o jovem adota uma postura que expressa um comportamento neutralizante, passa a imobilizar as más intenções dos colegas, privando-os de alimentar o ciclo de fofocas, sendo que isso costuma ser uma das estratégias utilizada pelos sujeitos para conviver com os difamadores, conforme poderemos perceber no comportamento de um jovem:

Na rua da minha casa, me chamam de galeroso por que eu uso boné, brinco, tenho tatuagem, a sociedade vê meu estilo de vestir como de galeroso, alguns colegas da escola falam mal, falam que eu me acho muito, que sou marrento por causa das roupas que eu uso, mas eu sei que não sou nada disso, não me preocupo com esses comentários, se eles sentem inveja é problema deles, acho que é porque não podem comprar roupas iguais as minhas.

Seguindo o percurso da pesquisa, no caso das jovens pesquisadas as intrigas giram entorno das situações envolvendo os namorados ou quando as meninas estão interessadas no mesmo jovem. O uso equivocado das palavras desencadeia situação de conflito entre as amigas, seguidas de desrespeito pessoal de acordo com o relato de uma jovem:

As minhas amigas falam mal de mim com relação ao meu namorado, porque a gente briga muito, ele é muito ciumento e eu também sou, é um relacionamento muito conturbado, ficam comentando por trás e pela frente, falam que depois que comecei a namorar eu só fico conversando com ele, que na hora da merenda eu fico só com o meu namorado, não fico mais com os meus amigos, elas me detonam pra todo mundo por isso.

Nesse sentido, verificamos que o comportamento leviano dos jovens que difamam um colega é um fator problemático, pois invade a autoestima do sujeito, rompendo com o respeito e a consideração entre os pares. Percebemos na narrativa dos jovens que a intenção é sempre ridicularizar o outro, provocando burburinhos e murmúrios nos corredores e salas da escola. Na grande maioria das vezes o sujeito precisa tomar uma atitude firme ou então ficará acuado diante da situação, conforme poderemos observar no comentário do jovem:

Tem colega da minha sala que já falou mal de mim, porque saio com um primo meu que é homossexual, algumas pessoas da minha sala faziam comentários me difamando aqui na escola, dizendo que meu primo era na verdade o meu namorado, que eu era parceiro

dele, que eu estava escondendo a verdade de todo mundo, já ouvi muita coisa ruim sobre a minha amizade com o meu primo, até que um dia desses parti pra cima do fofoqueiro, disse pra ele provar se não ele ia se dá mal, que iria acertar as contas com ele, ele ficou sem ação e parou de espalhar mentiras, prefiro resolver logo pra acabar com a fofoca, se a gente ficar com medo é pior.

O enfrentamento de ofensas e injúrias comentadas abertamente é outro comportamento observado pelos jovens, o sujeito passa a ser desonrado mesmo quando está presente, sendo exposto e atacado agressivamente para que os demais colegas tomem conhecimento do motivo que ocasionou a situação. Uma jovem comentou que sofreu esse problema, que ela classificou de violência, pois a outra colega incluiu no repertório vários xingamentos e palavrões de acordo com a narrativa da jovem:

Discuti feio com uma colega que falou mal de mim, íamos fazer um trabalho do projeto de Geografia da nossa sala, como sou a representante juntei a cota de dinheiro pra fazer uma maquete para apresentar na exposição de Geografia, depois que juntei todo o dinheiro uma colega me ofendeu dizendo que eu estava gastando o dinheiro comigo, ficava em rodinha falando mal de mim, que eu estava roubando o dinheiro, ficou fazendo comentários que eu ia comprar coisas pra mim com esse dinheiro, ai nos discutimos muito feio, quase que eu bati nela, a professora viu tudo e chamou a gente para conversar, eu disse como foi usado o dinheiro e esclarecemos tudo, hoje ela esta no canto dela e eu no meu.

De acordo com Pichon-Rivière (2005, p. 173) “Os agrupamentos sociais organizam-se em unidades com o objetivo de adquirir maior segurança e produtividade, surgindo em seu interior à possibilidade de estudar a rede de comunicações, ou seja, os vínculos inter-humanos que tornam possível a convivência e a tarefa em comum.” Um grupo tem sua estrutura, segue mecanismos de funcionamento com a definição de papéis que retrata e representa comportamentos sociais e situações do agir na malha de interatividade.

3.2.5 A família como espaço central de relações

A formação do autoconceito é resultado da percepção que o sujeito constrói a respeito de si, envolvendo elementos como preferências pessoais e características da educação recebida na família. Assim sendo, o sujeito necessita desenvolver um espaço de convivência sólido com base nas relações familiares em função desta se concretizar como o primeiro ambiente da estruturação do eu, pois criamos uma imagem nossa da mesma maneira que criamos um retrato de outras pessoas.

No decorrer de nossa discussão, Tomé (2010, p. 755), identifica que “A facilidade de comunicação com os pais e com os pares reflete também um relacionamento positivo com ambos e é evidente que uma boa relação com os amigos e com os pais parece ser o maior fator de proteção no envolvimento em comportamentos de risco.” A convivência estabelecida a partir de atitudes positivas com a família, contribui com o jovem evitando comportamento antissocial, atitudes agressivas e condutas ilícitas. Nesse sentido, podemos observar o comentário do jovem participante da pesquisa:

Ainda moro com os meus pais e atualmente na nossa casa só moram eu, meu pai e minha mãe, meus outros irmãos que são casados moram com suas famílias. É um relacionamento muito bom, apesar dos problemas que toda família tem, mas somos alegres, sempre ajudo a minha mãe nas tarefas da casa, lavo louça, varro a casa, faço a comida, me dou muito bem com meu pai, ele sempre me dá conselhos, sou muito apegado com ele, quando estou errado ele me aconselha e me orienta, a minha família é muito importante para mim.

Nesse sentido, Brito (2002), refere-se objetivamente sobre a rede de significados apresentadas pelo grupo familiar e o papel atribuído à família nos mecanismos de socialização do jovem. Se a família mantém influência favorável sobre o sujeito, mesmo que ocorra a interferência das condições concretas da vida, percorrendo caminhos positivos ou negativos, no processo de amadurecimento o jovem alcança no convívio familiar condições que configuram a sua identidade.

Todavia, os mecanismos e a importância da família na socialização dos sujeitos em formação sofrem variação, condicionados tanto pelas condições de vida familiares e pelos processos sociais em que se inserem quanto pelos processos próprios do sujeito em suas fases de desenvolvimento, na infância e na adolescência. Se na “socialização primária” verifica-se o predomínio da família sobre a criança, na adolescência os indivíduos estabelecem novas formas de relacionamentos e associações sociais e intersubjetivas, na busca de configuração de sua identidade, estando suscetíveis às influências ambientais tanto construtivas como destrutivas. (BRITO, 2002, p. 144)

Poderemos considerar que “a família adquire essa significação dinâmica para a humanidade porque, mediante seu funcionamento, fornece o quadro adequado à definição e conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papéis distintivos”. Sendo assim, na dinâmica da família com representação de papéis diversos, os seus membros estruturam os vínculos de pai, mãe, filhos, estabelecendo as relações entre os irmãos, elaboram os papéis que se mostram nas diversas culturas. De acordo com Pichon-Rivière (2005),

A família só pode funcionar mediante as diferenças individuais que existem entre seus membros, as quais lhes atribuem os três papéis, intimamente relacionados, de pai, mãe e filho. Se essas diferenças são negadas ou negligenciadas, ainda que isso ocorra por parte de um só membro do grupo, modifica-se a configuração essencial que condiciona a vida normal, criando-se um estado de confusão e de caos. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, 64)

Desse modo, os primeiros valores que os sujeitos conhecem para as práticas sócias surgem no ambiente familiar com as primeiras lições e ensinamentos das regras de convivência, códigos sociais e princípios educativos. O processo de socialização na família no âmbito da parentela oportuniza a elaboração da identidade, nessas relações com os familiares o sujeito principia as suas primeiras impressões sobre o mundo. Porém, nem sempre essas relações com os familiares ocorrem de maneira tranquila para os jovens, sendo marcadas por conflitos, principalmente quando o sujeito se encontra na condição de agregado de algum parente, limitando a convivência familiar, como percebemos na narrativa de uma jovem:

Eu morava no Pará, vim morar em Manaus com a minha irmã por que precisava trabalhar, mas não me dou bem com o marido dela, pretendo sair da casa deles e morar só, eu moro com eles há três anos, quero morar sozinha por quer o meu cunhado não gosta de mim, ele não me respeita e vive me chamando de vagabunda, ele não gosta que eu ande na casa deles, separou um banheiro para eu usar que fica fora da casa, só para não se encontrar comigo, pra eu não entrar na sala, no quarto deles, só uso a cozinha. O meu relacionamento na casa deles é ruim por causa da convivência com o meu cunhado, com a minha irmã e o meu sobrinho é bom, eu gosto muito deles [...].

No centro das discussões com os jovens, surgiram nos debates as atribuições de responsabilidades e cumprimento de obrigações no grupo familiar. Segundo os sujeitos nas suas famílias cada um tem um papel na rotina diária com a divisão de tarefas no espaço doméstico. Também disseram que não podiam ficar esperando que tudo fosse realizado pela mãe, pai ou avós, sendo que na maioria das vezes ficavam sozinhos em casa devido ao fato dos familiares precisarem trabalhar para manter o grupo familiar.

Diante desse quadro, é oportuno observar na narrativa dos jovens quando informam que os pais ou responsáveis apesar de não serem mais tão autoritários, sempre procuram manter a autoridade e o controle na família. Os sujeitos informaram que alguns familiares eram até mais tolerantes quanto ao desempenho de tarefas diárias considerando que alguns jovens estudavam e trabalhavam, mas em sua maioria os sujeitos procuravam participar cumprindo determinados deveres previamente definidos pelos adultos para evitar desentendimentos entre seus membros.

Nesse sentido, é interessante observar a narrativa do jovem que citou que atualmente é o responsável por colaborar financeiramente com a manutenção das despesas do seu lar, pois os seus pais estão separados e sua mãe se encontra desempregada:

Moro com minha mãe, tenho um irmão que vive com meu pai. Eu e a minha mãe somos muito amigos, nós sempre nos ajudamos. Nossa relação de mãe e filho ficou mais forte, pois antigamente meu pai privava minha mãe até mesmo de estudar, tanto que ela só possui o ensino médio completo e alguns cursos técnicos. Meu relacionamento com meu pai não é bom, ele é muito ausente, tem outra família. Pago algumas despesas em casa com a bolsa do projeto que eu participo e com a bolsa de estágio, também faço comida, limpo a casa. A minha mãe conhece todos os meus amigos de perto de casa, ela gosta de todos, mas eu só levo pessoas de confiança, não levo qualquer pessoa em minha casa. Respeito os conselho basicamente de todos os meus familiares, menos do meu pai, pois não o considero como um exemplo bom a ser seguido. A minha família é muito importante para mim, tem uma importância muito grande, por exemplo, quando eu era pequeno, minha mãe me levava pra escola, teve uma época que a ponte quebrou e ela me carregava nas costas pra atravessar o igarapé, nunca me deixou sem estudar, nunca vou esquecer disso, ela é um exemplo pra mim.

Segundo alguns estudos, quando o relacionamento familiar é bem estruturado o jovem elabora melhor a sua autoestima, desenvolvendo mecanismos de proteção contra o uso de entorpecentes e envolvimento com a violência. Mesmo no processo de convivência no grupo de amigos, o jovem mantém como suporte emocional e referência social os ensinamentos dos familiares. Assim poderemos observar na narrativa de uma jovem:

Eu sou casada, moro no terreno da casa da minha mãe, a minha mãe me deu parte do terreno dela e fiz a minha casa. Na casa da minha mãe ela vive com os meus irmãos e meu padrasto. Como já tenho a minha casa vivo com o meu marido e meu filho. O meu marido tem 26 anos, apesar de sermos jovens, já temos uma vida tranquila, cuido da casa e do meu filho, lembro como a minha mãe me criou. Também o meu marido se da bem com os meus irmãos, minha mãe e meu padrasto, Vivemos bem na nossa família. Também ajudo a minha mãe nas tarefas de casa, pinto o cabelo dela, faço a unha dela. Como antes eu trabalhava no salão aprendi muitas coisas, cuido bem da minha mãe, para ela ficar bem arrumada.

Na perspectiva dos jovens participantes da pesquisa ter uma base sólida no lar é fundamental para ajudar no desenvolvimento da disciplina, poder estudar sem maiores preocupações, saber que podem voltar para casa e encontrar os pais. Os sujeitos citaram em primeiro lugar que o amor na família é o principal sentimento, com o respeito e limites para que evitem incorrer em problemas e conflitos no ambiente externo.

Segundo a informação de um jovem, o fato da sua vida familiar ser muito conturbada e as relações instáveis, fez com que se envolvesse em vários conflitos nas ruas, bem como não conseguiu se estruturar emocionalmente para construir a sua própria família. Citou que o relacionamento familiar era marcado por brigas e confusões diárias:

Hoje em dia vivo com meus pais, mas antigamente sai de casa por brigas dos meus pais. Nessa época eu estava trabalhando e aluguei um quarto, acabei conhecendo minha namorada e tivemos uma filha. Me separei da minha mulher por traição da parte dela, acabei descobrindo. O relacionamento na casa dos meus pais melhorou um pouco agora, diminuíram as brigas em casa, por isso voltei a morar com os meus pais, somos mais unidos agora. Sempre ajudo em casa, lavo minhas roupas, lavo a louça, procuro ajudar de alguma forma, não quero ser um peso para eles.

Percebemos no decorrer da pesquisa que a família é para o jovem o lócus da experiência, o lugar mais importante dentro do espaço das suas relações com o maior potencial de ancoragem para o sujeito, sendo fundamental para o desenvolvimento dos jovens. A lacuna deixada pela ausência da família ocasiona profundas implicações para os sujeitos repercutindo nas estruturas emocionais e cognitivas. Sentimentos de segurança, afeto, respeito, proteção são significativos na vida do jovem conforme o relato do participante:

Eu moro com minha avó, chamo ela de mãe, por que desde recém-nascido ela me criou e me batizou, me protegeu, me registrou no nome dela e do meu avô, considero que temos um relacionamento ótimo, ajudo a minha avó em tudo pelo fato da minha avó já ter certa idade, tem 64 anos, ter algumas doenças. Basicamente tudo que uma dona de casa faz na sua casa eu também faço, faço o almoço, limpo a casa e todas as atividades necessárias, sei que a convivência com a minha avó é muito importante para que eu seja uma pessoa sempre melhor.

Assim sendo, Pichon- Rivière (2005, p. 78), identifica que “um grupo familiar que possui uma boa rede de comunicação, que se desenvolve eficazmente em sua tarefa, e um grupo *operativo*, no qual cada membro tem um papel específico atribuído, porém com um grau de plasticidade tal que lhe permite assumir outros papéis funcionais.” Seguindo essa capacidade de assumir papéis o “potencial de substituição na emergência”, constitui um fator a ser observado nas diretrizes do grupo familiar. Esse mecanismo configura-se como um processo de aprendizagem da realidade, tarefa fundamental a ser desenvolvida pelo grupo familiar na educação dos sujeitos.

3.2.6 O compromisso e o ficar casual: a sexualidade dos jovens

A sexualidade humana é uma produção histórica e social, decorrente de elementos culturais, que passam a ser internalizados pelos sujeitos. Levando-se em consideração os contextos nos quais os participantes da pesquisa estão inseridos, a vivência da sexualidade incorporam os significados identitários de cada jovem, traduzindo as relações no espaço da educação familiar, na dimensão da religiosidade e das experiências pessoais no cotidiano.

Para Abramovay (2004, p.29), a “Sexualidade é conceito em disputa, historicamente, e a depender do autor, do olhar informado, da área de conhecimento, dos atores em suas vivências e ideários toma acentos particulares quanto a referência ao sexo o que se confunde com distintos construtos de vida. [...] ‘uma das primeiras formas de classificação no mundo social diz respeito ao sexo das pessoas.’” O campo da sexualidade é terreno de confronto e embates em função dos atributos que definem as suas características entre a reprodução e o prazer, revelados no decorrer do processo histórico, encerrando em seu conceito a dimensão da própria vida dos sujeitos.

A palavra sexo, contudo, pode ter vários sentidos superpostos: ela pode designar o formato físico dos corpos – macho ou fêmeas da espécie –, mas também a atividade sexual’. A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. (ABRAMOVAY, 2004, p. 29)

Considerando a sexualidade a capacidade de tomar para si as responsabilidades das suas escolhas, poderemos observar a dimensão da corporeidade nas experiências do jovem com relação ao seu corpo, conforme a narrativa de uma jovem: *eu tenho um namorado, mas não gosto quando ele me toca porque lembro do abuso que sofri do meu vizinho quando era criança, não gosto de intimidade física, sempre nesses momentos que estou com meu namorado me lembro do que aconteceu comigo.*

A sexualidade ainda é percebida na sua dimensão e relação com a reprodução, sendo ainda pouco discutida com o jovem na abordagem da expressão da criatividade humana, bem

como na consideração e respeito pelo outro, na construção do afeto enquanto um dos princípios que deve ser assumido pelos sujeitos. As narrativas das experiências dos sujeitos participantes da investigação dimensionam a maneira como a jovem percebe o exercício da sua sexualidade: *tenho 17 anos e estou grávida do meu primeiro filho, às vezes falava pro meu namorado usar camisinha, às vezes meu namorado não queria, ai eu fiquei grávida, não sei se era a hora certa, sei que sou muito jovem mais vou saber cuidar do meu filho, eu e o meu marido estamos morando na casa da minha mãe.*

Para Abramovay (2004, p. 69), a “cultura delimita alguns percursos identitários para diferentes grupos. E o jovem, gregário por definição, encontra e constrói novos papéis por meio da socialização com seus pares, exercendo, pela sexualidade, uma forma preponderante de sociabilidade e de construção da identidade.” A identidade vai se elaborando e redefinindo em processos dinâmicos em vários encontros com o outro, mediante a confrontação e negociação de sentimentos e valores do eu e do outro.

De acordo com Abramovay (2004, p. 84), “a sexualidade circula numa dimensão onde pode ser construída e explicitada a passividade/subjugação feminina e exerce um poder ao moldar vontades, desejos, projetos e vidas para uma lógica da “domesticação” dos corpos”. A submissão que percebemos no comportamento de algumas participantes da pesquisa se apresenta como um dos reflexos da estrutura social com o predomínio das decisões sobre o uso do preservativo ser uma decisão do parceiro.

É importante compreender, através de Brito (2002, p. 167), que “Apesar da propalada liberação e flexibilização dos códigos morais, a sexualidade do adolescente ainda está imersa em confusões e desconhecimentos, cujas consequências são visíveis mais na forma de hiperexposição corporal dos sujeitos do que num entendimento sócio-psicológico acerca do significado do sexo para as suas vidas”. As representações sociais sobre o corpo e a sexualidade com a mediação do corpo como produto sexual, condicionam a conduta dos sujeitos jovens, sendo influenciados por práticas sexuais baseadas na liberalidade.

Segundo a narrativa de uma jovem, há uma grande preocupação da sua família quanto ao momento em que deverá iniciar a sua vida sexual, pois o fato dos familiares serem evangélicos sempre procuram interferir na escolha do namorado, bem como essa decisão não é de exclusividade da jovem, pois há uma grande pressão dos pais para a preservação da virgindade, conforme poderemos observar na sua narrativa:

Eu tenho 18 anos, mas nunca namorei, a minha família não permite, também por causa da nossa religião, meus pais dizem que só irei namorar com quem eu me casar, já conversei com os meus pais sobre isso, até apresentei um rapaz da igreja para eles, mas eles dizem que só quando eu for mais velha, precisarei pedir autorização deles. Eles dizem pra eu pensar no meu futuro e que devo me importar só com os meus estudos, se eu me envolver com namoro pode atrapalhar nos meus estudos, uma vez contei para a minha amiga e ela me disse que não era mais virgem, ela achava que as pessoas não se importavam mais com essas coisas.

Na entrevista com os jovens percebemos que ocorre uma grande interferência dos amigos nas maneiras como o jovem se relaciona afetivamente, sendo que o tema da sexualidade é um dos maiores interesses dos sujeitos pesquisados. No diálogo os jovens informaram que sempre escolhiam os melhores amigos para contar as suas experiências, bem como para dirimir as suas dúvidas sobre o ficar, o namoro, as relações sexuais, conforme a narrativa de um jovem: *antes os meus colegas diziam que eu era besta por quer eu tinha uma namorada, falavam pra eu ficar com várias meninas ao mesmo tempo, eles diziam que quando a gente fica não cria compromisso de encontrar todo dia, não precisa ser fiel, fiz isso uma vez e não gostei prefiro ter uma namorada só, acho que pode dá confusão, gosto mais de me relacionar assim.*

Segundo Abramovay (2004, p. 88), no *ficar* o jovem descontrói os parâmetros mais rígidos que vinculam os sujeitos quando estão namorando, contudo indica a relação afetiva e sexual. “Neste sentido, o *ficar* aparece como uma forma alternativa ao namorar, cujos aspectos mais enfatizados por rapazes e moças, dizem respeito ao relaxamento dos acordos mais complexos, pertinentes às relações estáveis.”

Diante disso, percebemos no decorrer do diálogo como os jovens apresentam uma visão estereotipada em que definem o valor das mulheres a partir do comportamento sexual, diferentemente dos conceitos atribuídos aos homens, pois segundo os sujeitos o caráter é determinado avaliando-se os relacionamentos e parcerias que as jovens estabelecem como poderemos observar na narrativa de um jovem:

Acho que quando as meninas andam com todo mundo os meninos não dão valor, quando a mulher é muito fácil os homens não respeitam, ficar transando com um e outro mostra que a menina não quer ser respeitada, logo todos vão ficar falando dela, vai até parar nas redes sociais, já vi um caso desses que todos ficam falando da menina, chamam logo de periguete, galinha, mas ninguém liga para o que os caras fazem, as meninas também falam mal dessas garotas, não querem andar com elas, acho que essas

meninas precisam a prender a se preservar mais, não precisa ficar pegando um, saindo com outro, é melhor ter mais cuidado também.

De acordo com Valle (2010, p.19), “as classificações culturais fundamentam os dispositivos, as obrigações sociais de cada sexo e também uma série de proibições que asseguram a manutenção da dicotomia entre masculino e feminino”. Assim sendo, os sujeitos estabelecem o processo de exclusão e limites a partir do gênero, pois no corpo se operam os “dispositivos sociais”. A dominação é exercida na esfera da sexualidade, nas relações sociais e participação políticas, os mecanismos de dominação na relação entre os gêneros desequilibra a produção de conhecimento sobre a sexualidade dos sujeitos com repercussão na dimensão relacional.

3.2.7 O trabalho como dimensão relacional

O trabalho é uma das maiores preocupações dos jovens pesquisados, ocupando um lugar central na concretude de suas experiências identitárias. Os jovens informaram que como estão finalizando o ensino médio gostariam de iniciar a vida profissional logo para terem condição de prover as suas despesas e ajudar a família, dizem que não gostam de serem considerados um peso para os familiares, conforme o comentário de uma jovem:

Trabalho há dois anos na loja XX do Amazonas Shopping, ninguém da minha família me pressionou pra procurar um trabalho, a vontade de trabalhar partiu de mim, eu sempre quis ser independente, poder comprar e pagar as minhas coisas. Ajudo a minha família, entrego uma parte do meu salário para pagar as despesas de casa, ajudo a pagar a escola do meu sobrinho. Gasto o meu dinheiro de maneira bem planejada, quando recebo o meu salário já separo tudo que eu vou pagar, as minhas despesas são organizadas. O meu trabalho não tem só a importância de me sustentar, é uma terapia, quando eu atendo bem os meus clientes eu me sinto bem, às vezes eu chego triste no meu trabalho e saio muito alegre, também fiz muitos amigos lá na loja.

Segundo a narrativa de um jovem adquirir experiência profissional foi muito fundamental, pois ajudou a organizar a sua vida pessoal, atribuindo importância na organização e dimensão do seu tempo livre. A inserção profissional do jovem constituiu uma nova dimensão nas práticas sociais desempenhadas coletivamente:

Eu ficava o dia todo em casa sem fazer nada, era um tédio, fui então procurar um estágio e agora estou trabalho como estagiário da área administrava na empresa XX,

trabalho das 8:00 às 12:00. É um trabalho que me fez crescer muito profissionalmente, na minha família os meus parentes passaram a me respeitar mais, me tratam bem melhor. Tive iniciativa para procurar o meu primeiro emprego por quer gosto de ter as minhas coisas, minha família me apoiou bastante, eu queria ter experiência e crescer profissionalmente. Eu ajudo a pagar algumas despesas de casa, guardo um dinheiro para mim e dou uma parte para a minha mãe. Administro bem meu dinheiro, para mim o mais importante não é só o dinheiro, mas sim adquirir experiência, crescer profissionalmente e amadurecer.

A produção da existência dos sujeitos mediante o trabalho é uma das experiências mais importantes para os jovens na transição para a vida adulta. A partir do trabalho os jovens estabelecem um processo de identificação dentro de uma categoria social, criando as estruturas de integração nas experiências relacionais, conforme verificamos na narrativa de uma jovem:

Trabalho de baba de 5 a 6 feira, cuido de um menino de 6 anos, levo ele para a escola, ganho um salário mínimo. Sábado e domingo trabalho em um restaurante. Também trabalho no restaurante no feriado. Apesar de não ser um trabalho fixo no restaurante eu gosto de trabalhar lá e como babá também. Eu procurei trabalho por mim mesma. Como na minha cidade não tem emprego eu prefiro ficar aqui em Manaus porque ainda consigo trabalhar. Com o meu salário ajudo o que precisar em casa, nas coisas para os meus irmãos e para a minha mãe. Para mim o trabalho é uma ótima experiência para aprender, também é bom para ganhar o próprio dinheiro, não ficar dependendo dos pais.

De acordo com Dayrell (2010, p. 69), “para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”.

As possibilidades de conquistar um trabalho estável reflete como condição juvenil a possibilidade dos sujeitos proverem a sua própria existência. Os jovens vão de um pequeno trabalho ao outro sem alcançarem as garantias mínimas do atendimento dos seus direitos enquanto jovens trabalhadores, como poderemos observar na narrativa de um jovem:

No momento estou fazendo bico como ajudante de pedreiro, não tenho carteira assinada. A partir dos 14 anos meus pais diziam que pra eu ter as coisas, como celular bom, tênis de marca, eu deveria trabalhar, tinha que me virar. Guardo dinheiro pra minha alimentação, pra poder ir pra escola. O dinheiro que sobra eu vou no shopping, compro sandálias, bermudas, boné, tento organizar meu dinheiro. Na sociedade que vivemos hoje o trabalho é muito importante, pois sem trabalhar não temos dinheiro e sem dinheiro não conseguimos nos manter.

A partir de Dayrell (2010, p. 119), poderemos considerar que “a obrigação de trabalhar desde cedo ocasiona relações descontínuas e acidentadas dos jovens com a escola, promovendo

uma drástica defasagem idade-série/etapa escolar.” Segundo o autor a necessidade dos jovens de obter um trabalho para suprir as suas necessidades pessoais e colaborar com a renda familiar, muitas vezes poderão obstaculizar a permanência dos jovens de 15 a 17 anos na escola do ensino médio, alguns precisam fazer a passagem da escola para o mundo do trabalho sem terem finalizado o período escolar, configurando-se em uma problemática a ser enfrentada pelos jovens.

O diálogo com os jovens confirma a centralidade da categoria trabalho para os jovens, através do trabalho os jovens estruturam a sua condição juvenil. Segundo Sposito (1992) “o trabalho faz a juventude”, apesar de que precisamos considerar as maneiras e atitudes diversas com que os jovens se relacionam com o trabalho. Na pesquisa se revela o desejo dos jovens em conseguir ter acesso a bens, produtos e serviços a partir da relação com o próprio trabalho.

3.3. Categoria 3 - Lazer, interatividade, mídia e consumo

Nessa categoria descrevemos as relações dos jovens a partir das suas experiências com o lazer e entretenimento, os relacionamentos que estabelecem com a mídia e a sociedade de consumo, bem como a apropriação dos jovens do espaço do bairro a partir da circulação dos sujeitos nas ruas, praças, quadras de esporte, vizinhanças e a percepção que elabora da utilização do território dentro da cidade com o consumo dos bens culturais que marcam a sua identidade e condição juvenil.

3.3.1 A movimentação dos jovens no espaço urbano: o entretenimento na cidade

Para os jovens pesquisados as condições para a sua socialização passam pela oportunidade de utilização do tempo livre para a prática de esporte, lazer e entretenimento cultural na cidade de Manaus, sendo que os sujeitos atribuem a esses elementos a referência de bem estar e qualidade de vida. Sendo assim, situam nesse panorama as condições materiais do uso de equipamentos culturais públicos ou privados que viabilizem as oportunidades para desfrutarem situações de prática desportiva e atividades de entretenimento.

Na conversa com os jovens sobre a valorização da prática desportiva, os sujeitos registraram que consideravam o esporte como fundamental para a sua condição juvenil,

acreditando que incorporar essas práticas na dinâmica de suas vidas de jovens impediria o envolvimento com problemas como utilização de fumo e bebida alcóolica. Os sujeitos citaram que gostariam de ter mais oportunidades para desenvolver atividades de jogos e atividades físicas, pois acreditam que *“através do esporte as pessoas podem melhorar em vários aspectos dentre eles a saúde física e mental, com benefícios do condicionamento físico, melhorando a disciplina, como forma de proteção da vida”*.

Jogo futebol, eu faço parte do time de Manaus, nos reunimos para jogar no Clube dos Sargentos, treinamos e competimos contra outros times, quando dá tempo jogo vôlei na escola com meus amigos e aos sábados na nossa rua, acho que praticando esporte podemos ter mais saúde, no meu caso controlo melhor o meu peso. Quando eu era criança tinha asma e a minha mãe me colocou na natação e melhorei, acho que o esporte é vida.

Nos estudos apresentados por diversos pesquisadores, à prática de esportes na juventude auxilia o jovem no controle das situações que causam ansiedade com a diminuição de fatores de estress, bem como o desenvolvimento das habilidades de socialização, ampliação do relacionamento com os outros sujeitos, organização das competências cognitivas, aprimoram-se com a prática sistemática de atividades esportivas. Na narrativa de uma jovem verificamos o desenvolvimento de atividades esportivas como prática socializadora: *gosto de jogar vôlei e queimada com os meus amigos, a gente sempre reúne para jogar no final de semana, nesses momentos a gente costuma relaxar mais, esquecemos um pouco os problema, quando a gente não pode jogar eu sinto falta.*

São diversos os benefícios do esporte na juventude com resultados que vão muito além dos fatores de contribuição no campo físico, como a convivência no grupo juvenil, sentimento de pertencimento, circulação em outros espaços da cidade, ampliação do grupo de relações. Segundo o jovem entrevistado o que mais gosta ao praticar esporte é poder encontrar os amigos, aprender a trabalhar em equipe, conforme a observação apresentada por um jovem: *ando de Skate com os meus amigos na Ponta Negra, Parque dos Bilhares, eu gosto muito, é uma sensação de liberdade, fora que dá pra encontrar com os amigos, fazer novos amigos, andar todo mundo junto é muito legal, um ajuda o outro ensinando novas manobras, a gente brinca, se diverti e relaxa dos problemas, esquece as tristezas.*

Desse modo, a prática desportiva tem um valor fundamental para os jovens pesquisados enquanto facilitador das relações, auxiliando nas associações em novos grupos juvenis, bem como no desenvolvimento dos aspectos fundamentais para o amadurecimento, organização emocional e equilíbrio psíquico. Segundo os jovens informaram quando praticavam esportes percebiam maiores possibilidades de manter o equilíbrio e o controle emocional. Um dos aspectos ressaltados é que se sentiam incluídos quando participavam em esportes coletivos como vôlei, futebol, queimada, bem como quando andavam em grupos de skate, patins e bicicleta.

A relação entre lazer integrado às artes configura-se como uma das formas de educação não formal. A vinculação entre prática do lazer e cultura é significativa para a construção da identidade dos jovens, conforme observamos na narrativa: *gosto muito de ter tempo para o lazer, me sinto bem fazendo uma coisa que eu goste, já fui o líder de um grupo de dança, e fui guitarrista de uma banda, aprendi a tocar guitarra pela internet, agora toco guitarra com os meus amigos nos finais de semana, a gente sempre se encontra para tocar as músicas que a turma curte.*

Outrossim, o lazer a partir de um encadeamento de ações integradas possibilita ao jovem um processo de animação social, vinculando-o aos grupos de amigos. A participação em atividades de entretenimento e competições desportivas significa para os jovens tempos de descoberta e criatividade. Segundo o que os sujeitos relataram, no lazer procuram fazer escolhas livres em atividades com agrupamentos e interações com outros jovens, preferindo na maioria das vezes participarem nos esportes coletivos, conforme a narrativa da jovem: *por um tempo fiz teatro e cantava no coral da igreja, parei quando eu mudei de escola, o grupo que eu participava era da outra escola e não consigo mais reunir com eles porque ficou longe pra mim, esses momentos de encontro era muito importante, ajudava e desestressar, agora jogo vôlei com os meus colegas da nossa rua.*

O entretenimento e o lazer ajudam o jovem no desenvolvimento de competências afetivas, emocionais e sociais, despertando a dimensão sociocultural como ponte de relacionamento no grupo etário, tirando o jovem do isolamento social, mediante as condições para melhorar suas habilidades interpessoais, conforme poderemos perceber na apresentação de uma jovem: *eu sou muito tímida, mas na cidade que eu morava no ano passado gostava de participar de um grupo na igreja que ensinava violão, dança, pintura, crochê, mas eu parei quando vim para Manaus.*

Acho uma oportunidade para conhecer pessoas novas e aprender coisas diferentes, fiz vários amigos.

O desenvolvimento da sociabilidade em uma das questões a ser considerada nas atividades de lazer, mediante as relações interpessoais ocorre à aproximação e vivência dos jovens em grupos diversos, com a diminuição do estado de tensão. Na prática de lazer os jovens estabelecem pontos de apoios, valores e processos identitários com o grupo de amigos, através de momentos de integração social.

Já participei de vários grupos de esportes como o de futebol, vôlei, handebol, fazia teatro, fiz uma peça de teatro em 2014, que era com um grupo formado de amigos no nosso bairro, hoje em dia não existe mais pois o diretor da peça está doente e não pode mais trabalhar. Nós decorávamos os papéis, interpretávamos os personagens e nos apresentávamos em vários lugares. O nome do nosso grupo era "Os novos talentos", era muito divertido, fizemos apresentações em hospitais, como o 28 de Agosto e Hemoam, foi um grupo muito alegre, um tempo muito bom, levamos alegria pra muita gente, acho que todos precisam ter acesso nas atividades de cultura e lazer.

A partir de Silva (2012, p. 73), “Hoje sabemos que o lazer deve ser encarado como área multidisciplinar, para a qual são necessários diversos profissionais de diferentes campos de atuação para que se construa um conhecimento provindo de visões distintas de uma mesma situação”. Também os momentos de divertimento e repouso devem ser considerados no lazer, bem como a dimensão do desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais.

Na sequência dos debates, quando surgiu no grupo focal às indagações sobre a infraestrutura dos bairros em que os jovens residem e os equipamentos ofertados para a prática de lazer e entretenimento, bem como a existência de espaços construídos para prática de esportes e manifestações culturais, observamos que as respostas evidenciaram que os bairros em que moram encontram-se completamente desestruturados, com insuficiência de equipamentos para atividades de entretenimento.

Segundo os sujeitos os espaços públicos existentes como praças, campos de futebol ou quadras estão danificados, abandonados, destruídos pelos vândalos ou tomados por vendedores ambulantes, bem como certos espaços estão demarcados pelo tráfico de drogas, locais que não é permitida à circulação livremente da população residente, sendo que muitos sujeitos ficam segregados no próprio bairro onde vivem. Os jovens informaram que determinados logradouros

públicos circunscritos no espaço do bairro estão demarcados pelos traficantes e são conhecidos como as *áreas vermelhas do bairro*.

Desse modo, de acordo com o relato dos jovens, são múltiplas as dificuldades que precisam enfrentar nos bairros periféricos em que residem, dentre esses obstáculos aparecem a insuficiência de serviços públicos como limpeza, tratamento de esgotos, iluminação, serviços médicos e segurança. Quanto à ausência de equipamentos de lazer e entretenimento esse cenário reflete as condições de vida imposta aos moradores dos bairros periféricos da cidade de Manaus, demarcando o estado de precariedade e exclusão.

Poderemos observar o relato de uma jovem moradora do bairro Novo Israel II quando discorre a respeito das várias dificuldades encontradas no bairro, bem como a falta de segurança para transitar nos espaços públicos:

Moro no Novo Israel II, lá não tem nenhum lugar para a prática de lazer, até por que não é seguro ficar andando por lá. Eu evito ficar andando pelo bairro, as pessoas encaram muito a gente. A única praça que tem não é apropriada, tem esgoto a céu aberto, com lixo espalhado por toda parte, sem cuidado, é cheia de marginal, é cheia de mato, toda abandonada, por isso eu não frequento, tem muitos garotos que ficam por lá para vender drogas.

Na perspectiva de Carrano, (2003, p.21) “O espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens, entram também em relações sociais determinadas, que dão forma ao espaço - bem como aos outros elementos da combinação - , uma forma, uma função, uma significação social”. Desse modo, o espaço expressa a dimensão concreta da estrutura social, evidenciando a complexidade do processo histórico da qual o conjunto social é resultado.

As percepções dos sujeitos sobre a utilização dos espaços na cidade se formam a partir das condições materiais de circulação dentro da malha urbana e da convivência no bairro. A partir das oportunidades de utilização dos equipamentos ofertados para a prática de esporte, lazer e entretenimento os sujeitos passam a se apropriar do território urbano. Quando não existe a distribuição e oferta de bens públicos de recreação, diversão e manifestações culturais ocorrem à segregação dos sujeitos nas zonas periféricas da cidade, convivendo apenas no espaço doméstico, limitando as percepções construídas coletivamente e interferindo na interatividade no espaço urbano.

De acordo com a narrativa dos jovens, a inexistência desses espaços de recreação condiciona o jovem a desenvolver um comportamento de separação, se afastando da convivência nas ruas, dos espaços comuns das comunidades onde vivem:

Moro no Mundo Novo, o único lugar que considero para praticar o lazer seguro é dentro de casa, outro lugar que eu costumo ir é o campo de futebol perto da minha casa, jogo bola no campo, além de ficar sentado na arquibancada, nos reunimos com os amigos, é um lugar de encontro nosso. É um lazer que eu gosto muito. Mas tem certos lugares no bairro que eu não ando por quer tem as bocas de fumo, por que são muitas, estão espalhadas em várias ruas e becos. Toda esquina que você passa tem uma boca de fumo. Já foi muito pior, muito dos traficantes do meu bairro se converteram para Deus e estão na igreja, mas nem todos fizeram isso. Essas ruas eu evito por que tenho medo de andar por elas.

Diante do exposto, verificamos a partir da pesquisa que a produção espacial da cidade se processa de forma desproporcional, se constituindo desigualmente. Percebemos nas impressões enunciadas pelos jovens que na estrutura da cidade que habitam a sua maneira peculiar de se constituir é mediante o distanciamento entre o centro urbano e as periferias. Os sujeitos se isolam dos espaços centrais da cidade, bem como são separados dentro do próprio bairro onde vivem.



Figura 1 – Estudantes residentes no bairro Terra Nova

Fonte: acervo da pesquisadora

Nessa perspectiva, se o bairro se constitui enquanto espaço de sociabilidade, a ausência de campos de relações interfere nas formas de existência dos sujeitos, definindo e limitando as realizações da vida dos jovens, restringindo e reduzindo a vida social como poderemos observar na exposição de ideias da jovem:

Moro no bairro Terra Nova, só frequento a minha igreja e a casa da minha tia. Muitas ruas de lá são perigosas, por que tem bares com muita bebida, bêbados nas calçadas, não costumo sair de casa pra ir na casa de vizinhos, não ando mais na casa das minhas colegas, nem andado pelas ruas do bairro como antes andava com a minha mãe quando eu era criança, não temos mais policiamento, ocorrem muitas brigas de bêbados nas ruas no final de semana, o nosso bairro esta abandonado.

O modelo espacial da cidade de Manaus produz a pobreza, os habitantes da periferia sofrem a precariedade e abandono do poder público. Nessas relações espaciais se definem as circunstâncias precárias de existência dos sujeitos, sendo limitadas as condições de infraestrutura e carência de investimentos materiais nas comunidades para o usufruto dos moradores. Outrossim, os benefícios e condições modernas ofertadas na organização central da cidade, com a dotação orçamentaria destinada à manutenção de espaços arquitetônicos centrais, não são viabilizados, comprometendo a infraestrutura física das zonas mais afastadas, marcando através do abandono os sujeitos que vivem nos locais mais afastados.



Figura 2 – Estudantes transitando no bairro Monte Sinai

Fonte: acervo da pesquisadora

A partir da narrativa da jovem poderemos avaliar as limitações da vida social dos sujeitos que vivem na periferia da cidade de Manaus:

Moro no Monte Sinai e não frequento nem um lugar no meu bairro. Evito andar nessas ruas do bairro que são muito violentas. Quando eu volto do meu trabalho no domingo à noite a minha mãe me espera junto com o meu padrasto na parada do ônibus, é muito perigoso andar sozinha por lá, principalmente a noite é muito escuro. Não temos praça, faltam calçadas pra gente andar, as crianças correm nas ruas, andam de bicicleta no meio dos carros, não tem nenhum lugar pra jogar bola ou fazer algum esporte.

Segundo Abramovay, (2010, p. 46), “as reverberações territoriais são claras pela concentração espacial da pobreza e por sua estigmatização, conjugando as exclusões de classe e de raça. As classes populares são condenadas cada vez mais às áreas degradadas e desatendidas, nas quais precisam sobreviver lidando com diversos tipos de problemas.”

De acordo com a narrativa dos jovens não existem opções para selecionar espaços de convivência e lazer nos bairros, pois a utilização de ruas e praças quando existentes, implicam na disputa de áreas de lazer sendo tomadas pelas atividades comerciais que surgem de maneira desordenada.



Figura 3 - Bairro do Manoá

Fonte: acervo da pesquisadora



Figura 4 – Estudantes nas ruas do bairro do Manoá

Fonte: acervo da pesquisadora

Consideramos a natureza do descaso com a falta de oferta de locais para o lazer dos moradores, bem como a invisibilidade dos sujeitos que vivem nos bairros mais afastados da cidade de Manaus, a partir da narrativa de uma jovem:

Moro no bairro do Manoa, costumo passear na praça do Manoa, mas é uma bagunça, lá vendem pipoca, vende lanche, espetinho, frango assado, vendem bijuterias, lá não tem área de skate, sempre vou tomar sorvete no fim da tarde no sábado ou domingo. Mas tem várias ruas no bairro que eu evito porque são perigosas, tem um lugar de festa chamado de “Gaiolas das loucas”, lá é um baile funk, as mulheres dançam quase nuas, tem um brega em uma quadra, eles fazem tudo para atrair as pessoas, não gosto dessas festas.

O território demarcado no bairro pelos sujeitos que o habitam é carregado de símbolos, produzindo a discriminação dos seus espaços com a incorporação de opiniões que expressão o julgamento da população moradora do bairro, conforme poderemos considerar a partir da perspectiva de um jovem:

Moro na Cidade Nova, perto de casa tem um campo de futebol que frequento com os meus colegas, antes era muito bom, era bem seguro, jogava futebol até tarde da noite, mas agora está ficando tudo muito perigoso, aqui mesmo perto da escola tem uma esquina que é bastante perigosa, várias pessoas ficam usando drogas, procuro ficar muito atento pra evitar essas ruas, pra não me envolver em confusão.

Segundo Carrano, (2003, p. 162), “a noção de que nas ruas das cidades se desenrolam práticas educadoras não exclui a constatação de que, junto com situações educativas cidadãs, existe a possibilidade de experiências desagradáveis, senão trágicas, durante a movimentação dos indivíduos nos territórios das cidades. As preocupações das famílias e educadores acerca dos *perigos das ruas* são perfeitamente compreensíveis.

Diante do exposto, uma questão mobilizadora de discussão no grupo focal dizia respeito ao modo como o jovem utilizava o tempo livre, dadas as circunstâncias materiais da vida concreta de cada sujeito. Assim, nas narrativas dos jovens observamos como procuravam organizar e dispor do tempo livre para si, diante das condições disponíveis para o usufruto do tempo para a prática de lazer, para o descanso ou participação nas atividades familiares ou religiosas.

Na narrativa dos jovens percebemos que as condições materiais restringem participação em atividades sociais nos espaços existentes na cidade, quase sempre os sujeitos se mantem

limitados no entorno da residência, ocupando o tempo livre com os familiares e amigos próximos: *no sábado vou pra casa dos meus amigos que moram no meu bairro, estamos montando uma banda de Rock, aos domingos vou visitar a minha filha, ela mora com a mãe dela, só visito ela no domingo, costumo levar ela para passear perto de casa.*

No diálogo com os jovens percebemos que os sujeitos utilizam o tempo livre para a realização de práticas religiosas. As igrejas evangélicas contam com um número expressivo de jovens entre o seu público, bem como os jovens pesquisados informaram que no desenvolvimento da prática religiosa também vivenciam na igreja as manifestações socioculturais e usufruem de espaço de lazer no interior desses grupos, conforme observou uma jovem:

Devemos registrar que quando ampliamos a percepção da participação nos espaços de cultura e lazer dentro da cidade, os jovens responderam que há uma limitação no consumo e utilização de lugares que consideram que estão localizados muito distantes das suas residências como as praças no centro da cidade, prédios históricos, museus, centros culturais, parques e balneários, pois precisam utilizar os serviços de transporte público para poder se deslocar dentro da cidade.

O que mobiliza o jovem a sair dos limites do bairro é a possibilidade de frequentar espaços onde poderá se reunir com os amigos para as atividades socializadoras como a participação em jogos ou grupos de música, como observado por um jovem: *o lugar que sempre vou é no Parque dos Bilhares, pois meus amigos costumam ir sempre lá, tocamos violão, ouvimos músicas, conversamos, trocamos ideias, organizamos os shows da nossa banda, tem vários grupos que frequenta lá como os góticos, emos, cada um na sua, também as pessoas andam de skate e patins.*

Verificamos na verbalização dos sujeitos o desconhecimento da própria cidade de Manaus, sinalizando uma desconexão com o seu tecido social e com tudo o que ela representa tanto no que diz respeito ao seu significado histórico e social, quanto na apreciação dos bens patrimoniais, produtos culturais e naturais. Na fala de uma jovem percebemos a limitação dos familiares em atuarem como promotores dessa integração entre os jovens e a cidade, o que de certo modo passa a modelar a relação identitária e o sentimento de pertença do sujeito com o território urbano:

Eu não conheço bem Manaus, a minha mãe nunca me levou para fazer passeios pela cidade, não conheço o Teatro Amazonas, nunca visitei nenhuma praça, pra falar a verdade não conheço a minha cidade, não sei nem andar de ônibus, fui na Ponta Negra só uma vez em uma atividade da igreja e uma vez no Teatro Amazonas, achei muito lindo, nem sabia que existia algo tão bonito. Tudo eu resolvo no bairro do Manóia, meus pais não saem muito, pra gente passear na cidade o ônibus demora muito.

De acordo com Fernandez (2009, p. 65) “Fazer uso da cidade, (re) conhecendo-a e (re)conhecendo-se em sua cultura, seja como produtor ou como usuário/consumidor das produções de outros grupos e da humanidade ao longo dos tempos, e ajudar a criar e reforçar laços de sociabilidade e de experiência lúdica”. O direito a circulação e apropriação da cidade precisa se constituir enquanto exercício político, com o acesso a espaços públicos e privados. A circulação na cidade de Manaus pelos jovens que vivem na periferia conferem potencial socializador que se expressa por meio da mobilização no espaço urbano.

Um dos problemas informados pelos jovens no decorrer da pesquisa trata da questão das dificuldades de deslocamento dos sujeitos dentro da cidade, com o agravante da problemática da mobilidade urbana. A utilização de ônibus pelos jovens e suas famílias restringe o deslocamento dos sujeitos para poder utilizar os bens culturais e de lazer, bem como inviabiliza o acesso aos locais definidos socialmente para a sua prática. Dentro dessa problemática, a cidade de Manaus é uma das diversas capitais brasileiras que se apresenta com déficits históricos na rede de linhas de ônibus e sérios problemas no transporte urbano. Sendo assim, o cenário da rede de transportes coletivos necessita de melhoria quanto a sua infraestrutura dentro da capital e modernização do sistema.

Diante do exposto, apesar dos jovens circularem em pontos específicos na área urbana, percebemos o desconhecimento dos sujeitos quanto a existência de determinadas normas e códigos existentes na cidade, segundo verificamos no relato de uma jovem:

Como eu trabalho no shopping gosto mais de passear por lá com os meus colegas de trabalho, às vezes marco um cinema com alguns colegas da escola, às vezes vou na Ponta Negra, mas eu não gosto muito da Ponta Negra porque vi que os ambulantes não podem vender seus produtos por lá, já vi vários correndo, são expulsos, tomam as coisas deles, precisam ficar se escondendo da polícia para poder vender, é um lugar tão bonito, mas é para quem tem dinheiro, tudo lá é caro, não é para as pessoas pobres, acho que é mais para as pessoas da elite.

Refletindo sobre a situação apontada pela jovem, com a revitalização do complexo turístico da Ponta Negra, a prefeitura de Manaus definiu normas de ordenamento do espaço, abriu-se licitação para determinar a ocupação de permissionários para a comercialização de produtos como artesanatos, bebidas e comidas em quiosques padronizados. Em épocas anteriores havia a livre comercialização de produtos pelos vendedores ambulantes e atualmente esse comércio não é mais permitido, restringindo a livre comercialização. Assim, somente produtos e serviços autorizados que contribuem com impostos para o município de Manaus podem ser operacionalizados. Constam em várias placas distribuídas na faixa de areia, orientações aos banhistas com avisos definindo o horário de acesso ao banho de 08 às 17:00 horas, bem como a utilização da faixa de areia até as 23 horas, normatizando a utilização do balneário pela população.

No decorrer da pesquisa verificamos com os sujeitos, que a frequência aos espaços privados como shoppings, cinemas, teatros, casa de shows e eventos, se vincula a dependência das possibilidades materiais dos jovens, contando com fatores como as condições financeiras que interferem na utilização desses produtos culturais. Os sujeitos informaram que costumam guardar parte do dinheiro do seu trabalho para poder frequentar o cinema, shoppings e assistir shows das suas bandas musicas favoritas. Ao estabelecerem uma relativa independência financeira dos pais podem ampliar os espaços de convivência social e cultural, porém com limitações devido às condições financeiras.

3.3.2 Dentro ou fora do grupo? A juventude e o consumo

Na organização da sociedade do consumo, um dos dispositivos embutido nessa estrutura é a representação e apelo que surgem dos produtos descartáveis, a partir da produção de materiais que trazem em si a sua obsolescência, criando uma necessidade permanente em consumir bens com data de validade. Essa dinâmica embutida no jogo da mercadoria a ser consumida pelos jovens transforma os sujeitos e interfere nas suas relações sociais.

Assim sendo, os veículos de comunicação, mediante o jogo da publicidade e propaganda, são utilizados massivamente como o canal para promover seus produtos. O marketing exerce seu poder persuasivo mediante a veiculação de peças publicitárias, integrando as estratégias de

convencimento do consumidor, desencadeando frequentemente a necessidade de consumo de bens e serviços muitas vezes desnecessários.

A partir de Catapan e Thomé (1999, p. 78), observamos que a lógica operada pelas indústrias é a divulgação constante de produtos e seus supostos benefícios, que para além da venda de mercadorias, vendem a sensação de prazer e realização íntima. Nesse sentido, as empresas de publicidade utilizam-se de meios de comunicação na promoção do consumismo, ultrapassando o intervalo comercial com o *merchandising* que é a farta apresentação de produtos durante toda a programação, influenciando um conjunto de reações que provocam o comportamento de compra, bem como a exposição de mercadorias em vitrines de grandes lojas como símbolo de status e poder, desencadeando experiências pessoais, sociais e psicológicas na relação com o consumo.

O consumidor encontra-se submerso numa imensa fantasmagoria de mercadoria expostas em feiras, *shopping centers*, verdadeiros mundo de sonhos, constantemente renovados. Os novos processos industriais oferecem oportunidade à arte, à cultura a se deslocar para indústria e o comércio, e estes espaços se revestem de **arte e cultura** propalados pela publicidade, *marketing, design*, de tal modo a reproduzir a oferta infinitamente, transformada em signos. Os indivíduos obtêm, então, um leque amplo de sensações e experiências, ao mergulhar em mundo de mercadorias: no entanto nem sempre vão possuí-las ou consumi-las diretamente, mas satisfazem-se em tê-las disponíveis, apreciáveis – é a dimensão da produção e do consumo dos signos, ou seja, a produção da cultura e do consumo. (CATAPAN; THOMÉ, 1999, p. 78. Grifo do autor)

A problemática do consumismo crescente entre os jovens se apresentou como um dos temas discutidos no grupo focal, sendo que no decorrer dos debates o pensamento dos sujeitos pesquisados sobre as lógicas operadas pelo emergente mercado jovem se revelou aos poucos e nem sempre de maneira coerente. Alguns jovens conseguiram estabelecer relações entre as indústrias que utilizam estratégias para mapear os interesses dos sujeitos, investindo em produtos específicos para a juventude e a intensificação crescente de consumo de produtos pelos jovens.

Diante do exposto, observamos que a veiculação massiva de comerciais e propagandas cercam os sujeitos com a divulgação e apelo das suas ideias, propondo para os jovens uma sociedade banalizada e representada pela lógica do consumo descontrolado. Podemos observar na narrativa de um jovem, que dada às condições materiais dos sujeitos, esses mecanismos de compra e aquisição constante de produtos que surgem no desejo de apreensão e posse de um produto da moda, estimulam experiências que influenciam o jovem a participar constantemente através de um processo desencadeado a partir de um comportamento de compra:

Eu não sou consumista, não acho certo, a gente trabalha para ter um futuro melhor, ganhamos dinheiro para comprarmos as coisas que gostamos, mas não pode haver exageros, tenho amigos que ficam querendo trocar de celular sempre que aparece um modelo novo, mas vejo que o celular dele tem muitos recursos. Acho que nas propagandas de televisão tem muita ilusão e exagero, que é pra fazer a gente consumir mais e mais, sem nem pensar, tem muita propaganda enganosa e que serve para iludir.

De acordo com Lefebvre (1991, p.89), “O fim, o objetivo, a legitimação dessa sociedade é a satisfação. Nossas necessidades conhecidas, estipuladas são ou serão satisfeitas. Em que consiste essa satisfação?”. Segundo o autor, a saturação da satisfação é tão rápida quanto possível, ao mesmo tempo há nos sujeitos uma necessidade crescente e ilimitada por consumir, como um vazio, “um oco bem delimitado”. Alguns estudos apontam que a pós a compra acontece um período de satisfação, em que o produto alcança as expectativas que foram geradas nessa relação, passada essa fase surge à sensação de frustração que impulsiona novas aquisições e consumo.

Logo que atingida, a satisfação é solicitada pelos mesmos dispositivos que engendraram a saturação. Para que a necessidade se torne rentável, é estimulada de novo, mas de maneira um pouquinho diferente. As necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação, provocadas pelas mesmas manipulações. Desse modo, o consumo organizado não divide apenas os objetos mas a satisfação criada pelos objetos. O jogo em torno das motivações as desmente e destrói, na própria medida em que pode agir sobre elas. Mas nem por isso confessa a regra desse jogo. (LEFEBVRE, 1991, p. 89).

Nessa perspectiva, o apelo que surge através das propagandas de produtos que circulam entre os jovens provocam o desejo de consumir de maneira desequilibrada, definindo a cultura das necessidades, por isso os mecanismos que são engendrados nessa veiculação não se restringem a aquisição do produto em si, mas está embutido na satisfação e status que confere para aqueles que o consomem, dotando o sujeito de um determinado poder, bem como delimitando o lugar que ocupa na sociedade do consumo, mesmo que de maneira fugaz, comprando aquilo que vai torná-lo igual ou superior aos outros. Conforme a narrativa de uma jovem poderemos observar: *eu me considero consumista, amo tudo que esta na moda, tenho coleções de sapatos, compro muitas roupas, gosto de gastar com o meu cabelo, compro muitos produtos, as minhas amigas dizem que eu só penso em comprar roupas e sapatos, às vezes eu deixo de comprar um lanche, deixo de ir no cinema, guardo pra comprar sapato e roupa. Se eu tivesse muito dinheiro gostaria de comprar roupas de grife.*

Para Lefebvre (1991, p.101), Os ‘jovens’ querem consumir agora. E rápido. O mercado foi logo detectado e explorado, de modo que os ‘jovens’ tendem a se estabelecer numa vida cotidiana paralela, [...]. Eles marcam com sua presença e com seus ‘valores’ os adultos, os bens dos adultos, o mercado dos adultos”. Devemos lembrar que os amigos influenciam quanto à escolha de marcas, modelos e produtos que os jovens consomem, incentivando o comportamento consumidor, quase sempre são os maiores divulgadores de novos estilos e produção cultural devido ao imediatismo de suas escolhas.

Nesse sentido, no jogo da natureza da sociedade do consumo, o papel desempenhado pela publicidade e propaganda através da divulgação acirrada dos produtos, as peças de marketing e comerciais se sustentam a partir de um arsenal ideológico montado para deslumbrar e persuadir o consumidor jovem. Sendo assim, os jovens são os alvos das estratégias de manipulação embutidas na produção de propagandas que criam valores e conceitos, conforme a narrativa de uma jovem:

Tem muita mensagem e comercial sem noção na televisão e internet, por exemplo o comercial da cerveja com a moça que eles chamam de Verão, que é aquela mulher muito bonita, isso vai influenciar os homens a olhar para a mulher que parece mais um objeto, que tá só mostrando a bunda, o corpo, acho isso um absurdo, não tem nada a ver, é só para aumentar as vendas. As pessoas até chamam uma amiga minha que trabalha comigo no restaurante e que é muito bonita de “Vai Verão”, estão misturando é tudo.

De acordo com Catapan e Thomé (1999, p. 81), “O consumo supõe a manipulação ativa do signo; [...]. A manipulação do signo pela publicidade e pelos *media* mostram que o signo torna-se independente da mercadoria, ou seja, do objeto, e pode estar disponível e acessível em abundância e para a maioria das pessoas”. A indústria do consumo impulsionada pelo marketing define o lugar que “escolhemos” para a diversão, o que comer e beber, que lugar frequentar, o que vestir e com quem devo me parecer.

A discussão dessa temática se revelou de maneira bem interessante devido ao fato de que os sujeitos ao se encontrarem submersos nessas relações não conseguem perceber de imediato os aspectos do jogo da manipulação que perpassa as relações do jovem com o consumo, sendo que a identidade sofre essas interferências, conforme poderemos observar na narrativa de uma jovem:

Eu afirmo que sou muito consumista, se eu ganhasse R\$ 3.000 reais eu gastaria tudo num dia, eu sei como eu ia gastar, comprando sapatos, maquiagens, roupas, indo para bons restaurantes, indo para o cabelereiro,. Também ia Mobiliar a minha casa com o melhor. Gosto de seguir as tendências da moda, vejo os vídeos de moda na internet e crio a minha moda, a minha maquiagem, o meu cabelo. No caso de roupa de grife, eu compraria a calça jeans da marca “Pit Bull” que custa entre R\$ 300,00 e R\$400, reais.

Segundo Lefebvre (1991), a complexidade crescente do “culto do efêmero” esta determinada mediante o engendramentos do consumo maciço de produtos do mercado-jovem pelos sujeitos com a “obsolescência das necessidades”, manifestando-se através da efemeridade dos materiais de consumo, como no caso dos produtos de moda, beleza, equipamentos eletrônicos, veículos como automóveis e motocicletas, bicicletas, skates, patins, bebidas, cigarros e outros que objetivamente são dirigidos aos consumidores jovens, visam à manipulação do desejo que se encontra na ideia que permeiam as relações com os objetos.

A publicidade ganha importância de uma ideologia. É a ideologia da mercadoria. Ela substitui o que foi filosofia, moral, religião, estética. Vai longe o tempo em que os publicitários pretendiam condicionar os ‘sujeitos’ consumidores pela repetição de um slogan. As mais sutis fórmulas publicitárias de hoje em dia ocultam uma concepção do mundo. S você sabe escolher, escolha esta marca. Um determinado utensílio (doméstico) libera a mulher. Aquela ‘essência’ (com um vago jogo de palavras em torno desse termo) combina melhor com você. Este vastíssimo ‘ conteúdo’, estas ideologias capturadas, não impedem a mais concreta solicitude. (LEFEBVRE, 1991, p. 117)

Nesse sentido, as escolhas de mercadorias e produtos fazem parte da cultura criada pelas campanhas promocionais a partir de estratégias movidas pelo “produto, ponto de distribuição, preço e promoção”. Assim sendo, a juventude é envolvida nessa teia sem se aperceber dos emaranhados de propostas para comprar a qualquer custo. O consumo encaixa o jovem em determinado círculo social, definindo o seu lugar na sociedade, criando a ideia do valor que tem o sujeito, conforme deveremos observar a narrativa de uma jovem:

Não sou consumista, já sei usar muito bem o dinheiro que ganho com o meu trabalho, por isso não sigo os lançamentos da moda apesar de trabalhar em um shopping, de circular todo dia por lá, acho que é patético você pagar trinta mil reais em uma bolsa, poderia ajudar uma criança, um orfanato, poderia viajar, ou renovar o seu guarda-roupa. A televisão e internet com um monte de comerciais influenciam muito os jovens. Como trabalho com vendas de cosméticos vou dar um exemplo, como o comercial da Garnier, antes na Comep não se vendia muito essa marca, agora que apareceu no comercial aumentou muito as vendas na loja, as pessoas nem sabiam que existiam esses produtos, agora chegam na loja e já vão pedindo logo os produtos da Garnier, eu até ofereço outros produtos melhores, com preços mais baratos, mas a cliente não quer, parece que não enxergam mais nada. Tem certos produtos de cabelo que tem formol, as

peessoas usam por causa da moda, da marca, não se preocupam com a saúde, tem muito produtos que tem química pesada, podem danificar os cabelos, mas as pessoas querem usar pra ter os cabelos às vezes lisos, às vezes cacheados, basta mudar a moda.

Seguindo nessa trajetória, a indústria da produção cultural, das artes e da música direcionam a vontade e escolha dos jovens. Assim a cultura de consumo se apresenta também no cinema, novelas e seriados de televisão. Ouvimos as narrativas dos sujeitos jovens quanto ao acesso às tecnologias nas experiências de entretenimento com o uso da televisão, circulação e navegação nas redes sociais.

Sendo assim, os sujeitos relataram que antes passavam um tempo maior consumindo programas televisivos, mas estão preferindo a internet. Também informaram que as suas preferências quanto aos programas de televisão estão relacionadas aos programas de humor, programas de auditório e algumas vezes telejornal. Poderemos observar na narrativa de um jovem: *não gosto muito dos programas que passa na televisão, prefiro assistir os filmes e vídeos na internet, só gosto de dois programas que passa na televisão, gosto de um programa de humor "A praça é nossa", para poder dar muita risada, e "A hora do faro", gosto só desses dois programas por que é divertido.*

De acordo com Abramo (1997, p. 73), “Entre os meios de comunicação de massa, da televisão à grande imprensa, passando pelas rádios, revistas etc, assistimos a uma avalanche de produtos especialmente dirigidos ao público adolescente e juvenil”. Podemos observar que os programas de auditório com foco no entretenimento são voltados para o público juvenil, com a circulação de músicas, games e revistas sobre moda e estilo de vida.

Sendo assim, os jovens pesquisados citaram diversas vezes que a programação apresentada na televisão contém “*apelo sexual e são violentos*”. Considerando a frequência dos programas com temática marcados pela agressividade e banalização da vida como uma prática constante, essa veiculação interfere na constituição da identidade dos jovens. Uma jovem demonstrou o seu descontentamento com relação ao exagero e conteúdo agressivo dos programas de televisão:

Costumo assistir desenho com o meu sobrinho, porque é uma coisa fora da realidade, eu me divirto muito, quando eu vejo que em todos os canais de televisão só passam cenas de assalto, violência, pessoas feridas, casal se agarrando, fazendo sexo nas novelas, se

beijando, eu acho isso impróprio, desnecessário, principalmente porque que eu vejo televisão junto com o meu sobrinho que ainda é uma criança, junto com a minha família, eu tenho vergonha de tanta baixaria, acho que a intimidade das pessoas não deve ser mostrada na televisão, não deveriam invadir a minha casa mostrando essas coisas, eles dizem que se limitar os programas de televisão é censura, eu não acho que seja censura, para mim é decência, é respeito pelas famílias, pelas crianças, pelos jovens, pelos idosos, um dia estava assistindo uma novela com o meu sobrinho e mostravam duas mulheres se agarrando, aí eu mudei de canal, eu não sou obrigada a ver o que eu não quero.

O sistema de televisão apresentou diversos aparatos como a criação de hábitos, linguagens, determinou a moda e o consumo dos produtos das celebridades, imprimiu uma nova cultura que passa a ser disseminada pelo público que se tornou o maior divulgador de sua linguagem. Assim sendo, comunicação televisiva influencia os sujeitos que incorporam comportamentos e as características que são veiculadas.

A massificação dos programas televisivos é percebida pelos jovens pesquisados, segundo os sujeitos à televisão apresenta uma programação muito homogênea durante todo o dia, com excesso de exposição de cenas que consideram vulgar, conforme poderemos observar na narrativa de um jovem: *quando estou em casa e tenho tempo gosto de ver o jornal para ficar bem informado, não gosto de novelas, só tem violência, desrespeito entre as pessoas, os filhos não respeitam os pais, os pais batem nos filhos, a mulher trai o marido, só tem confusão, acho que isso não é bom pra ninguém, queria poder escolher melhor o que deveriam passar na televisão.*

Quando entramos na temática sobre as interações nas redes sociais, observamos que os jovens pesquisados utilizam a internet para estabelecer contatos com seus colegas, amigos e familiares. A compreensão que possuem sobre a utilização das redes sociais e a importância para a vida dos jovens atravessa o cotidiano dos sujeitos pesquisados. Os jovens informaram que o objetivo da interconexão em redes sociais passa a ser definida a partir dos interesses, desejos e intenções em desenvolver uma comunicação compartilhada, interativa e mediante a intervenção dos sujeitos.

Para os jovens pesquisados as redes sociais fundam novas amizades e reforçam as relações existentes, pois com a utilização de tecnologias digitais os jovens criam novos processos de mediações com os demais sujeitos. Segundo as narrativas dos jovens, observamos que como a possibilidade de deslocamento dentro da cidade é restrito, as relações em ambiente digital possibilitam um novo trânsito, ao mesmo tempo em que se envolvem com outros sujeitos, circulando em espaços diversos, porém não conseguem dominar o tempo de navegação na

internet, conforme o relato de uma jovem : *agora que eu aprendi a controlar o meu tempo na internet, fico só uma hora por dia, no começo fiquei fissurada, ficava muitas horas no Facebook e Instagram, eu me dedicava mais as redes sociais do que as pessoas que estavam do meu lado, ficava curtindo e postando fotografias, enviava imagens, mas as pessoas que estavam do meu lado eu nem ligava, aprendi a usar as redes sociais, mas também conversar mais pessoalmente.*

No jogo das interações através do compartilhamento de relacionamentos *on-line*, os jovens compreendem a importância de manter e fortalecer as relações interpessoais, expressando a identificação com os familiares e amigos próximos. Segundo a narrativa de uma jovem nas redes de relacionamentos nas quais participa procura manter a focalização e interesses pelas pessoas próximas da sua convivência: *entro todo dia no FaceBook, participo de alguns grupos no Whatsapp, como o grupo das minhas irmãs, o grupo da mãe com as filhas, o grupo dos amigos da escola, o grupo dos amigos do trabalho e o grupo dos amigos da igreja, gosto de conversar com os meus amigos pelo Whatsapp, sinto mais proximidade com eles.*

As pesquisas sobre redes sociais apontam que esse meio de estabelecer relacionamentos sociais apresentou um rápido crescimento nos últimos anos, ampliando exponencialmente as suas demandas. Os pesquisadores endossam o fato de que o acesso e utilização da internet poderá encorajar a participação dos sujeitos, entusiasmando e animando as relações no âmbito social, devido a possibilidade de fortalecer vínculos e contextos na vivência de práticas relacionais mobilizadoras principalmente no caso da juventude.

No entanto, as interações entre pessoas, sujeitos e grupos nas redes sociais, também possui a sua problemática no campo relacional, moral e ético, o que poderá abalar a convivência entre pares, familiares e comunidades. Conforme uma jovem explicou ocorreu uma grande interferência dos parentes na sua página no Facebook, o que ela considerou como uma “*invasão da privacidade*” pelos familiares, gerando um incômodo na forma como a família passou a administrar o espaço relacional com a jovem: *Antes eu usava direto as redes sociais, agora estou procurando me dominar mais, por quer já me envolvi em alguns problemas com pessoas da minha família. [...] Fiz o bloqueio de várias pessoas da minha família que viam as minhas fotos, faziam comentários e depois iam comentar na minha casa, ficavam falando pra minha mãe me vigiar, comentavam com outros parentes, faziam muita confusão, tirei todos da minha família do meu Facebook.*

Nas redes sociais os sujeitos se valem do anonimato, sendo que nos seus relacionamentos criam um cenário próprio desvinculado da realidade concreta. Assim, os jovens desejam ao usar as redes sociais o espaço da liberdade, pois é notório que gostam de comunicar-se com os amigos de maneira que não sejam influenciados e controlados pelos familiares, posto que não pretendem ficar sob a sua vigilância, não passando pela sua interferência ou supervisão. O jovem acredita que no ambiente das redes sociais há certa “invisibilidade” com a diminuição de controle pela família como se houvesse maior liberdade para atuar.

Seguindo nesse percurso, nos encontros com os jovens dialogamos sobre a cultura musical da juventude. Nesse processo, os sujeitos participantes da pesquisa passaram a relatar as suas experiências com a música. Nas narrativas surgem que selecionam as trilhas sonoras com base na emoção, na procura de diversão e como momento de distração. Também falaram da utilização da música para relaxar, dormir, estudar e para se relacionar com os amigos, participando de grupos, trocando informações sobre cantores que apreciam, citando as bandas e músicas que costumam ouvir, oportunizando a elaboração de um processo identitário entre o grupo juvenil.

O estilo musical consumido pelos jovens pesquisados também revela a massiva veiculação da música gospel no cenário atual no meio da população jovem. Como sinalizado anteriormente às escolhas religiosas são influenciada pela família, amigos e namorados. Segundo um dos jovens pesquisado a música cristã se apresenta como possibilidade de ajudar a melhorar as suas atitudes, com a capacidade de interferir na sua conduta, modo de compreender as suas dificuldades pessoais, conforme a narrativa de um jovem: *eu gosto de um hino evangélico que se chama "Saudosas lembranças" [...]. Tem outra música que é conhecida, que mexe comigo, me ajudou muito a refletir sobre as minhas atitudes é a musica da cantora gospel Jamily que se chama "Conquistando o impossível", é uma música que me ajudou muito quando eu estava com problemas[...].*

Outra jovem participante da investigação informou que a música gospel ajudou a vencer um momento de muitas dificuldades quando ficou grávida, pois não sabia como iria contar para a sua família. A jovem informou que atualmente participa do coral da sua igreja: *gosto muito das músicas da Bruna Carla, ela é cantora de música Gospel, o nome da minha música preferida é "Quando eu chorar". [...]. Quando eu canto essa música lembro do período difícil que precisei*

enfrentar ao ficar grávida, meu namorado não queria, mas a minha mãe aceitou, por isso essa música é muito importante pra mim.

A importância e influência da música para a juventude é significativo em virtude de que o sujeito nessa época da vida está em busca de seus ideais pessoais e sociais, desenvolvendo interesses pelas questões mais problemáticas da sociedade, bem como as músicas selecionadas pelos jovens demonstram preocupação com as dificuldades da comunidade e dos sujeitos, conforme poderemos notar na narrativa de uma jovem: *gosto de ouvir rapper, letras que tem conteúdo, que traga uma mensagem para o jovem não praticar o mal, não usar drogas, defender os seus direitos, conquistar os seus ideais, lutar por uma vida melhor, gosto de bandas com letras de música que a gente possa ouvir e refletir.*

Na realização da pesquisa, observamos a dimensão dos gostos e estilos musicais dos jovens, passando a definir outros gêneros, dimensionando os estilos e ritmos de interesse dos sujeitos, atribuindo a identificação do jovem com grupo que também se utilizam dos mesmos interesses musicais, conforme a narrativa de um jovem: *gosto de “Thrash Metal”, é como se fosse uma extensão do “Heavy Metal” com o “Punk”. Gosto de uma banda daqui de Manaus, se chama “Nekrost”, sempre encontro os meus amigos da banda e tocamos juntos, a música nos aproxima por que temos os mesmos gostos, formamos um grupo que gosta dessas músicas.*

O grupo pesquisado apresentou interesse pela temática conversando sobre a diversidade de estilos musicais. Nos debates percebemos que a música marca profundamente o contexto de interações entre os jovens, pois a discussão se manteve animada, sendo que os sujeitos desejavam apresentar seus conhecimentos quanto à cultura musical de cada um.

Dentre os estilos citados surgiu o interesse em conversar a respeito da Música Popular Brasileira, pois segundo um participante observou para muitas pessoas os jovens somente se interessam pelas músicas da cultura Pop. De acordo com a narrativa do jovem o seu gosto musical foi formado na infância com os pais: *me considero bastante eclético, [...], mas gosto de ouvir o rock nacional, gosto do Los Hermanos, Legião Urbana, Cazuza, acho importante que o jovem goste de música nacional para que não se perca a nossa história.*

Devemos considerar que na formação da identidade dos jovens a música tem um significado profundo, transcendendo a mera audição dos acordes músicas, as mensagens emitidas

se desenvolvem para além das palavras entrando em contato com as questões que acessam os campos da sensibilidade, autoestima, equilíbrio emocional, organização das ideias e cognição da mente dos sujeitos jovens. Segundo a narrativa de uma jovem observamos: *gosto de música lírica, quando ouço me ponho num estado de felicidade e eternidade, sinto tranquilidade, muitas vezes se estou triste, ouço aquela música que eu gosto, acaba me aliviando, me acalmando, a música ajuda muito a pessoa a se acalmar, a música nos ensina, tem músicas que parecem que contam a história da nossa vida, como se estivesse falando com a gente.*

Desse modo, outro tema de debates que interessa aos jovens é a expressão da cultura cinematográfica através do cinema, os personagens, cenários, figurinos e trilhas sonoras, mobilizam o interesse dos jovens, sendo que nesses enredos os jovens são os protagonistas de muitas histórias. De acordo com Pereira (2009, p. 9), “a representação da juventude na mídia contemporânea está diretamente associada a categorias como felicidade, sociabilidade, amizade, liberdade e modernidade.” Surgem marcas e produtos vinculados à idealização da juventude, transformando-se simbolicamente em vantagem na sociedade de consumo. A apreciação de diversos gêneros de filmes e o gosto por histórias que circulam entre os jovens são formados a partir da veiculação na mídia, definindo os interesses por determinados produtos culturais criados para atingir esse segmento social com o lançamento de roupas, acessórios e produtos tecnológicos.

Entrando nos debates no grupo focal sobre o cinema e os gêneros preferidos dos jovens pesquisados, poderemos refletir a partir da narrativa de um jovem que as preferências giram em torno dos estilos com base nos lançamentos de filmes que criam um modismo: *gosto mais de filmes de ação em um contexto estratégico, também aventura, também de séries como Prison Break, gostei do filme “Quinhentos dias com ela”, é uma comédia romântica que fala sobre o amor entre um casal de namorados.*

A representação da juventude pela mídia perpassa o interesse desse público pelas histórias e narrativa que se desenvolvem a partir de representações do amor idealizado, impossível de se realizar, conforme poderemos observar na narrativa de uma jovem: *o meu gênero preferido é Romance, gosto dos filmes “A culpa é das estrelas” e “Um amor para recordar”, prefiro assistir filmes que falam sobre o amor, histórias que as pessoas fazem tudo para ficarem juntas, mas que nunca pode acontecer de verdade.*

A ideia do cinema atual para os jovens se desenvolve a partir do perfil do consumidor de produtos descartáveis, seguindo a trilha da ordem vigente do cinema “*fast-food*”, organizado através da montagem dos programas exclusivamente para a diversão sem compromisso com a formação cultural dos jovens.

Entretanto, percebemos que também alguns jovens pesquisados valorizam os filmes que desenvolvam narrativas que ajudem o sujeito a melhorar o entendimento sobre si e sobre o mundo, conforme a exposição de um jovem:

Gosto muito do gênero de histórias e biografias, mas eu não gosto de filme de violência, nem de filmes de terror, acho que não faz bem pra nossa mente. Estou assistindo mais os filmes que me ajudem a pensar. Assisti recentemente dois filmes que eu gostei muito, como por exemplo, "Deus não está morto", esse filme me ajudou muito por que ele diz que não podemos ir pelo que os outros nos falam, pois cada um crer no que acha certo. Gostei muito do filme "O menino do pijama listrado" me ensinou que mesmo nas diferenças entre as pessoas pode existir amizade verdadeira.

Nesse sentido, entramos na temática da literatura e os sujeitos participantes da investigação concordaram que é fundamental desenvolver o gosto pela leitura, apesar de que alguns jovens informaram que não apresentam uma constância na utilização da literatura como atividade a ser usufruída nos tempos livres. O interesse dos jovens pelo universo literário se expressa mediante o interesse por diversos gêneros, conforme a narrativa de uma jovem: *meus livros preferidos são de ficção científica e policial, já li mais de vinte livros desse gênero. Estou lendo atualmente dois livros "Instruções para salvar o mundo" e o "Velho e o Mar", essa história tem uma lição de amizade entre pessoas de idades diferentes, também gosto de livros de autoajuda, histórias de superação de pessoas que tiveram problemas na vida e depois tiveram êxito na sua vida.*

Desse modo, segundo um jovem informou devido ao seu trabalho e as atividades com a escola não tem conseguido ampliar a sua experiência com a literatura, apesar de gostar de ler: *gosto do gênero de aventura, os livros que mais gosto é da série Percy Jackson, percebi que é totalmente diferente dos filmes, que considero que foi frustrante, gosto também da série Harry Potter, nesse ano só li dois livros, estou com pouco tempo por que estou trabalhando e participando de um projeto, assim que tiver mais tempo passarei a ler mais.*

De acordo com Zilberman, (2012, p. 151), “o autor é uma espécie de porta-voz da visão de mundo dominante, percebida desde sua consciência possível. Ao mesmo tempo, ele se coloca

para além desses paradigmas, pois tem condições de captá-los e representá-los.” Segundo o autor, principalmente no que diz respeito à literatura clássica a obra deixa de ser mera transmissão de textos, se valendo dos personagens que intermediam os fatos e acontecimentos do cotidiano através das narrativas.

Percebemos a preocupação de uma jovem ao demonstrar que o seu interesse pela literatura era resultado do trabalho dos professores na escola desde o momento que começou a ler na infância. Na narrativa da jovem ficou evidente que a sua preferência pelos clássicos da literatura brasileira surgiu com a disciplina de língua portuguesa a partir da mediação do professor: *minha leitura preferida é a literatura brasileira, gosto muito de Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, já li vários livros deles, o meu interesse pela leitura surgiu na minha infância na escola, depois comecei a ler sozinha, depois o professor de português apresentou a literatura brasileira, aproveito o tempo que tenho para ler.*

Observando os jovens pesquisados, compreendemos que quando estabelecem relações com a literatura, buscam encontrar um mundo representado em uma obra que se relacione com o seu universo interior. Nesse sentido, o texto ao dialogar com o sujeito firma um sentido entre o que o jovem sente e o que ele pode descobrir por experiência própria. Diferentemente da música, pintura e escultura, a obra literária caracteriza-se, como já se observou, pela utilização da linguagem verbal, processos importantes entram em contato íntimo com o sujeito, expressando aspectos da imaginação e dinamização do raciocínio, criando habilidades que contribuirão na constituição da identidade do jovem.

3.4 Categoria 4 - O território da escola como espaço de experiências coletivas

Nessa categoria apresentamos as narrativas dos jovens sobre as relações que estabelecem no território da escola, os agrupamentos que realizam, as negociações com seus pares, com os professores e equipe pedagógica. Também como os jovens percebem, elaboram e se apropriam do espaço da escola para as suas vivências nas atividades pedagógicas, de lazer e entretenimento. Sendo assim, consideramos os diálogos com os jovens na perspectiva de refletir sobre a escola enquanto território de práticas sociais que se faz presente no contexto das interações dos sujeitos jovens pesquisados.

3.4.1 O ambiente escolar como lugar do cotidiano do relacionamento juvenil

Refletir sobre os sentidos e os significados do espaço da escola do ensino médio para os jovens requer a nossa aproximação e compreensão dos processos de socialização dos sujeitos no ambiente escolar, bem como perceber como jovens processam a sua vinculação na perspectiva das vivências e experiências com os outros sujeitos que influenciam a construção da sua identidade. Assim sendo, deveremos considerar as múltiplas determinações que configuram a utilização do território pelos sujeitos.

Dayrell (2007, p. 111), “ A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade.” No caso dos jovens pesquisados, as relações sociais se desenvolvem rotineiramente na convivência no ambiente escolar, o tempo dos jovens na escola possibilita a expressão e desenvolvimento de contatos entre os pares, constituindo a condição juvenil.

Os relacionamentos que os jovens constroem na sua prática cotidiana no espaço da escola, se constituem como uma condição essencial que mobiliza os sujeitos para a frequência à escola, conforme poderemos perceber na narrativa de uma jovem:

O meu relacionamento com os meus colegas da escola é bom, a gente brinca, conversa e comenta como vivemos no dia a dia. Tenho dois amigos que considero muito como a dona Maria e o Ronaldo , tive poucos problemas com colegas na escola, como foi o caso de uma colega que eu não botei o nome dela no meu trabalho e ela ficou com muita raiva. Eu me sinto bem apoiada pela dona Maria que é a mais velha da sala e sabe sempre nos aconselhar, ela já tem entendimento e mais experiência que os outros.

Nesse sentido, os melhores amigos influenciam os sujeitos, representando e fortalecendo o sentido de pertença nos relacionamentos, por isso as práticas da convivência grupal marcam a vida da juventude que frequentam a escola, conforme a exposição de uma jovem:

Tenho um bom relacionamento com os meus colegas, os meus melhores amigos é a Lidiane, Marcelo, Carina e Fernando, nunca tive nem um problema com nenhum deles, me dou muito bem com todos, quando eu falo que vou voltar para Santarém eles dizem para eu ficar, para eu continuar trabalhando e me manter. Quando preciso desabafar converso com eles, mas eu não jogo os meus problemas nos outros, acho que as pessoas ficam super carregada, ai eu não gosto, mas sei que posso contar com eles.

Outrossim, deveremos considerar que os amigos mais próximos são a base estrutural que facilita a convivência no ambiente escolar, porém as tensões surgem marcando um estranhamento e estremecimento nas relações de amizade, os pequenos desentendimentos provocam grandes confusões até mesmo com o rompimento dos laços de amizade, de acordo com o relato de uma jovem: *Os meus melhores amigos na escola são a Tatiana e a Geny. Elas não gostaram por que eu fiquei grávida, por que elas disseram que eu sou muito jovem, que só tenho 17 anos, o problema é meu! As minha amigas disseram que eu estou tendo filho muito cedo, mais tem uma que já tem 24 anos, já tá até passando do tempo, falei na cara dela que ela tá ficando é velha pra ser mãe.*

Desse modo, o estabelecimento do campo de diálogo, confraternizações e intercâmbios entre os jovens possibilitam a melhoria e fortalecimento da autoestima, estruturando a importância de pertencer a um grupo social: *me relaciono muito bem com os meus colegas da escola, nos dias que estou bem nos conversamos, brincamos. As minhas melhores amigas são a Adriele e a Fernanda. Procuro a companhia das minhas amigas da escola quando estou triste e com problemas, costumo desabafar com elas, ainda mais nesse momento que minha mãe esta se separando do meu padrasto, procuro sempre as minhas amigas pra desabafar, é mais difícil não ter amigos nessas horas.*

De acordo com Paiva (2007, p. 79), “a pertença a um grupo pode resultar da escolha da pessoa mas também de imposição externa ou do acaso. O importante é a percepção de pertença. Relevante para a pertença é o elemento motivacional da autoestima, que inicia, mantém, modifica ou termina o processo de adesão ao grupo.” Na adesão do jovem ao grupo juvenil a igualdade de interesses e ideais não pressupõem a eliminação das diferenças inerentes a cada sujeito.

No decorrer do processo de entrevista, quando perguntados por quer estudavam no Ensino Médio Noturno, os jovens apresentaram as suas justificativas, considerando a problemática da necessidade de iniciarem as suas atividades laborais dentre outras situações que surgiram, conforme a narrativa de *uma jovem*:

Por quer quando e estudava de dia nas outras escolas, eu bagunçava, jogava bombinha no banheiro, estourava os vasos sanitários, deixava as torneiras ligadas, alagava os banheiros todos, também os professores não vinham eu ficava com muita raiva da escola, a escola era muito bagunçada, fui expulsa das escolas que estudei antes dessa, por isso eu vim para essa escola estudar no noturno em 2014.

Interessante observar que os jovens com a mesma idade dos demais alunos do matutino e vespertino, acreditam que estudar no ensino noturno confere um sentido de maturidade e independência maior em relação aos estudantes do diurno, conforme a verbalização de uma jovem: *eu acho os alunos do dia muito criança, eu não gosto da infantilidade deles, por tudo eles brigam, querem ficar correndo dentro da escola, parecendo criança, prefiro estudar a noite é mais calmo e o pessoal é mais legal, temos outros assuntos para conversar.*

Para Dayrell (2014, p. 88), “a escolha pelo turno noturno nem sempre se reduz aos alunos trabalhadores. Muitos jovens, ainda que não trabalhem, deixam em aberto essa possibilidade, porque necessitam de certa independência ou de se sentir úteis à família”. Além desses fatores o clima escolar do ensino noturno é mais interessante para os jovens. Segundo os jovens informaram o ambiente da escola no noturno é mais “descolado”, “descontraído” e “mais adulto”.

Outrossim, os participantes da pesquisa também informaram que algumas jovens são mães, por isso necessitavam estudar no ensino noturno, precisando conciliar a escola com as responsabilidades da maternidade, passando a demandar a ajuda de outros membros da família para prosseguir nos estudos, conforme a narrativa de uma jovem: *estudo a noite por que eu tenho uma criança pequena, preciso ficar com ela durante o dia, espero a minha mãe chegar do trabalho pra poder vir para a escola, a minha mãe fica com a minha filha, quando eu saio de casa deixo tudo pronto para ela, para não dá trabalho pra minha mãe, ela me ajuda a cuidar da minha neném, se não fosse ela já teria parado de estudar.*

Para Dayrell (2014), cada tempo escolar carrega as representações sociais inerentes as suas etapas, refletindo a diversidade e particularidades do ensino. Na Educação Infantil o tempo é concebido como a condição da flexibilidade. No Ensino Fundamental ocorre à trajetória entre flexibilidade e a rigidez. O Ensino Médio se estrutura a partir da representação do rigor, pois os objetivos de ensino se voltam para a preparação para a universidade e o mundo do trabalho.

Além disso, devido às condições concretas de existência do sujeito, alguns jovens já possuem uma carga extensa de atividades diárias, incluindo o trabalho, estágios, cursos preparatórios e participação em projetos com bolsa de estudos, conforme a narrativa de um participante da investigação: *estudo a noite por conta da minha rotina durante o dia, tudo é muito corrido, por que tenho que trabalhar de manhã e a tarde ainda tenho que participar do*

projeto ProEngenharia na Ufam, a noite venho pra escola, no sábado ainda faço cursinho pela manhã como preparatório para o Enem.

Nas entrevistas e conversas com os jovens sobre o conceito que tem sobre a escola, os sujeitos apresentaram seus pontos de vista considerando as relações de convivência, condições materiais dos professores e segurança no espaço escolar, conforme a narrativa de um jovem: *hoje em dia a escola está muito melhor, melhorou bastante, mas antigamente tinha muita briga nessa escola, as galeras se enfrentavam no meio da rua, tinha muita confusão com galeras e entre os alunos.*

Quando a pergunta envolve o corpo docente, os sujeitos consideram as dificuldades enfrentadas pelos professores, conforme poderemos observar na verbalização de um jovem: *não acho que os professores da escola sejam ruins, mas vejo que os professores têm uma rotina muito dura, ensinar é muito cansativo, vejo que muitos professores tem que dá aula em várias escolas diferentes, tem uma vida corrida, ainda tem aluno que não tem respeito pelos professores.*

Consideramos que há um distanciamento entre a vida dos jovens com seu tempo imerso na escola e o mundo juvenil com a suas experiências e demandas cotidianas, seus problemas familiares e sociais. Ao mesmo tempo percebemos que a problemática da limitação das condições de trabalho dos educadores, a agressividade e violência na relação entre os jovens, o desrespeito dos estudantes com seus professores e a precarização do processo ensino-aprendizagem gera um desconforto na relação pedagógica.

Nesse sentido, percebemos no ambiente escolar que os educadores se incomodam com as suas condições de trabalho, aos mesmo tempo que são cobrados índices favoráveis do seu desempenho. Também identificamos que para os sujeitos a relação ensino-aprendizagem poderia ser mais eficaz, apresentando melhores resultados, conforme observamos na narrativa de uma jovem:

Considero que a escola é um lugar amigável, mas não dá as oportunidades que gostaríamos, por que acaba sendo um lugar onde o ensino é de qualquer jeito por causa da lei, o aluno tem que passar aprendendo ou não, acho errado por que a escola educa para colocar no mundo pessoas de valor, pessoas melhores, se ela aprova de qualquer jeito é como se ela estivesse dando certificado para o aluno ser mais um na vida, não tem diferença entre quem estuda e quem não estuda.

No decorrer da entrevista dialogamos sobre as possibilidades e condições para fazer amizade, em sua grande maioria os jovens respondem que acreditam que a escola é um bom

ambiente para fazer amigos, conforme a narrativa de uma jovem: *a escola é um bom lugar para fazer amizades, nessa na escola nós encontramos pessoas de todos os jeitos, pessoas amigáveis, pessoas tristes, alegres, comprometidas, é possível conquistar amigos e que podem durar uma vida inteira, tenho vários amigos aqui, que gosto muito, sentirei saudades deles quando terminar o ensino médio.*

Os jovens consideram que a escola proporciona experiências de convivências e interações, confirmando que participam de várias atividades com momentos de integração entre todos os estudantes, sendo que esses eventos ajudam nas relações diárias de aprendizagem, conforme a narrativa de um jovem: *são muitos os bons momentos de convivência, quando estou triste e venho pra escola estudar, tudo que eu estava pensando de ruim desaparece através das boas palavras dos professores e dos colegas.*

Desse modo, a juventude atinge diversos níveis na convivência social como a percepção de si e a apreciação, nesse conhecer de si, observa o outro do outro sendo instrumentos essenciais para a elaboração da identidade, marcando as experiências do jovem. Quando o jovem está seguro do seu próprio “eu”, estabelece relações interpessoais equilibrada, suportando as adversidades e diferenças entre os sujeitos, amadurecendo na convivência diária com os outros, superando a sensação de ameaças, reconhecendo os seus próprios valores.

As atividades pedagógicas da escola como feiras, exposição e mostras de projetos movimentam o ambiente escolar, dando vida na participação dos jovens que marcam presença, bem como procuram se relacionar com seus pares: *acontece bons momentos de convivência, temos as feiras com exposição dos projetos, cada disciplina organiza as suas apresentações, também as festas e comemorações da escola, como o dia do estudante, aniversário da escola, temos futebol, vôlei e queimada.*

De acordo com Dayrell (1996, p.137), “A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos [...]”. Nessas relações entre os sujeitos se revelam os acordos e conflitos, estabelecimento de regras com as normas individuais e coletivas. Os procedimentos de apropriação constante dos espaços na escola inclui o campo relacional e a dinâmica da negociação.

Nessa perspectiva, sabemos os momentos de interações são considerados fundamentais para os jovens, porém os sujeitos consideram que são insuficientes a quantidade de eventos realizados na escola:

Acho que poderíamos ter mais momentos de lazer, concurso de calouros, apresentação de danças com a participação de todos os alunos, como temos muitas aulas não temos tanto tempo para participar de outras coisas, tem algumas brincadeiras e lazer que a escola até tenta fazer, até por que não tem aula de educação física a noite, acho que a escola tenta se organizar, mais acaba insistindo e cobrando mais o ensino, os conteúdos e as tarefas são mais importantes.

No grupo pesquisado encontramos o contexto do jovem trabalhador, pois diante da situação de vida precisam organização o seu tempo a partir da relação da escola com o mundo do trabalho. Observamos que a escola definiu as regras para acolher as problemáticas que envolvem esses sujeitos, bem como os jovens nessa condição procuram apoio na direção da escola e professores devido às situações que precisam enfrentar na relação educação e trabalho, conforme observamos na narrativa de uma jovem:

Me sinto bem acolhida pela escola, à escola entende a minha situação por quer eu trabalho, eu posso entrar até às oito horas da noite quando a aula já começou, mas já aconteceu uma vez que ônibus atrasou e não consegui chegar no horário, mas a diretora deixou eu entrar, acho que há um bom entendimento da direção, da pedagoga e dos professores com os alunos que trabalham, por que eles sabem que é difícil trabalhar e estudar, principalmente por que eu trabalho de segunda a segunda no shopping, se não fosse assim eu teria que deixar de estudar.

De acordo com Touraine (1998, p. 77), “quando os docentes se definem como um grupo em comunicação com um outro grupo, o dos discentes, e se interessam individualmente por cada aluno, estes últimos obtêm resultados muito melhores”. Nesse sentido, os jovens compreendem que desenvolver uma relação interpessoal saudável com os profissionais da escola é fundamental para o estabelecimento de vínculos entre os sujeitos.

Assim sendo, a identificação que nasce na relação entre os jovens e a equipe pedagógica, promove no sujeito o desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, os participantes dessas relações sociais se integram procurando encontrar na escola um espaço interativo, conforme a verbalização de um jovem: *me sinto muito bem acolhido pela escola, tenho a amizade da diretora, pedagoga, os professores gostam de conversar com a gente. Eu*

comecei a estudar aqui no mês de maio e todos me conhecem, me tratam bem, pra mim é muito importante ter a amizade dos colegas, professores e diretora.

Nesse sentido, observei que as práticas desportivas no espaço da escola confere ao ambiente escolar uma animação diferente, uma vivacidade que se apresenta nos jovens e na equipe escolar, incorporando a dimensão da ludicidade, lazer e entretenimento. Bem como a motivação gerada nos jogos, desenvolve competências interpessoais e cognitivas, melhorando as interações, conferindo uma perspectiva relacional com base na tolerância, no pertencimento e no respeito às diferenças entre os sujeitos. Apesar de surgirem às disputas na realização dos esportes escolares, verificamos que a presença dos professores e a participação da gestão colaboraram para manter a disciplina nas atividades.

Outrossim, uma das reivindicações dos jovens do ensino médio noturno é a inclusão no currículo de práticas da disciplina de Educação Física, conforme a narrativa de uma jovem: *eu gostaria que tivesse aula de Educação Física, acho que seria uma motivação a mais, muitos alunos deixariam de faltar, por exemplo na sexta-feira que só tem 3 tempos de aula, a gente não tem nem vontade de vir para a escola. Na sexta- feira são tempos corridos, é um dia que não vale a pena vir pra escola, se nesse dia tivéssemos Educação Física, evitaríamos faltar por que seria uma motivação a mais, os alunos não iam querer perder os jogos lá na quadra.*

Nesse sentido, no desenrolar da entrevista perguntamos sobre o que mais gostavam na escola, quais os acontecimentos e situações que eram significativos, sendo que os jovens responderam que as relações entre os pares se configurava como o elemento mais importante, conforme poderemos verificar na perspectiva de uma jovem: *em primeiro lugar o que gosto nessa escola é da minha aproximação com as pessoas, encontrar os meus amigos, vejo que a escola é o lugar que junta várias pessoas de jeitos e comportamentos diferentes, a gente aprende a conviver com pessoas de todos os jeitos, não somos iguais, mas convivemos bem.*

Efetivamente, percebemos que existe no espaço da escola um nós coletivo, um elo que se sustenta na relação sistemática entre os sujeitos jovens e os seus educadores. A escola surge como um dos recursos indispensáveis na construção de vínculos entre os pares e na elaboração da identidade dos sujeitos jovens, mediante as ligações e conexões que emergem nas relações

interpessoais, estruturando os sentimentos de pertencimento a partir da associação entre sujeitos diferentes, aglutinando os pares juvenis no convívio grupal.

Na perspectiva dos jovens, a usabilidade dos espaços físicos existentes na escola dinamizam o processo de aprendizagem. Também citaram que se sentem incluídos na relação com os profissionais da escola, sendo que a presença da gestora é fundamental, conforme poderemos verificar na narrativa de uma jovem: *gosto de usar a biblioteca, eu gosto de ter acesso aos livros, posso emprestar e levar pra casa pra ler, gosto dos professores, pois além de nos transmitir os assuntos da aula, eles nos ensinam sobre a vida, gosto quando tem as feiras e exposição de projetos, gosto da presença da diretora na escola, é muito importante quando ela esta aqui, eu me sinto bem.*

De acordo com Dayrell (2014), a relação da escola com os estudantes do ensino médio reveste-se de grande importância, circunscrevendo-se nas várias interações que são inerentes ao processo ensino - aprendizagem, nascendo da convivência no cotidiano, na relação pedagógica e dialógica entre os sujeitos. Segundo o referido autor, as interações entre os sujeitos no espaço da escola não são superficiais, pois são construídas diariamente. O tempo de convivência dos jovens que frequentam a escola constitui um longo período de aprendizagem na dimensão cognitiva e relacional.

Quanto ao processo ensino - aprendizagem, verificamos que os sujeitos percebem que muitos estudantes são aprovados automaticamente sem participar de todo o processo pedagógico, por isso não concordam com as regras de aprovação automática. De acordo com os jovens, alguns estudantes sabendo que estão com a aprovação garantida em todo o ano letivo, não se comprometem com a sua aprendizagem, conforme poderemos verificar na narrativa de uma jovem:

O que me incomoda aqui na escola é o fato de muita coisa ser de qualquer jeito, por exemplo, o aluno não aprendeu mais tem que passar ele, não pode reprovar, se não é mais um gasto para a Seduc, isso fica cada dia muito claro pra todos os alunos, aprendendo ou não, no final do terceiro ano ele vai ter o certificado dele. Isso me chateia muito, deveria ter aquela pressão que você tem que aprender, não só para passar na escola e sim pra levar para a sua vida, não é para reprovar pra desmotivar o aluno, é pra mostrar que ele precisa se esforçar, falta mais empenho da escola, mas também falta esforço do aluno. O aluno da noite é mais desmotivado, tem que trabalhar, às vezes tem muitos problemas em casa, brigas na família.

Nesse sentido, compreendemos que os jovens observam e buscam parâmetros de qualidade relacionados as atividades de aprendizagem, considerando que a aprendizagem demanda compromisso por parte dos estudantes, para que consigam alcançar um nível de desempenho satisfatório, por isso não concordam com práticas de caráter compensatória na educação para cumprir com normas definidas sem considerar o mérito na aprovação.

No desdobramento da investigação, diversos jovens informaram que se sentem incomodados com a utilização do celular dentro da sala de aula, pois observam que os colegas desconcentravam-se no momento de aprender os conteúdos, conforme a narrativa de uma jovem: *na hora da aula tem muitos alunos que ficam mexendo no celular e não estão ligando para a aula, acho que a direção da escola precisa resolver isso, conversar com esses alunos, o professor vive chamando a atenção, isso atrapalha muito quem quer aprender, depois eles ficam correndo atrás, ficam pedido os nossos cadernos.*

Segundo Dayrell (2014, p. 35) um dos grandes desafios atuais das escolas é procurar desenvolver propostas pedagógicas que dimensionem os aspectos do desenvolvimento cognitivo e afetivo dos jovens, “tocar nossos jovens alunos, trabalhando com eles propostas e atividades que os interesse, que colaborem com a sua formação integral, que os implique e os envolva com a aula, com a escola, com os processos de construção do conhecimento”. Segundo o autor, essa é uma das pautas que a escola tem responsabilidade em cumprir, integrando o currículo com a dimensão relacional.

Desse modo, mesmo quando fizeram as suas criticas em relação à escola, também participaram apresentando proposições para ajudar a melhorar o processo ensino-aprendizagem, conforme a narrativa de um jovem:

Sei que não devemos só reclamar, também devemos trazer ideias, acho que poderíamos melhorar a atenção dos alunos para com os professores, pois alguns dos alunos só pensam em mexer em celular, ficam na facebook, não ligam para que o professor está falando, poderiam criar programas para usarmos o celular, também os tablets chegaram na escola mas ninguém usa, poderiam ser usados pelos alunos nas aulas, nas disciplinas. Tem muitos professores que fazem as provas, depois ficam desapontados com a nota dos alunos, mesmo tendo explicado perfeitamente, acho que esses programas deveriam ser pra ajudar nos estudos, para tirar duvidas, pra gente aprender as matérias, para fazer pesquisa e ajudar nas provas.

Diante do exposto, compreendemos que a juventude possui grande afinidade com o mundo das tecnologias digitais, porém a escola continua operacionalizando métodos lineares e

fragmentados de ensino, mantendo distanciamento das novas formas de aprender, gerando incompatibilidade com os sujeitos que vivenciam experiências em espaços de sociabilidade virtual. As práticas do universo cultural da juventude, principalmente as que empregam as mídias digitais, se constituem enquanto ferramentas de ensino, oportunizando a interlocução com o mundo jovem. A escola precisa realizar práticas pedagógicas inovadoras para dialogar em redes de aprendizagens, seguindo para além do ensino linear, alcançando a geração digital, aglutinando os jovens a partir de saberes construídos colaborativamente, possibilitando a mediação do conhecimento e a autoaprendizagem dos sujeitos.

Todavia, uma das observações realizadas pelos jovens, diz respeito ao fato de que os espaços da escola como biblioteca, laboratórios de mídia e de ciências, são subutilizados. Comentaram ainda que a direção da escola poderia mudar essa realidade, promovendo a otimização desses ambientes:

A minha sugestão é que a escola desenvolva projetos de leitura, sessão de cinema, projetos de ciências na escola, use mais o laboratório de ciências nas aulas, use o laboratório de mídias, a quadra de esportes, tudo isso poderia fazer os alunos participarem mais, diminuiria as faltas dos alunos, o desinteresse faz o aluno abandonar a escola, a escola seria mais interessante pra quem estuda a noite, fico triste que a gente tem biblioteca, laboratórios e quadra para não usar, fica tudo parado.

Segundo informaram os participantes da pesquisa, os tempos de aula do turno noturno, por serem mais curtos e corridos, incomoda bastante os jovens, pois sabem que ficam no prejuízo em relação ao cumprimento dos conteúdos por parte dos professores, conforme a narrativa de uma jovem:

Acho que os tempos de aula deveriam ser maiores, tem pouco tempo de aula, a merenda é corrida, a noite é tudo muito corrido, às vezes o professor faz a chamada, começa a explicar a matéria e logo termina, outro professor entra na sala e o professor nem conseguiu explicar os assuntos, nem deu a aula direito, acho isso um absurdo, acho que é errado, como poderemos aprender fazendo tudo correndo, por isso gostaria de sugerir que os tempos de aula da noite fossem iguais ao tempo do dia.

De acordo com os participantes, dentre as sugestões de melhorias no funcionamento da escola, a merenda escolar aparece como um problema que requer investimento do governo, pois acreditam que a merenda poderia ter um melhor padrão de qualidade. Assim sendo, apresentaram suas sugestões, conforme a narrativa de um jovem:

A merenda dessa escola é muito ruim, acho que a diretora e esse governador podiam fazer alguma coisa, não suporto mais essa merenda, eu colocaria comida que preste e não isso que eles servem, todo dia eles servem biscoito com um suco, não aguento mais, tem gente que vem pra escola para comer, precisam de uma comida melhor, às vezes não tem comida em casa, principalmente quem trabalha vem para comer aqui, muitos saem do trabalho correndo, vem pra escola e não tem uma merenda que preste.

Na entrevista os jovens comentaram que a escola favorece e proporciona o estabelecimento de vínculos de amizade, acreditavam que esse é um dos motivos de gostarem da escola, apesar de saberem que a principal função da escola é ensinar os conteúdos. Também percebemos na narrativa que os participantes acreditam que a escola deveria implantar normas para exigir dos sujeitos um comportamento mais moralizante e disciplinador, conforme a narrativa de uma jovem:

Gosto muito dessa escola, ela favorece a nossa união, fazemos muitos trabalhos de equipe na sala de aula, agora no terceiro ano agente só se encontra mais pra fazer os trabalhos, por exemplo, antes a gente podia fazer a discoteca, mas não tem mais a discoteca e era bem legal, parece que tinham alunos que ficavam bebendo, fumando por isso parou, acho que seria legal se tivesse discoteca e cinema, eu até ia ajudar a organizar. Acho que agora a escola quer se preocupar se agente vai passa de ano, tem os resultados no ENEM, os alunos não podem fazer nada que suje o nome da escola. Mas eu vejo que tem casal de namorado que não respeita a escola, só falta se comer no corredor, se agarram na frente de todo o mundo, ficam se pegando na nossa cara, eu não concordo, morro de vergonha, o aluno precisa se comportar bem na escola, ainda mais as meninas que podem ficar mal falada, para os meninos fica tudo bem.

Entretanto, emergiu nas discussões que a escola algumas vezes atua como repressora das relações de amizade, estabelecendo os limites quanto à intensidade das ligações entre os pares de amigos, determinando o que é permitido e o que é proibido, conforme o relato de uma jovem:

Muitas vezes acho que a escola acaba afastando e separando os amigos que são muito ligados, por exemplo, às vezes alunos que são muito juntos a escola não gosta por que ficam conversando, querem sentar no fundão, ficam se distraindo, os professores não gostam, dizem que o aluno não presta atenção nas aulas, mas às vezes a gente chega cansado vai conversar com o colega do lado até para distrair, desestressar dos problemas do dia a dia, temos problemas no trabalho, problemas no trânsito, às vezes a escola separa um pouco os colegas, muda de lugar na própria sala ou mudando de sala.

Nesse sentido, para outros jovens a escola possibilita uma teia de relações confiáveis e próximas, configurada na cordialidade e amizade entre os sujeitos, conforme observamos na narrativa de um jovem: *eu acho essa escola bem legal, eu chequei aqui em setembro de 2014 e já*

fui falando com todos os alunos das outras salas, também na hora da merenda falo com todos, participo das brincadeiras, quando tem futebol jogo com todo mundo, vejo que ninguém fica isolado, é muito boa essa escola.

O jovem sente no grupo de pertença uma sensação de segurança, buscando o reconhecimento social no espaço da escola, encontra uma nova dimensão das suas experiências concretas, em um mundo separado dos adultos. O espaço vivencial no qual o jovem está inserido possibilita o desenvolvimento de novos papéis sociais. Assim, compreendemos que os jovens procuram constantemente conquistar um sentido de inserção, de pertença a um grupo social, participando e produzindo culturas juvenis.

Os participantes da pesquisa refletiram sobre as redes de amizade que se formam e se ampliam na escola com a participação e integração dos professores. Para os jovens essa flexibilidade no diálogo com os docentes tem grande importância para o fortalecimento da autoestima, conforme a narrativa de um jovem:

Hoje tenho amizades verdadeiras aqui na escola, converso até com os professores, antigamente os professores não queriam saber de amizade nenhuma com os alunos, só estavam ali para fazer seu trabalho. Hoje eles fazem tudo para nos apoiar, nos ajudam quando precisamos, conversam conosco, quando estamos tristes conversamos com eles, eles nos dão conselhos, tiram as nossas dúvidas sobre as nossas dificuldades.

De acordo com Dayrell (2014, p. 35), “penso que estamos diante de um desafio: tocar nossos jovens alunos, trabalhando com eles propostas e atividades que os interesse, que colaborem com a sua formação integral, que os implique e os envolva com a aula, com a escola, com os processos de construção do conhecimento”. Desse modo, observamos no decorrer da pesquisa que o papel da escola ultrapassa a mera reprodução e transmissão de conteúdos, pois o significado da escola para os jovens compreende a possibilidade e o desejo de descobrir novas experiências, estabelecendo canais de comunicação, colaborando na dimensão cognitiva, relacional e comportamental da vida dos sujeitos jovens.

No cotidiano escolar os jovens se reúnem para estudar, conversar, namorar e fazer amigos. Constroem uma rede relacional com encontros e desencontros no decorrer de toda a vida escolar, criando situações de tolerância e solidariedade, ao mesmo tempo o campo da experiência

é invadido pela intolerância e conflitos, brigam e fazem as pazes em um processo que reflete o seu mundo juvenil.

O FINAL DO JOGO

As indagações iniciais que apresentamos como “quem é o sujeito jovem participante da pesquisa?” “Como pensa, sente e compreende o mundo?” “Como se constrói cotidianamente?” “Como vive suas experiências envolvidos em processos identitários múltiplos?” “Quais os desafios que precisa superar na sua vida?” Essas e outras questões nortearam o nosso trabalho, dando a direção e o norte que precisávamos para conduzir a pesquisa, sendo que o processo de investigação se desenvolveu com a interlocução constante com os jovens.

As perguntas que emergiram no decorrer desse estudo nos conduziu para a análise de diversos eixos norteadores que apontamos no processo de investigação, trazendo à tona a reflexão apresentada por Alberto Melucci sobre a “questão juvenil” e a “condição juvenil”, compreendendo que nas últimas décadas as transformações no âmbito socioeconômico, tecnológico e cultural proporcionaram experiências diversas para os jovens, refletindo nas relações entre os grupos de amigos e na construção da identidade.

Nesse sentido, devemos perceber que vários fatores interferiram e influenciaram na nossa compreensão sobre a juventude mediante a sua identidade própria, demandando a reflexão dos seus modos diferentes de pensar a convivência e a interação nos diversos ambientes sociais que ocupa. As atividades no grupo focal e entrevistas situaram as estratégias fundamentais, provocando as situações desencadeadas de diálogos com o grupo de jovens.

Desse modo, constatamos na realização da pesquisa que o conceito de juventude deve ser ampliado, não podendo ser concebido de maneira circunscrita às condições biológicas, pois os fatores sociais, econômicos e culturais interferem sobremaneira na sua elaboração. Ao mesmo tempo, deveremos compreender que a condição juvenil precisa ser discutida e pesquisada em sua

dimensão plural, observando as condições de vida concreta de cada sujeito e as variáveis decorrente de cada experiência.

Diante desses marcos definidores, é importante enfatizar a nossa compreensão sobre o jovem a partir da tessitura do conceito de juventude e da sua condição juvenil no âmbito da pesquisa. As questões sobre a juventude apresentam a sua relevância e referência própria que permite retratá-la em determinado tempo e espaço de acordo com as condições materiais, por isso os resultados da pesquisa são entendimentos provisórios.

Também lembramos que os enunciados referentes ao grupo de jovens pesquisados não são determinantes para a análise de outros grupos, principalmente devido à singularidade dos sujeitos e dos grupos juvenis. Assim, buscamos a compreensão sobre a relação no grupo juvenil e a construção da identidade observando os jovens no campo de pesquisa, dialogando com os sujeitos, discutindo as temáticas pertinentes a sua condição juvenil, encontrando na dimensão da vida do sujeito os procedimentos demarcadores do processo de investigação.

Desse modo, para a compreensão do sentido da identidade do jovem consideramos os aspectos apresentados na investigação que mobilizaram a nossa percepção para a natureza interior e singular de cada sujeito, conforme observamos nas diversas situações que se apresentaram na relação entre os jovens-jovens e jovens-pesquisador, principalmente declaramos a relevância das experiências grupais vividas no desenvolvimento do estudo, colaborando na participação dos sujeitos.

Diante do exposto, conduzimos a nossa reflexão para a compreensão de que o jovem necessita estabelecer sentimentos de pertença ao grupo no qual participa mediante os relacionamentos de confiança e reciprocidade, validando a dinâmica do próprio conhecimento de sua identidade como parâmetros de equilíbrio íntimo consigo mesmo, diminuindo os estados de ansiedade, agressividade e imediatismo.

Nesse sentido, passamos a compreender que a identidade do jovem se estrutura no grupo familiar a partir da infância, sendo atravessada por processos de elaboração identitária com experiências diversas e complexas, apontando possibilidades de alterações e mutabilidades de acordo com as vivências e acontecimentos que permearão as relações sociais nos contatos estabelecidos pelo jovem com outros sujeitos. A função socializadora que encontramos na família, no grupo de amigos, nas relações que os jovens desenvolvem nas imediações do bairro

onde vive e nas ruas da cidade de Manaus, nas praças, escolas e igrejas colaboram na construção da identidade do sujeito jovem.

Consideramos que a questão da identidade é bastante complexa, pois como o jovem se abre frequentemente para participar de novas experiências no grupo de amigos, se constrói e se reelabora constantemente. As atividades na qual participa e as vivências no cotidiano no grupo de pares provoca a sua reformulação em um processo constante, muitas vezes seguidos de desequilíbrios e rebeldias.

Buscando compreender a relação grupal e a formação da identidade dos sujeitos pesquisados, verificamos que são variados os mecanismos de integração que surgem no decorrer das interações com os jovens, pois percebemos como principais referências à ancoragem na família e no grupo de amigos. Assim, verificamos que a identidade é mobilizada de acordo com os interesses com os quais o jovem transita em espaços de participação na cidade, desenvolvendo a dimensão do protagonismo como elemento importante para a sua vida de jovem.

Desse modo, esse é um aspecto bastante importante, pois situa a discussão na relação que o jovem estabelece com seu transitar no contexto urbano, presenciando e desenvolvendo relações sociais que conferem à dimensão da experiência o encaminhamento para o autoconhecimento de si e reconhecimento do outro, conhecimento da cidade e do lugar em que vive. Porém, cabe a nossa reflexão sobre os limites impostos nas relações matérias entre os sujeitos que não acessam o espaço dentro da própria cidade, denunciando uma situação de segregação dos jovens pesquisados.

No desenvolvimento da investigação verificamos contraditoriamente que na estrutura das relações sociais ocorre a ausência do poder público nas variadas demandas da juventude, pois é complexa a rede de necessidades dos sujeitos jovens pesquisados em que o estado não comparece, se omitindo em seu papel de promotor dos direitos sociais.

Diante desse quadro, observando o interesse dos sujeitos participantes da pesquisa pela dinâmica social, verificamos que os jovens são atraídos pelas atividades que são mobilizadoras de suas habilidades e competências, por isso a necessidade do poder público estruturar ações de caráter socioculturais na sua dimensão plural considerando as diversas juventudes, contemplando programas e projetos na comunidade e na escola, principalmente focalizando os jovens da periferia da cidade de Manaus que se encontram marginalizados nos bairros, compondo uma

grande parcela de sujeitos das camadas populares e que ainda não são reconhecidos como sujeitos de direitos.

Referência

ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artemed, 1981.

ABRAMO, Helena Wendel; LÉON, Oscar Dávila. In: FREITAS, Mara Virgínia de (org). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. Editora ação educativa. 2007.

_____ Juventude e cultura. In: Cartilha Dito e feito. São Paulo. No. 4, 2001.

_____ Cenas Juvenis Punks e darks no espetáculo urbano. Página Aberta: São Paulo, 1994.

_____ Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes (orgs). Juventude em debate. Ed. Cortez. 2005.

ABRAMOVAY, Miriam et al. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, SETUR e Garamond, 2006.

_____ Gangues, gênero e juventudes: Donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

AMARAL, Vera Lúcia do. Psicologia da educação. Natal, RN: EDUFRRN, 2007.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2010.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Guareski, Pedrinho. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRITO, Luiz Carlos Cerquinho de. *Formação, socialização e construção do conhecimento do adolescente*. Tese de Doutorado, Porto Alegre, URGs: 2002.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; DAYRELL, Juarez; BRENNER, Ana Karina. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Faperj, 2002.

_____. *A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões / Ação Educativa*. – São Paulo: Ação Educativa, 2003.

CASTRO, AL., org. *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 213 p. ISBN 978-85-7983-095-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CATAPAN, Araci Hack; THOMÉ, Zeina Rebouças Corrêa. *Trabalho e consumo: para além dos parâmetros curriculares*. Florianópolis: Insular, 1999.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A história do Severino e história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez;1995.

_____. *O cotidiano e as pesquisas em educação*. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Novos*

enfoques da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1994.

COSTA, Márcia Regina da. Culturas juvenis, globalização e localidades, In: Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana, Elizabeth Murilho Silva e Márcia Regina da Costa (orgs.). São Paulo: EDUC, 2006.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino de sociologia no ensino médio. In: PLANCHEREL, Alice Anabuki; OLIVEIRA, Evelina Antunes. Leituras sobre sociologia no ensino médio. Maceió: Edufal, 2007

_____ Juventude, grupos de estilo e identidade. Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

_____ A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____ Escola e culturas juvenis. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Orgs.). Políticas Públicas: a juventude em pauta. 2ª Ed. Ação Educativa. Fundação Friedrich Ebert. São Paulo: Cortez, 2008.

_____ Juventude e Contemporaneidade. Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____ CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 135-154.

_____ A juventude no contexto do ensino da sociologia: questões e desafios Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

_____. Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/pdf/IS1020006.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014.

DIAS, Marília da Conceição da Silva. Fatores de risco na delinquência juvenil: O grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas. Dissertação de Mestrado, Portugal, Universidade do Porto: 2012.

ERIKSON, E. *Identidade: Juventude e crise* (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GATTI, B A. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1989.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Escolhendo o percurso metodológico. Iniciação à pesquisa científica*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

FERNANDES, Renata Sieiro; GROppo, Luís Antonio; PARK, Margareth Brandini. *Cidade: Patrimônio Educativo*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MACHADO, Rosana Pinheiro. O rolezinho é bom para pensar o Brasil: reações aos encontros de jovens ajudam a entender questões estruturais do país. Porto Alegre, 18 de jan. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/etnografia-do-201crolezinho201d-8104.html>.

Acesso em 09/07/2014.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARLATT, Beatriz C. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena W. ; BRANCO, Pedro P. M.(orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 303-322.

MELUCCI, Alberto. O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

_____A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução BONFIM, Maria do Carmo Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____ Juventude, tempo e movimentos sociais. In: revista brasileira de educação. Tradução PERALVA, Angelina Teixeira. Mai/Jun/Jul/Ago N ° 5 Set/Out/Nov/Dez N ° 6.. 1997. P. 5-14.

MEZZAROBA, C.; ZOBOLI, F. Teoria e pratica na educação física escolar: das tensões históricas às possibilidades de superação. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.16, n.3, p, jul./set.2013.

MEZZAROBA, Verônica Moura. Apercepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. *Revista Digital*. Buenos Aires, n° 182, 2013. Disponível em: <http://www.Efdportes.com>.

MINAYO, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2009

MISCHE, Ann. “De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política”. In: ANPED, São Paulo, vol. 5 e 6, maio/dez, 1997.

OLIVEIRA, Patrícia Andreia da Silva. Atitudes e crenças antissociais na delinquência juvenil: diferenças em função da idade, do gênero e do padrão antissocial. Dissertação de Mestrado, Portugal: Universidade do Porto: 2011.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. In: revista análise social. Vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), p. 139-165.

_____ Culturas Juvenis. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

_____ Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (Org.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PAIVA, Geraldo José de. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. Porto Alegre, PUCRS, v.38, nº.1, pp77-84, jan/abr. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article>

PICHON – RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal> São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, Paulo Cesar Pinho. O uso indevido de substâncias: esteroides anabolizantes e energéticos. Revista adolescência, 2001. Disponível em: [http://www. Educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.Educadores.diaadia.pr.gov.br)

SANTOS, Raimundo dos Santos. Tipos de pesquisa científica. In: Metodologia científica: a construção do conhecimento. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Palavras e imagens sobre a amizade jovem na contemporaneidade. Educação e Realidade. Porto Alegre, v37, p.163-168, jan-abr, 2012. Disponível em [http:// www.ufrs.br/edu_realidade](http://www.ufrs.br/edu_realidade).

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Justiça na escola: Bullying. Conselho Nacional de Justiça. Brasília: 2010.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. SALLES, Leila Maria Ferreira. Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon Hutz. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicol. estud.* vol.13 no.2 Maringá Apr./June 2008

SPOSITO, Marília Pontes. Jovens e educação: novas dimensões da exclusão. *Em aberto* ano 11, n. 56, Brasília, out/dez 1992, p. 43-53.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

SCHUTZ, Will. *Profunda Simplicidade*. São Paulo: Agora, 1989.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Palavras e imagens sobre amizades jovens na contemporaneidade. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 163-185, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

TOMÉ, G., Camacho, I., Matos, M. G. & Diniz, J. A. (2010). *A Influência da Comunicação com a Família e Grupo de Pares no Bem-Estar e nos Comportamentos de Risco nos Adolescentes Portugueses*.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VALE, Tânia Gracy Martins do; MELCHIORI, Lígia Ebner. *Saúde e desenvolvimento*

humano. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

VIANA, Melvi Aranibar A. O papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento do adolescente. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada: 2001.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In:

ZIMERMAN, Osório> Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.